

# **Uma História da Guerra Viking**

*HISTÓRIA E LITERATURA GERMANO-ESCANDINAVA*

Série dirigida por

Renan Marques Birro

1. *Mito e Guerra na Historia Langobardorum*

Jardel Modenesi Fiorio

2. *Poder e Sociedade na Noruega Medieval*

Pablo Gomes de Miranda

3. *Uma História da Guerra Viking*

Renan Marques Birro

4. *Orgulho e Tragédia em "A saga de Kormak"*

Tiago Quintana

3

# Uma História da Guerra Viking

**Renan Marques Birro**

***Direção***  
*Renan Marques Birro*



*Departamento de Línguas*

Copyright 2011 © Renan Marques Birro

**Edição:** Renan Marques Birro

**Projeto Gráfico, diagramação e capa:** Renan Marques Birro

**Imagem da capa:** Manuscrito islandês SÁM 66 fol., a cura do Stofnun Árna Magnússonar í íslenskum fræðum (Reykjavik, Islândia).

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B539h

Birro, Renan Marques

Uma História da Guerra Viking / Renan Marques Birro. - Vitória: DLL/UFES, 2011.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-61857-05-9

1. Escandinavos 2. Noruega. 3. Islândia. 4. História. 5. Sagas islandesas. 6. História Militar. 7. Guerra. 8. Literatura. 9. História Medieval. I. Título: Uma História da Guerra Viking.

CDD: 945

CDU: 94(36)

2011

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS / Biblioteca Setorial

Avenida Fernando Ferrari, 514, CCHN Goiabeiras

CEP 29075-910

Tel.: (27) 4009.2881

SOBRE A SÉRIE, i

PREFÁCIO, iv

INTRODUÇÃO, vii

PRIMEIRO CAPÍTULO

*Relação de fontes, 01*

- I. A Historia Norwegiæ (c. 1150-1200), 1
- II. A Historia de antiquitate regum norwagiensium (c. 1177-1188) – Þórir munkr, 6
- III. A Ágrip af Nóregskonungasögum (c. 1190), 8
- IV. A Egils saga Skalla-Grímssonar (c. 1220-1230), 10
- V. A Heimskringla (c. 1230) – Snorri Sturluson, 12

SEGUNDO CAPÍTULO

Uma contextualização histórica: os primeiros séculos, 15

- I. A Dinamarca, 19
- II. A Noruega, 24
- III. As ilhas do Norte e a Islândia, 26
  - 1. A colonização da Islândia, 31
  - 2. A organização política islandesa, 34
  - 3. A cristianização da Islândia, 39
  - 4. A concentração do poder nas mãos do goðar, 41
  - 5. O acúmulo de poder (sécs XI-XIII): o fim da liberdade islandesa, 44

TERCEIRO CAPÍTULO

A literatura islandesa medieval, 49

- I. A autoria nas sagas islandesas, 53
- II. As relações entre a literatura islandesa e a História, 57
- III. O jogo, o mito, a guerra e a longa duração, 60

QUARTO CAPÍTULO

A Egils saga: uma síntese, 63

## Índice

### QUINTO CAPÍTULO

A Batalha de Víñheið (c. 937): armamento e organização da guerra viking na Egils saga, 67

### SEXTO CAPÍTULO

A imagem dos guerreiros odínicos na literatura germânica e escandinava, 87

### SÉTIMO CAPÍTULO

A Batalha de Hafrsfjord (c. 890) na Egils saga, 105

### OITAVO CAPÍTULO

Considerações finais, 117

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 123

# Agradecimentos

*Tentarei ser justo em meus agradecimentos.* Fui bastante auxiliado durante a Graduação e pretendo prestar minha homenagem aos mestres, parentes, amigos e colegas que contribuíram com minha formação intelectual e pessoal. Porém, a memória, como disse certa vez Marc Bloch, retém o que causa maior espanto à alma. Logo, peço perdão antecipado caso algum ente querido seja esquecido, não por sua falta de importância, mas por total e completo costume pela contínua ajuda oferecida, que se tornou habitual e foi ignorada apenas pelo exercício perene da gentileza.

À minha família, que me amou e apoiou durante esta jornada: meu alicerce, meu refrigerio e, principalmente, meu exemplo. Sem vocês eu jamais chegaria tão longe. Mônica, Ronaldo e Rebeca: amo vocês.

Aos meus irmãos Jardel e Rubens, com quem dividi boa parte da vida acadêmica, em sala de aula ou nos arredores da Universidade. Aprendi que irmãos não se fazem com o sangue, mas com a companhia, a verdadeira amizade e a solicitude em tudo que precisei.

Ao mestre e amigo Ricardo: sua cuidadosa orientação, seu auxílio e seus inúmeros conselhos foram vitais para minha formação acadêmica e pessoal. Sua ajuda foi fundamental para a realização dos meus sonhos, e seu empenho em ensinar sempre foi uma inspiração para mim. Agradeço profundamente a paciência e a presteza que sempre me ofertou.

Ao Prof. Dr. Rogério Rosa (UFSC) e ao Prof. Dr. Geraldo Soares

(UFES), que mais me marcaram durante a Graduação além do meu orientador, por defenderem um olhar múltiplo e crítico ao fazer a História. Meus sinceros agradecimentos por contribuir sobremaneira em meus aprendizados.

Aos Prof. Dr. Luís Eustáquio Soares (UFES) e ao bibliotecário Saulo Peres, que abriram a possibilidade de publicação da série *História & Literatura Germano-Escandinava* pela Editora do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Agradeço mais uma vez por abrir esse espaço para jovens pesquisadores. Esta série será um importante meio para divulgar a produção de um recorte espaço-temporal com pouca ênfase no meio acadêmico atual.

Aos Professores e amigos que me auxiliaram diversas vezes durante a redação deste trabalho, tanto em sua feitura, em traduções, em críticas e em correções, quanto nas condições para redigi-lo: Prof. Dr. Álvaro Bragança (UFRJ), Prof. Dr. Bento Silva Santos (UFES), Prof. Dr. Edebrando Cavalieri (UFES), Prof. Dr. Johnni Langer (UFMA), Prof. Dr. Luiz Cláudio Ribeiro (UFES), Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patricia Pires Boulhosa, Prof. Dr. Rivair Macedo (UFRGS), Prof. Dtdo. Guilherme Queiroz de Souza (UNESP/Assis), Prof<sup>a</sup>. Mtd<sup>a</sup>. Alessandra Vale (UFF), Prof. Mtdo. Douglas Mota (UFF), Prof. Mtdo. José Inaldo Chaves Júnior (UFF), Prof. Mtdo. Rafael Leite Teixeira (Universidade de Lisboa) e Prof. Jardel Modenesi Fiorio. Este trabalho perderia muito em qualidade e extensão sem suas valiosas contribuições e apoio.

Aos colegas da Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo e da Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, pelo ombro amigo, pelos debates que enriqueceram meus conhecimentos, além do incomensurável carinho para comigo.

Ao CEFETES, aos mestres e aos amigos formados nesta instituição, escola de jovens titãs, por fomentar os espíritos irrequietos, a investigação e a livre iniciativa.

*Ao meu avô, José Augusto Birro, que me ensinou a sabedoria da simplicidade com o seu viver.*



# Sobre a série

A série *História e Literatura Germano-Escandinava* é fruto de discussões entre colegas de Graduação e Pós-Graduação nos últimos quatro anos. Como somos poucos e de vários Estados (e até mesmo países), temos o hábito de ajudar uns aos outros, comentar os trabalhos dos colegas e acompanhar as principais contribuições da área no Brasil.

O apartamento também impede que os encontros aconteçam com frequência. Logo, os debates acontecem de forma direta ou indireta através da *Internet*, e principalmente em críticas e elogios aos pesquisadores em nossas produções acadêmicas e nos eventos que participamos juntos.

Apesar do vertiginoso crescimento dos estudos germano-escandinavos brasileiros durante os últimos anos, os espaços destinados à publicação continuam reduzidos, principalmente para os jovens pesquisadores. As dificuldades editoriais impossibilitam inclusive que os estudiosos mais antigos da área publiquem seus trabalhos em livros impressos. Nossa única opção na maioria das vezes são os periódicos eletrônicos, que tem menos visibilidade do que as obras impressas e que inviabilizam a divulgação de pesquisas integrais.

Essa característica só reforça algo visível no ambiente acadêmico: os avanços tecnológicos e comunicacionais não removeram o apetite dos humanistas pelos livros, transformando-nos em verdadeiras traças humanas fetichistas pelo papel. Assim, o formato digital é utilizado mais por necessidade ou viabilidade financeira. A tendência à divulgação é apenas um pretexto.

Com o passar do tempo, as revistas *online* de maior prestígio passaram a exigir profissionais com formação avançada (mestres e doutores), eruditos que tem à sua disposição espaços garantidos para a divulgação de seus trabalhos. Destarte, formou-se um “funil” da produção acadêmica, que garante aos renomados seu quinhão e lança os demais para os sítios emergentes do âmbito universitário.

No bojo da questão, as agências de fomento e regulamentação e os Programas de Iniciação Científica e de Pós-Graduação exigem cada vez mais esforços de pesquisa e publicação, com o intuito de fornecer bolsas de produtividade & pesquisa, de manter conceitos de excelência e, por fim, de formar bons especialistas.

A dificuldade latente aqui desnudada é ainda pior para as áreas de estudos sem grande expressão no cenário acadêmico nacional, como no caso germano-escandinavo. Desse modo, dei origem à série para dirimir a desigualdade dos espaços disponíveis para a publicação de trabalhos na íntegra de jovens pesquisadores. Para tanto, contei com o apoio do sempre solícito e mui compreensivo Prof. Dr. Luis Eustáquio Soares, que disponibilizou a Editora do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Sem essa ajuda seria impossível ou ao menos infrutífero ousar esse trabalho.

Boa parte dos resultados presentes na *História e Literatura Germano-escandinava* são monografias de conclusão de curso e/ou pesquisas de Iniciação Científica, com algumas exceções. Portanto, é preciso levar em conta as falhas e/ou imprecisões dessa fase do crescimento intelectual, além das limitações inerentes ao contexto de produção e da escassez bibliográfica. Seja como for, a tarefa de publicar trabalhos

que servirão como referência sobre um tema é digna de louvor, apesar das dificuldades e rejeição que esses estudos encontram no âmbito universitário.

*Niterói, 03 de Julho de 2011*

Renan Marques Birro  
Mestrando em História pela  
Universidade Federal Fluminense



# Prefácio

*Em 2007 um estudante me procurou* para orientá-lo no tema da violência medieval, especialmente das sociedades bárbaras da Alta Idade Média. Era um rapaz bastante arguto, estudioso e interessado, qualidades infelizmente escassas em nosso meio universitário atual, como bem destacou no início da década de 90 o notável crítico literário George Steiner (1929- )<sup>1</sup>. Disse ao rapaz que pretendia direcionar meus estudos – e, conseqüentemente, minha produção acadêmica – para a área de *Filosofia Medieval*, visto que o ambiente de trabalho no qual me encontrava não era dos mais propícios ao desenvolvimento do mundo do intelecto, além de pouco civilizado, prova cabal da percepção de Steiner. Ademais, ainda afirmei não estar mais interessado na *história da guerra*, primeiro tema que me despertou para a pesquisa histórica e no qual fiquei absorto desde minha monografia de graduação até o fim de meu mestrado.

Contudo, os espíritos resolutos devem ser cultivados, mesmo nas intempéries e adversidades da vida. Assim, tentei “desviá-lo” para a Filosofia. Em um primeiro momento, o aluno aceitou participar de meu

---

1 “Ter estabilidade na universidade, aprovação dos pares de profissão, auxílio e suporte de suas benesses não deixa de ser sintoma, hoje, com certa freqüência, de oportunismo e convencionalidade medíocre. Um certo grau de exclusão, de isolamento forçado, pode ser uma das condições para o trabalho profícuo.” – STEINER, George. *Depois de Babel. Questões de Linguagem e Tradução*. Curitiba: Editora da UFPR, 2005, Prefácio à Segunda Edição.

primeiro projeto filosófico de pesquisa, “A *Retórica* no Mundo Antigo e Medieval: Aristóteles e Ramon Llull”, com o tema “As *paixões humanas* na *Retórica* (c.350 a.C.) de Aristóteles”. Sua leitura do *Estagirita* foi notável, e percebi que ali poderia ser cultivado o desinteressado amor ao conhecimento, qualidade primeira do bom investigador do passado.

Mas no ano seguinte, ele voltou à carga: estava decidido a estudar os bárbaros! Pediu-me que aquiescesse e voltasse ao tema da guerra. Concordei, triste. Havia não muito tempo tido um desagradável entreviro intelectual com um *neo-viking* acadêmico, quando fui compelido a defender o conceito de *juízo* como pilar da pesquisa histórica<sup>2</sup>, e, por isso, **não estava nem um pouco motivado** para pensar os guerreiros nórdicos medievais. Mas, como disse, devemos cultivar os espíritos resolutos. E **Renan Marques Birro** tem essa importante qualidade, voltada para o estudo. Por isso, mesmo um pouco contrariado, organizei um grupo de estudos com a guerra como tema.<sup>3</sup> Afinal, sou um servidor público, e este deve servir o público.

Com isso, criou-se uma sólida camaradagem, mãe da amizade, e que deu origem ao trabalho que ora apresento. Tanto o tema quanto a fonte que serviu de base foram idéias do **Renan**. Eu apenas poli o diamante que agora brilha. Seu texto é muito bem documentado, e tem como fio condutor a *Egils saga* (c. 1220-1230) de Snorri Sturluson (1178-1241). Mas há muito mais estudo de fontes primárias, como a *poesia escáldica*, a *Volsunga saga* (séc. XIII), a *Heimskringla* (c. 1230) e muitas outras fontes da Europa Nórdica.

A análise dessa riqueza documental é a garantia que este livro terá longa vida. O mundo acadêmico brasileiro, em seu desagradável afã teoricista, pouco contribui para os estudos históricos de ponta no mundo. É uma medonha avalanche de teorias que hoje enterra mentes que poderiam muito contribuir para o mais puro pensamento histórico. Felizmente **Renan** não trilhou esse caminho estéril. Suas reflexões são

2 Debate inteiramente disponível em meu *site* (com as réplicas e tréplica final, censurada).

3 A Guerra no Mundo Antigo e Medieval: de Vegécio (séc. IV) ao conde de Barcelos (séc. XIV).

sempre fincadas nesses documentos que, creio eu, ninguém antes no Brasil tivera o cuidado de investigá-los – nem mesmo os *neo-vikings* catedráticos de toga... Por isso, sua análise não é eivada de estereótipos. Ademais, sua *metodologia de pesquisa* foi excelente: o entrecruzamento crítico das informações contidas naquelas fontes primárias com os mais recentes resultados da Arqueologia e a bibliografia de ponta (obrigado por esse ensinamento, Professor Ciro Cardoso). Isso enriqueceu, e muito, **Renan**, o seu olhar histórico.

**Renan**, foi um prazer ler e corrigir o seu trabalho quando de sua Graduação, prazer que foi renovado ao relê-lo para escrever essa *Apresentação*, mesmo imerso que hoje estou na cultura filosófica medieval. Sinceramente desejo que suas pesquisas históricas tenham vida longa e frutifiquem – quem sabe, um dia, você não “desiste” dos bárbaros e estude a cultura erudita medieval? De qualquer modo, a História é uma generosa planície aberta àqueles dotados do verdadeiro espírito investigativo como o seu.

Vitória, Agosto de 2011

Ricardo da Costa  
*Medievalista da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)*  
*Acadèmic correspondent n. 90 da Reial Acadèmia de Bones Lletres de*  
*Barcelona*  
Site: [www.ricardocosta.com](http://www.ricardocosta.com)



# Introdução

*A migração dos escandinavos para a Islândia* em fins do século IX forjou progressivamente uma unidade entre os habitantes da ilha. Foi preciso pouco tempo para que as suas tradições nórdicas e a identificação local formassem uma tradição a respeito dos feitos e fatos do cotidiano. De fato, a vida dos islandeses registrada ia além do banal, num dia-a-dia muitas vezes heróico. Portanto, esse legado cultural foi registrado inicialmente pela oralidade, com ênfase na poesia escáldica e, posteriormente, com a redação das *sagas*.

Um dos personagens mais destacados da literatura insular foi Egill Skallagrímsson (sécs. IX-X). Conforme a narrativa, ele nasceu na Islândia, mas era filho de um norueguês banido do reino. O personagem em questão viveu diversas aventuras, reunidas numa narrativa em nórdico antigo chamada de *Egils saga Skalla-Grímssonar* (também apelidada apenas de *Egils saga*), provavelmente composta pelo erudito Snorri Sturluson (1178-1241) entre 1220 e 1230. Trata-se de um dos quatro maiores legados da tradição literária islandesa medieval, o maior *corpus* documental em língua vernacular da Idade Média.

A composição supracitada não é uma fonte “pura” ou uma narrativa “pobre”, meramente cronística, diferente da primeira impressão que um texto dessa natureza pode suscitar. Com efeito, a noção de *visão*

*política do autor sobre uma tradição* apresentada por Andersson (2002) auxilia sobremaneira a tarefa do historiador na leitura desse e de outros documentos coevos.

Apesar das inúmeras possibilidades que os indícios oferecem para entrever o passado, optei por um recorte temático: a guerra. Um dos aspectos que mais se destaca nesse conjunto de costumes e hábitos é a ênfase no espírito beligerante daquela sociedade. A guerra permeia os registros islandeses: a rixa entre famílias era um lugar comum nos dramas e epopéias discursados pelos bardos daquela ilha, e a solução não poucas vezes era resolvida com a morte, seja do autor da ofensa ou de um dos seus.

Assim, elegi algumas passagens da *Egils saga* como fio condutor para a análise da guerra e da imagem do guerreiro escandinavo. Além dela, empreguei alguns documentos anglo-saxões, árabes, francos, germânicos, islandeses e irlandeses para rememorar e complementar o contexto histórico que pesquisei, além de reforçar minhas constatações. Para aumentar a credibilidade, recorri às pesquisas arqueológicas para checar a veracidade dos testemunhos escritos escolhidos.

No **capítulo 1**, “Relação de fontes”, descrevi uma série de documentos que abordam o alvorecer da monarquia norueguesa, o principal motivo de conflito na *Egils saga*. Apesar de essa possibilidade ser atualmente contestada pelos estudiosos, respeitei a opinião do autor da narrativa.

O **capítulo 2**, “Uma contextualização histórica”, me ative aos principais momentos da história escandinava, com óbvia ênfase no contexto islandês. Expus a organização política e social da Islândia, a organização clerical e os conflitos que foram travados entre as principais famílias nos séculos XII e XIII com o objetivo de obter o total controle e poder insular.

No **capítulo 3**, “A literatura islandesa medieval”, delineei os principais aspectos da produção letrada local. Segue ainda algumas ferramentas teórico-metodológicas para a utilização dessas obras como fonte histórica.

O **capítulo 4**, “A *Egils saga*: uma síntese”, esbocei os pontos altos

da saga em relação aos conflitos do documento. Vale ressaltar que os momentos de batalha são tantos e tão freqüentes que não me ative a todos os acontecimentos, mas aos que foram mais significativos para essa análise.

No **capítulo 5**, “A Batalha de Vínheið (c. 937): armamento e organização da guerra viking na Egils saga”, narrei essa peleja na Britania, com especial ênfase no equipamento de guerra e na disposição dos guerreiros em batalha. Para tornar mais agradável a leitura, apresentei uma narrativa *pari passu* do conflito, acompanhada por uma série de imagens das espadas, escudos, capacetes e da defesa escandinava.

O **capítulo 6**, “A imagem dos guerreiros odínicos na literatura germânica e escandinava”, elaborei uma minuciosa reconstituição da imagem dos combatentes germano-escandinavos, principalmente quanto à associação dos guerreiros com o lobo e ao deus Oðinn. Este trabalho foi publicado na *Revista Mirabilia* e escrito conjuntamente com o meu amigo Jardel Modenesi Fiorio<sup>1</sup>.

No **capítulo 7**, “A Batalha de Hafrsfjord (c. 890) na Egils saga”, apresentei a poderosa imagem do rei Haraldr inn *hárfagri* nessa guerra, que transmitiu para o futuro a origem da monarquia norueguesa unificada. O principal objetivo foi destacar a opinião do autor do documento em contraposição a outros relatos que expuseram o mesmo acontecimento.

O **capítulo 8**, “Considerações finais”, assinala algumas ponderações. Primeiramente, a importância do armamento e da forma de guerrear para o sucesso dos guerreiros vikings, com destaque para sua dependência e finalidade nos conflitos.

Essa questão estava intimamente ligada ao sagrado, como a inspiração frenética dos guerreiros odínicos. Com o fim da Era viking, a imagem dos *berserkeir* sofreram alterações progressivas, com uma importante participação do cristianismo para tanto.

---

1 BIRRO, R. M. ; FIORIO, J. M. Os Cynocephalus e os Úlfhe nar: a representação do guerreiro canídeo na Historia Langobardorum (séc. VIII) e na Egils saga (c. 1230). *Mirabilia*, v. 8, 2008, p. 47-67. [www.revistamirabilia.com](http://www.revistamirabilia.com)

Por fim, a ênfase na ambigüidade na narrativa. Enquanto para a narrativa moderna isso seja um problema, os escritores islandeses não se preocupavam com esse ponto, ou o utilizavam para agradar a públicos diversificados. O ouvinte ateria apenas os pontos que lhe eram convenientes, e assim o autor conseguia difundir sua obra independente dos gostos e motivações pessoais.

\*

Ressalto que a natureza e o contexto de produção da pesquisa sejam levados em consideração pelos leitores e críticos, a saber, como resultado de um ano de pesquisa intensa e composto para a conclusão da Graduação em História. Com efeito, alterei minimamente o trabalho original finalizado em 2009, como maneira de estabelecer um parâmetro para aferir minha progressão e maturidade intelectual.

Portanto, mantive as passagens em prosa do nórdico e do latim conforme o trabalho final, ou seja, no idioma original seguida pela tradução, com raras exceções. Confesso que não me sinto totalmente capaz de traduzir os versos da intrincada poesia escáldica, assim como os excertos em idiomas que fogem ao meu conhecimento, como o árabe. Lamento repassar este busílis aos leitores, mas a ostentação de um *status* intelectual que não disponho é incompatível com a minha formação e com o meu dever como historiador.

Ademais, citei muitos autores, talvez até em excesso, mas assumo qualquer erro que porventura tenha cometido ao interpretá-los. Sei que ultrapassei alguns aspectos dos meus objetos iniciais, o que pode ter me levado ao engano, mas a redação sempre me faz enveredar por caminhos ainda abertos e igualmente curiosos.





# Relação de fontes

PRIMEIRO  
Capítulo

*Segue uma sucinta descrição das principais narrativas* que abordaram a formação da monarquia norueguesa. Mesmo que esse tema não seja o *leitmotiv* do autor da *Egils saga*, ele foi provavelmente motivado pelo esforço literário escandinavo que teve início em meados do século XII.

Além disso, a maioria dessas histórias expõem a colonização da Islândia e a ascensão de um rei norueguês, o ponto fulcral para a compreensão da narrativa escolhida como cerne da pesquisa. Dessa forma, pude notar a transformação do relato com o decorrer do tempo.

## I. A *Historia Norvegiae* (c. 1150-1200)

A *Historia Norvegiae* começa, após um breve prólogo, com a descrição geográfica da Noruega e da Groelândia, seguida por uma rápida abordagem dos costumes lapões.<sup>1</sup> Também comenta a respeito das ilhas Orkneys, das Hébridas, das Faroe e, finalmente, da Islândia.

1 Os **lapões**, também conhecidos como *sami*, são um povo seminômade, com aparência mongólica, que pertencem ao grupo lingüístico ugro-finlandês. Eles não compartilham os costumes e tradições dos povos germânicos da Escandinávia, e vivem há vários séculos no extremo norte da Europa setentrional (DERRY, Thomas Kingston. *The History of Scandinavia: Norway, Sweden, Denmark, Finland and Iceland*. Minnesota: Minnesota Press, 2000, p. 9).

O restante do texto narra a história norueguesa, desde sua origem legendária, com a dinastia Ynglingar, até o retorno do rei e mártir Óláfr Haraldsson para a Noruega em 1015. A fonte dedica uma desproporcional atenção aos reis missionários, pois se direciona, em maior parte, aos feitos dos reis missionários Óláfr Tryggvason (c. 960-1000) e Óláfr Haraldsson (c. 995-1030).<sup>2</sup>

O único manuscrito sobrevivente da *Historia Norvegiæ* (intitulado *Ystoria Norvegië*) é de propriedade privada do conde de Dalhousie e encontra-se no castelo de Brechin, na Escócia. O documento também é conhecido como *Panmure codex*. Ele possui atualmente 35 folhas com oito textos históricos, sete em latim e um em inglês escoto. Três dessas histórias abordam a Noruega e o condado norueguês das Orkneys.<sup>3</sup>

Alguns estudiosos atribuem a existência do documento a uma ordem do último conde das Orkneys, William Sinclair, que exerceu seu título entre 1434-1470. No entanto, não é possível estabelecer uma conexão entre esse nobre e os documentos que abordam a ilha e a Noruega,

---

2 **Óláfr Tryggvason** (c. 960-1000) era filho de Tryggve Olafsson, rei de Viken (sudeste da Noruega). Também era bisneto de Haraldr inn hárfagri, o primeiro rei da Noruega. Devido a perseguições dos parentes reais, a mãe de Óláfr fugiu da Noruega quando ele ainda era uma criança. Após permanecer três anos na Suécia, eles fugiram novamente, mas foram capturados por piratas estonianos e vendidos como escravos. Após alguns anos cativo, Óláfr se libertou e tornou-se um pirata. Ele converteu-se ao cristianismo ao liderar uma incursão na costa da Inglaterra e eliminou do trono o usurpador Hákon Sigurdsson († 995).

**Óláfr Haraldsson** (c. 995-1030), também conhecido como Santo Olavo, foi um rei e mártir norueguês. Aos doze anos ele saiu para sua primeira excursão viking e alguns anos depois foi batizado durante um acampamento em Rouen. Não demorou muito até que Óláfr retornou para sua terra reclamando a Noruega e (1015) e derrotou todos os oponentes danos e suecos. Ele fundamentou suas leis a partir da legislação cristã, tendo a Igreja como aliada e Carlos Magno como ideal. (Óláfr Tryggvason e Óláfr Haraldsson *In*: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, p. 445-446).

3 *A HISTORY OF NORWAY AND THE PASSION AND MIRACLES OF THE BLESSED ÓLÁFR*. Traduzido e comentado por D. e I. Devra Kunin. Editado por Carl Phelpstead. Text Series XIII. London: Viking Society for Northern Research, 2001, p. ix-x.

embora se saiba que existiu uma cópia em Kirkwall, nas Orkneys, durante a primeira metade do século XV. Esse texto foi usado como base para compilar a genealogia dos condes das ilhas. Provavelmente o documento das Orkneys deu origem à cópia escocesa da *Historia Norvegiae*.<sup>4</sup>

Acredita-se que o escritor do *Panmure codex* era um nativo da Escócia, fato constatado pela ortografia dos nomes nórdicos à moda escocesa. As controvérsias sobre a composição do manuscrito limitam-se aos anos 1440-1510. Contudo, os estudiosos acreditam que o texto original da *Historia Norvegiae* foi escrito entre 1170 e 1230.

Infelizmente não sabemos ao certo a origem de todos os textos que influenciaram a composição da *Historia Norvegiae*. A única certeza é a influência da *Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum* (c. 1068-1075), redigida por Adam de Bremen (c. 1050-1085)<sup>5</sup>, pois a organização dos textos são muito semelhantes.

Os especialistas divergem quanto às outras obras que inspiraram a *Historia*: alguns acreditam na *konunga aevi*, de Ari Þorgilsson (c. 1067-1148)<sup>6</sup>; outros conjecturam sobre um texto norueguês perdido

4 *A HISTORY OF NORWAY...*, *op. cit.*, p. xi, nota 3.

5 **Adam de Bremen** (também conhecido como *Adam bremensis*) foi um dos mais importantes cronistas medievais alemães. Convidado pelo arcebispo de Bremen entre 1066 e 1067 para compor o corpo de clérigos dessa arquidiocese, em 1069 foi escolhido para o cargo de diretor da Escola da Catedral. Sua obra mais conhecida é a *Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum* (*Feitos dos arcebispos de Hamburg e Bremen*), que registrou a história e geografia dos países escandinavos (NYBERG, Tory. Adam of Bremen In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, p. 1).

6 **Ari Þorgilsson**, ou Ari *fróði* (Ari, o Sábio), foi o primeiro cronista de destaque na história islandesa. Ele estudou na escola de Haukadalur como aluno de Teitur Ísleifsson (filho de Ísleifur Gissurarson, o primeiro bispo da Islândia). Os textos remanescentes de Ari nos sugerem que ele conhecia as crônicas latinas, mas, ao mesmo tempo, foi influenciado pela tradição oral islandesa. Ele redigiu o *Íslendingabók* (*Livro dos islandeses*), narrativa em nórdico antigo sobre as várias famílias que se assentaram na Islândia. (BENEDIDIKTSSON, Jakob. *Íslendingabók* In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, p. 332-333).

e desconhecido. Porém a possibilidade de um texto desaparecido e ignorado ter influenciado a *Historia Norvegiæ* perdeu crédito nos últimos anos, pois a admissão dessa hipótese afirmaria a existência de uma escola histórica norueguesa independente, algo considerado pouco provável.

Alguns estudos recentes sobre a *Historia Norvegiæ* apontam uma relação estreita entre a obra e o estabelecimento do arcebispado de Niðaróss (atual Trondheim) entre 1152-1153. De acordo com essa perspectiva, a obra foi redigida para convencer o papa Adriano IV (1154-1159)<sup>7</sup> de que a Noruega era digna de receber seu próprio arcebispado.<sup>8</sup>

Além dessa hipótese, as novas contribuições para o tema sugerem que a interrupção da narrativa no processo de conversão da Noruega seria um forte indício de que a fonte que chegou até nós é incompleta. Nesse ínterim, outro texto sobre a vida de Santo Olavo, intitulado *Passio et miracula beati Olavi*, seria a segunda parte da *Historia Norvegiæ*.

Muitos estudos foram dedicados à autoria da obra. A corrente tradicional acredita que o autor foi um norueguês que habitou as Órcades, viajou para a Dinamarca e, foi educado na França ou mais provavelmente na Inglaterra. Ao passo que os revisionistas sobre o assunto acreditam que o autor da obra foi Eysteinn Erlendsson († 1188), futuro arcebispo de Niðaróss.<sup>9</sup> A *Historia Norvegiæ* seria um trabalho jovem complementado

7 **Nicholas de Breakspear** (c. 1100-1059) foi educado na Abadia de Santo Albano, na Inglaterra. Ele se integrou ao mosteiro como clérigo logo que atingiu a maioridade e, em 1137, ascendeu ao título de abade. O zelo reformista de Nicholas o levou várias vezes a Roma, o que atraiu a atenção do papa Eugênio III (1145–1153), que o indicou ao bispado de Albano em dezembro de 1149. Entre 1152 e 1154, ele foi núncio apostólico papal e organizou a arquidiocese de Niðaróss. Além disso, criou a diocese de Hamar (Noruega) e organizou o assentamento de Gamla Uppsala (Suécia) como centro metropolitano. Em 1154, Nicholas foi eleito papa e recebeu o nome de Adriano IV (Adrian IV *In*: BUNSON, Matthew. *OSV's Encyclopedia of Catholic History*. Indiana: Our Sunday Visitor Publishing, 2004, p. 47).

8 *A HISTORY OF NORWAY...*, *op. cit.*, p. x-xvii, nota 3.

9 **Eysteinn Erlendsson** foi arcebispo de Niðaróss entre 1161 e 1188. Ele pertencia a uma linhagem nobre da região e foi encaminhado para os estudos em Saint-Victor, Paris. Como clérigo, Eysteinn serviu como administrador na corte do rei da Noruega Inge Krokrygg (1135-1161). Quando o arcebispo Jon Birgersson faleceu

com a *Passio et miracula beati Olavi*, hoje atribuída a Eysteinn.<sup>10</sup>

Ademais, os novos estudos acreditam que a *Historia Norwegiae* serviu como texto divulgador para a fixação do arcebispado. A proposta da obra é diametralmente oposta à oferecida por Adam de Bremen na *Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum*. Esta última defendia a supremacia do arcebispado da cidade germânica sobre as dioceses setentrionais européias. Se essa hipótese for considerada, a datação da obra seria anterior à proposta pela maioria dos estudiosos, e seria fixada entre os anos 1152-1153.

Os últimos eruditos que estudaram esse assunto merecem crédito quando atribuem a autoria da *Historia Norwegiae* ao arcebispo Eysteinn. Graças aos indícios encontrados no documento, nota-se que o compositor da obra conhecia a *Eneida* de Virgílio<sup>11</sup>, além da obra de Solinus<sup>12</sup> (conhecida como *Collectanea rerum mirabilium*, *De mirabilibus mundi* ou *Polyhistor*, c. 200).

A exuberância do texto e a influência da *Vulgata* na *Historia Norwegiae*

---

em fevereiro de 1157, Eysteinn foi prontamente indicado para o cargo. Em 1161, foi para Roma receber a confirmação papal e aproveitou a oportunidade para estreitar as relações entre a Santa Sé e o arcebispado de Niðaróss. A principal contribuição do arcebispo aconteceu durante uma guerra civil na Noruega, pois apoiou e coroou Magnus Erlingsson como rei da Noruega em 1163 (MAILLEFER, Jean Marie. *Nidaros In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. Scandinavia Medieval: an encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, p. 1022).

10 *A HISTORY OF NORWAY...*, *op. cit.*, p. xvii-xx, nota 3.

11 **Publius Vergilius Maro** (70-23 a.C.), também chamado tardiamente de Virgílio, foi um poeta clássico romano. As principais composições desse escritor épico são as *Bucólicas*, as *Éclogas* e, finalmente, a muito conhecida *Eneida*. Esta última refere-se a Enéias, que fugiu para a Itália após a guerra de Tróia e tornou-se o antepassado do povo romano (ROSS, D. O. *Aeneid: A readers guide*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, p. 120-124).

12 **Gaius Julius Solinus** (séc. III-IV) foi um gramático latino e compilador. Ele compôs a *Collectanea rerum mirabilium* (*Coleção das Maravilhas*) em homenagem a Oclatinius Adventus, cônsul romano em 218. Essa obra apresenta uma breve descrição dos aspectos históricos, sociais, religiosos e naturais do Império Romano (KISH, George. *A Source Book in Geography*. Harvard: Harvard University Press, 1978, p. 131-132).

sugerem que o autor foi um grande conhecedor da Bíblia, se comparado a outros monges do período, o que reforça a indicação da autoria atribuída a Eysteinn.<sup>13</sup>

Quanto às edições modernas da obra, P. A. Munch (1810-1863) foi o primeiro a fazê-lo em 1850. A primeira tradução do texto foi oferecida trinta anos depois por Gustav Storm (1845-1903). Em seguida, no início do século XX, foi lançada uma série de traduções para a língua inglesa.<sup>14</sup>

## II. A *Historia de antiquitate regum normagiensium* (c. 1177-1188) – Þórir munkr

O autor da *Historia de antiquitate regum normagiensium* não nos legou muitas informações sobre sua vida. Þórir munkr (conhecido em latim como *Theodoricus Monachus*) foi um monge beneditino norueguês do século XII – o título *monachus* pressupõe uma ligação com a Ordem de São Bento. Também não se sabe com exatidão onde o clérigo viveu, mas alguns especialistas acreditam que ele residiu na abadia de Niðaróss, fundada aproximadamente em 1100 e situada na ilha de Niðarhólmr. Outros afirmam que o monge viveu no monastério de Saint Michel, em Bergen, fundado dez ou quinze anos após a abadia de Niðaróss.

A *Historia* foi escrita para homenagear em vida o arcebispo de Niðaróss, Eysteinn Erlendsson. A data exata da redação da obra foi um motivo de debate entre os especialistas, mas atualmente há o consenso de que a obra foi provavelmente redigida entre 1177 e 1188.<sup>15</sup>

Aproximadamente em 1620, o professor e livreiro de Lübeck, Jakob Kirchmann (1575-1643), encontrou na biblioteca local um *codex* medieval que continha quatro textos em latim. Três deles faziam referência a

13 *A HISTORY OF NORWAY...*, *op. cit.*, p. xx-xxii, nota 3.

14 *A HISTORY OF NORWAY...*, *op. cit.*, p. x, nota 3.

15 THEODORICUS MONACHUS. *Historia de Antiquitate Regum Norwagiensium - An Account of the Ancient History of the Norwegian Kings*. Traduzido e comentado por D. e I. McDougall. Introdução por P. Foote. Text Series XI. London: Viking Society for Northern Research, 2006, p. ix-xiii.

assuntos que envolviam a Dinamarca e a Noruega. A *Historia* de Þórir munkr estava entre eles.

O professor se esforçou para motivar as autoridades dinamarquesas a apoiarem uma edição com os três textos, o que deu origem aos manuscritos A, B, M e S, escritos no século XVII.<sup>16</sup> Além dessas versões, o empenho de Kirchmann rendeu a *editio princeps* em 1684, pouco antes da perda dos originais.

Por meio dessas versões foi elaborado o texto presente na *Monumenta Historica Norvegiae* em 1880, aos cuidados de Gustav Storm.<sup>17</sup> Uma compilação inadequada da produção de Storm foi feita por Lehmann em 1937<sup>18</sup>, que ignorou o recém-descoberto manuscrito L, uma versão redigida de próprio punho pelo professor de Lübeck, encontrada em 1936.

Lange aproveitou algumas passagens do manuscrito L em sua edição de 1989.<sup>19</sup> O trabalho mais recente foi produzido por D. e I. McDougall em 1998, que seguiu a versão de Storm, mas adotou algumas passagens do último manuscrito encontrado.<sup>20</sup>

A obra aborda sinopticamente a vida dos reis noruegueses, de

---

16 A = AM 98 fol.; B = Det kongelige bibliotek, Copenhagen, Kalls samling, no. 600.; M = Det kongelige bibliotek, Copenhagen, Thotts samling, no. 1541 4to.; S = Universitetsbiblioteket, Uppsala, Ms. De la Gardie no. 32.

17 STORM, G. (ed.). *Monumenta Historica Norvegiae: Latinske kildeskrifter til Norges historie i middelalderen*. Kristiania: Brøgger, 1880.

18 LEHMANN, P. *Skandinaviens Anteil an der lateinischen Literatur und Wissenschaft des Mittelalters*. Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, Philos.-hist. Abteilung: Jahrg, 1937.

19 LANGE, G. *Die Anfänge der isländisch-norwegischen Geschichtsschreibung*. Studia Islandica/Íslensk fræði 47, 1989.

20 THEODORICUS MONACHUS, *op. cit.*, p. xxx, nota 15.

Haraldr inn *bárfagri* (c. 850-933)<sup>21</sup> a Sigurðr *Jórsalafari* (1090-1130).<sup>22</sup> O monge não prosseguiu com a narrativa porque considerou totalmente impróprio legar à posteridade os crimes, as mortes, os perjúrios, os parricídios, as profanações de locais sagrados, o menosprezo para com Deus, os despojos contra o clero e contra a população comum, o rapto das mulheres e outras abominações que se seguiram à morte de Sigurðr.<sup>23</sup>

### III. A *Ágrip af Nóregskonungasögum* (c. 1190)

O nome dessa obra deriva da edição de Finnur Magnússon (de 1889-94), intitulada *Stutt ágrip af Noregs konunga sögum* (*Pequena sinopse das histórias dos reis da Noruega*). Trata-se de um pequeno compêndio escrito em vernáculo que aborda os feitos dos monarcas noruegueses do século IX ao XII.<sup>24</sup>

A *Ágrip* foi preservada em apenas um manuscrito islandês, o AM325 II 4to, redigido na primeira metade do século XIII. O manuscrito é imperfeito e composto de quatro cadernos não-costurados com quantidade irregular de folhas: o primeiro, o segundo e o quarto têm oito, e o terceiro sete.

21 **Haraldr inn bárfagri** (Haroldo dos *Belos Cabelos*) (c. 850-933) foi o primeiro rei da Noruega, e prosseguiu com a tarefa de seu pai, Hálfdan *svarti* (Hálfdan, o *Negro*) (c. 820-860 d.C.), que desejava unificar todos os nobres noruegueses sob um mesmo comando (BOYER, Regis. Norway *In*: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Scandinavia Medieval: an encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, p. 1030).

22 **Sigurðr Jórsalafari** (Sigurð, o *Cruzado*, ou Sigurð, o *Viajante de Jerusalém*) viveu entre 1090 e 1130. Foi o primeiro rei europeu a se dirigir para as cruzadas no Oriente, em 1107. Seus principais feitos foram: a conquista de Sídon, em 1110, a introdução da cobrança do dízimo na Noruega e a fundação da diocese de Stavanger. Morreu e foi sepultado na Igreja de Hallvardskirken em 1130. A falta de herdeiros legítimos originou a era de guerras civis na Noruega, que perdurou até 1240 (KENDRICK, T. D. *A history of the vikings*. USA: Courier Dover Publications, 2004, p. 126-127).

23 THEODORICUS MONACHUS, *op. cit.*, p. 53, nota 15.

24 *ÁGRIP AF NÓREGSKONUNGASÖGUM: A Twelfth-Century Synoptic History of the Kings of Norway*. Editado e traduzido por M. J. Driscoll. Text Series X. 2.ed. London: Viking Society for Northern Research, 2008, p. ix.

A autoria da obra é desconhecida, mas os especialistas acreditam que foi escrito por dois experimentados copistas. Um aspecto pouco comum na *Ágrip* é a presença de muitas rasuras que abrangem alguns conjuntos de palavras e orações inteiras. A consulta dessas leituras é impossível atualmente, devido ao desgaste provocado pelo tempo.

Curiosamente, poucas riscaduras afetaram a gramática ou a sintaxe do texto final. De acordo com Bjarni Einarsson as alterações parecem uma espécie de diversão, um esforço dos copistas para remover as palavras que danificassem o texto.<sup>25</sup>

Diversas passagens da *Ágrip* nos sugerem que o texto foi uma cópia de uma obra mais antiga, provavelmente escrita ou originária da Noruega. Essa afirmação deriva da presença de termos comuns no norueguês do século XII, mas pouco utilizados no islandês daquele tempo.<sup>26</sup>

Outro motivo que atesta uma origem norueguesa primitiva do documento original é o pouco conhecimento e a falta de interesse pela Islândia demonstrados no trabalho. Além disso, o autor cita cinco vezes Brándheimr (hoje Trøndelag), enquanto outras regiões são pouco citadas. Essa coincidência comprova a preocupação do autor com os acontecimentos dessa região.<sup>27</sup>

A utilização da *Historia de antiquitate regum norwagiensium* na composição da *Ágrip* limita-se à data de redação da obra. O ponto de partida para a datação foi estabelecido com a datação da primeira obra, que ocorreu entre 1177-1188. Por sua vez, as similaridades entre passagens da *Ágrip* e da *Óláfs saga Tryggvasonar* (c. 1200) nos permitem deduzir que o autor da última já conhecia a sinopse dos reis noruegueses. Logo, considera-se que a obra foi redigida no final do século XII (c. 1190).<sup>28</sup>

---

25 *ÁGRIP...*, *op. cit.*, p. x, nota 24.

26 *Ibid.*, p. xi.

27 *Ibid.*, p. xii.

28 *Ibid.*, p. xiii.

#### IV. A *Egils saga Skalla-Grímssonar* (c. 1220-1230)

A *Egils saga* foi escrita entre 1220 e 1230, provavelmente composta pelo poeta, historiador, literato, *lögsögumaður* e *goði* islandês Snorri Sturluson (1178-1241).<sup>29</sup> Ela representa um tipo *Íslendingasögur* (*saga dos Islandeses*), chamado de *skaldasögur* (*saga de escaldo*) em razão da concentração da narrativa na vida do poeta-guerreiro Egill Skallagrímsson, que viveu durante os séculos IX e X.

No início da saga, os protagonistas são Úlfr (também conhecido como Kveldúlfr)<sup>30</sup> e seus dois filhos, Þórolfr e Skallagrím. A saga nos conta que Úlfr sofria uma espécie de metamorfose ao anoitecer, pois assumia uma ferocidade que poucos poderiam se opor.<sup>31</sup> Esta característica também foi transmitida aos seus descendentes.

Essa família se envolveu em um conflito contra o rei norueguês Haraldr inn *hárfagri* e, em virtude de intrigas, o monarca assassinou Þórolfr, sem motivos concretos. Aqueles que se opunham a Haraldr fugiram da Noruega para evitar a perseguição real, e alguns deles se assentaram na Islândia.<sup>32</sup>

Após a fixação na Islândia, Skallagrím viveu tranquilamente como

29 O *lögsögumaður* era um recitador das leis que presidia o *þingi* (assembléia local) e o *Alþingi* (assembléia maior que reunia os representantes das assembléias locais). Este título foi introduzido na Islândia em 930 (BYOCK, Jesse L. Alþingi. In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Scandinavia Medieval: an encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, p. 11). Os *goðar* faziam parte do modelo singular de governo adotado pelos islandeses. Para mais explicações, ver o capítulo 3 (HAYWOOD, John. *The Penguin Historical Atlas of the vikings*. London: Penguin Classics, 1995, p. 92).

30 Em nórdico antigo, o radical *kveldr* significa “noturno” e *úlfr* “lobo”. Logo, *Kveldúlfr* significa algo como “lobo noturno” ou “lobo do anoitecer” (*Kveld*. In: CLEASBY, Richard; VIGFUSSON, Gudbrand. *An Icelandic-English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1874, p. 362; *Úlfr*. In: *Zoëga’s: A Concise Dictionary of Old Icelandic*. Toronto: Toronto University Press, 2004, p. 458).

31 *Egils saga*. Editado por Bjarni Einarsson, com notas e glossário. London: Viking Society for Northern Research, 2003, p. 1, l. 18-21.

32 *Ibid.*, p. 2-35, nota 31.

um fazendeiro e teve dois filhos: Þóroldr e Egill.<sup>33</sup> Este último é o protagonista principal da história, e a saga, progressivamente, abordou cada vez mais sua vida.

A infância de Egill foi marcada pela belicosidade. Aos seis anos, ele assassinou um garoto que lhe impingiu uma humilhação.<sup>34</sup> Pouco tempo passou até que o herói se lançasse às expedições vikings na Escandinávia e Inglaterra. Não demorou muito até que formasse uma rixa de sangue com Eiríkr *blóðox* (c.895-954),<sup>35</sup> filho de Haraldr inn hárfagri.

A saga narra ainda outras batalhas de Egill, suas amizades, e seu envolvimento com seus parentes.<sup>36</sup> Em vários trechos da narrativa, há poemas do herói que nos permitem distinguir seus sentimentos durante sua vida. A obra nos oferece uma visão realista de uma vida marcada por assaltos marítimos, negociações e lutas familiares, além de nos impressionar pela longevidade do protagonista da saga.<sup>37</sup>

O manuscrito principal da *Egils saga* (AM 132 fol., Reykjavík), também conhecido *Mörvallabók* ou *Manuscrito M*, é um documento do século XIV que reúne várias sagas islandesas. Existem ainda dois

---

33 *Egils saga*, *op. cit.*, p. 42, l. 12-24, nota 31.

34 *Ibid.*, p. 53-54.

35 **Eiríkr** *blóðox* (c. 895-954) ou Eric, machado sangrento, foi o filho mais velho de Haraldr inn hárfagri. Ele ficou conhecido assim por ter assassinado seus irmãos para se manter como rei da Noruega, além de governar seu reino de forma despótica. Hákon *góði* (c. 920-960), meio-irmão de Eiríkr, destronou-o em 934. Eiríkr fugiu então para as ilhas britânicas, e se colocou sob os serviços do rei inglês Athelstan (c. 895-939) (DAPHAÉ, L. Davidson. Hákon *góði* *In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. Scandinavia Medieval: an encyclopedia*. London: Routledge, 1993, p. 257-258).

36 Para um resumo mais detalhado da obra ver: IÖLSTER, Nelly Egger de. La figura del héroe en la Saga de Egil. *In: Temas medievales*, 7, Buenos Aires, 2006, p. 57-74.

37 BATTAGLIA, Marco. “Brunanburh nella Saga di Egil Skallagrímsson? Quando la letteratura registra la storia”. *In: Linguistica e Filologia*, 23. Bergamo: Università degli Studi di Bergamo, 2006, p. 161-162.

manuscritos: 1) *Manuscrito W*, um *codex* defeituoso do século XIV<sup>38</sup> e 2) *Manuscrito K*, transcrito em duas cópias (AM 453 e 462 4to), feitas por Ketill Jörundsson († 1670). Além destes, restaram alguns fragmentos do texto.

O *Manuscrito M* apresenta importantes passagens esquecidas nos *manuscritos W* e *K*, como, por exemplo, o poema *Arinbjarnarkviða*, além da primeira estrofe do *Sonatorrek*. Porém os outros dois *codex* têm sua importância graças à versão completa dos poemas *Sonatorrek* (*Manuscrito K*) e *Höfuðlausn* (*Manuscrito W*).<sup>39</sup>

A *Egils saga* foi impressa pela primeira vez em 1782, em Hrappsey, na Islândia, versão que se baseou no agora perdido *manuscrito M* original. A segunda versão impressa foi publicada em 1809 em Copenhagen, aos cuidados de Guðmundur Magnússon (séc. XVII-XVIII). O texto dessa edição foi acompanhado por uma introdução e uma tradução em latim. Esse trabalho foi a base para as mais importantes traduções do século XIX.<sup>40</sup>

## V. A *Heimskringla* (c. 1230) – Snorri Sturluson

A *Heimskringla* foi redigida pelo islandês Snorri Sturluson, que a compôs a pedido da coroa norueguesa. O título do compêndio foi dado no século XVII, derivado das duas primeiras palavras de um dos manuscritos.<sup>41</sup> Essa grande narrativa inicialmente descreve a legendária dinastia sueca dos Ynglingas e se encerra nos feitos do rei Eysteinn Meyla<sup>42</sup>, falecido em 1177.

38 Die Herzog August Bibliothek em Wolfenbüttel (9. 10. Aug. 4to).

39 *EGILS SAGA*, *op. cit.*, p. x, nota 31.

40 *Ibid.*, p. xi.

41 *Kringla heimsins*: “o globo” (Heimr In: *Zoëga’s*: A Concise Dictionary of Old Icelandic. Toronto: Toronto University Press, 2004, p. 192).

42 **Eysteinn Meyla** (Eystein, *a Donzela*), filho do rei Eysteinn II da Noruega, foi eleito rei em Øyratinget, em 1176. Eystein Meyla liderava os rebeldes Birkebeins e, juntos, realizaram uma rebelião contra o regente Erling Skakke e seu jovem filho, o rei Magnus V da Noruega (Magnus Erlingsson). Foi morto na Batalha

O principal problema de datação da *Heimskringla* se concentra na produção bipartida do texto original, pois a *Saga Ólafs hins helga* foi produzida antes do restante da obra.<sup>43</sup> Os manuscritos dos feitos de Santo Olavo eram muito populares e são particularmente numerosos.

Foram descobertos vinte e três manuscritos dessa saga, dezoito da coleção Arnarnagnæen (denominados de AM, que se encontram em Copenhagen e Reykjavík), dois na Biblioteca Real de Stockholm (manuscritos KBS), dois na “coleção antiga” da Biblioteca Real de Copenhagen (manuscritos GKS), e, por fim, um na Biblioteca Universitária de Copenhagen.<sup>44</sup>

A *Heimskringla* também foi muito popular, logo, bastante copiada. O manuscrito legado à posteridade é o AM 45 *folio*, copiado por Ásgeir Jónsson (c. 1679-1707) no século XVI. Esse documento contém os cinco principais manuscritos, porém incompletos. Com eles, há pequenos fragmentos de outras fontes. No caso dos últimos dois manuscritos reconhecidos (F e J) é notável o que o escriba conhecia a *Saga Ólafs hins helga*. Porém a *saga* não foi incluída no compêndio. No caso do manuscrito J, um texto abreviado da *saga* foi inserido no final da obra.<sup>45</sup>

Os manuscritos foram relegados à obscuridade até o florescimento de um espírito humanista nos países escandinavos, que teve início na metade do século XVI. Destarte, a primeira versão impressa da *Heimskringla* foi produzida por Johan Peringsköld em 1697. A edição foi publicada em sueco, seguida por sua tradução para o latim.

Passou-se um século até que uma nova versão do manuscrito fosse ofertada por Skúli Thorlacius, que produziu um volume em dinamarquês, também traduzido para o latim (1777-1783). Outro século

---

de Ré em 1177 (KENDRICK, T. D. *A history of the vikings*. USA: Courier Dover Publications, 2004, p. 127-128).

43 CORMACK, Margareth. Egils saga, Heimskringla, and the Daughter of Eiríkr blóðox. *Alvissmál: Forschungen zur mittelalterlichen Kultur Skandinaviens*, vol. 10, n.1, p. 61-68, 2001.

44 WHALEY, Diana. *Heimskringla – An introduction*. Text series 8. London: Viking Society for Northern Research, 1991, p. 41-42.

45 *Ibid*, p. 42.

se passou até que fosse publicada a primeira versão em norueguês (1864-68). Finalmente, as principais versões da *Heimskringla* publicadas em islandês são a de Finnur Jónsson (1893-1901) e de Bjarni Aðalbjarnasson (1941-1951).<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> WHALEY, *op. cit.*, p. 47, nota 44.

# Uma contextualização histórica: os primeiros séculos

*A primeira ocorrência da palavra Escandinávia* ocorreu com Plínio, o Velho (†79 a.C.)<sup>47</sup> na forma latina *Scandinavia* ou *Scandinatia*, termo que, por sua vez, alguns eruditos acreditam ser da raiz germânica *Skad̥in-anjō*: o radical *Skand̥an* significava “perigo”, enquanto *anjō* “terra sobre a água” ou “ilha”. Assim, a palavra completa alertava os incautos quanto aos perigosos bancos de areia que ainda cercam os países do extremo norte europeu.<sup>48</sup>

A Escandinávia medieval compreendeu os atuais territórios da Dinamarca, Finlândia, Groelândia, Islândia, Ilhas Faroer, Ilha de Man, Ilhas Sheetland, Noruega, Suécia e uma parte significativa do Báltico e da Rússia. Na época, essa região era muito distante da Europa continental e, de certa forma, não fazia parte do mundo conhecido.

Durante séculos os europeus ocidentais alimentaram um parco conhecimento e interesse sobre as terras que existiam além do Reno,

47 **Plínio, o Velho** (†79 a. C.) foi um antigo escritor, naturalista, filósofo, comandante militar e naval. Seu principal legado foi a obra *Naturalis Historia*, na qual descreveu a Matemática, a Geografia e a Etnografia européia (MURPHY, Trevor Morgan. *Pliny the Elder's Natural History: The Empire in the Encyclopedia*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 2-6).

48 HELLE, Knut. Introduction *In: HELLE, Knut (org.) The Cambridge History of Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 1.

apesar da influência e do comércio entre o Império Romano e os povos germânicos do leste.<sup>49</sup>

Os frísios eram os principais responsáveis por estas relações, pois os portos desse povo serviam como via de contato entre os produtos do leste e o ouro do império. Importavam para o mundo ocidental principalmente artigos de luxo, como o âmbar e pelea.<sup>50</sup>

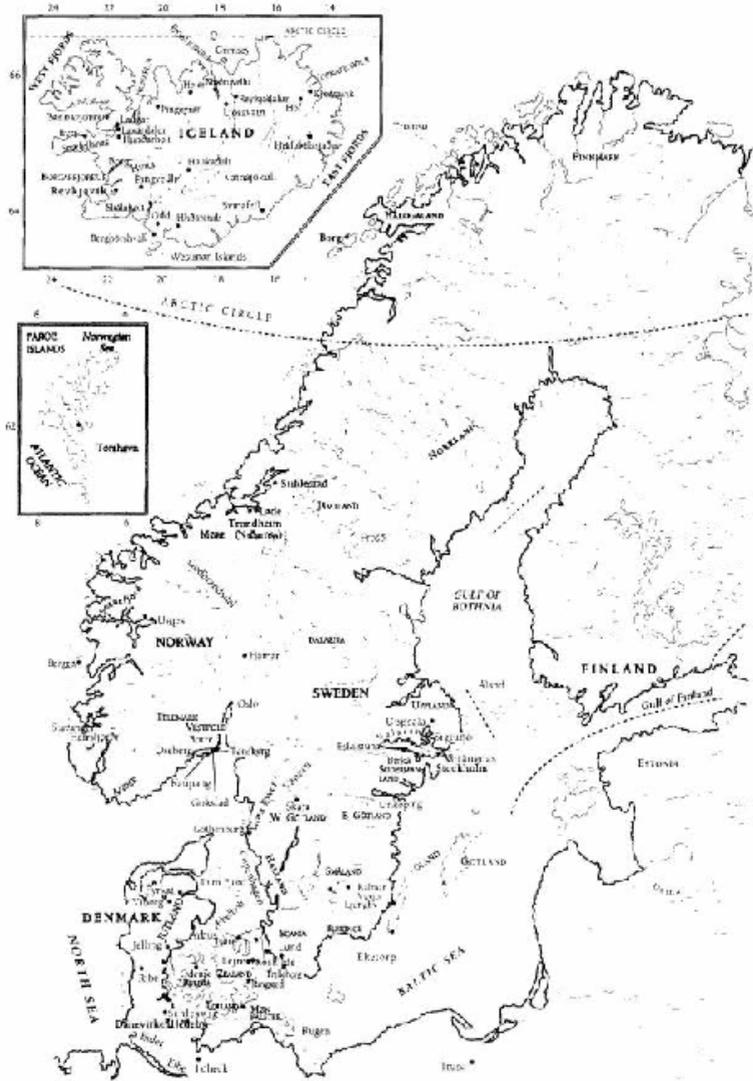
Posteriormente, os germânicos e romanos comercializavam couro, gado bovino e caprino e, muito provavelmente, escravos. Os eruditos qualificam a adoção da inumação dos mortos nas regiões limítrofes com o Império Romano como um indício da influência romana na Escandinávia primitiva.<sup>51</sup>

---

49 SAWYER, P. H. *Kings and Vikings: Scandinavia and Europe AD 700-1100*. Oxford: Routledge, 2003, p. 65.

50 *Ibid.*, p. 66.

51 *Id.*



**Figura 1**– Mapa da Escandinávia Medieval: O autor destacou as principais ilhas de colonização escandinava, a Islândia e as Ilhas Faroé. **Fonte:** DOBSON, Richard Barrie et al (1993).

Há muitas informações duvidosas sobre a situação geográfica, política e social durante a ocupação da Europa do Norte nas referências sobre a Germânia do noroeste oferecidas desde Pítias (380-310 a.C.) até Jordanes (séc. VI).<sup>52</sup> No entanto, estas são as principais descrições que nos restam sobre a vida dos escandinavos antes da *Era viking*<sup>53</sup>, além das evidências arqueológicas.

A adoção de regimes monárquicos e do cristianismo pelos povos germânicos que invadiram a Europa continental não foi acompanhada pelos teutônicos do norte, pois estes mantiveram a antiga estrutura que os diferenciavam do modelo tardio romano, com suas crenças e práticas religiosas peculiares, seus laços baseados na ancestralidade comum, sua numerosa aristocracia e a união sob uma liderança provisória. Esses povos não-letrados transmitiram oralmente suas tradições e histórias por gerações.<sup>54</sup>

Nesse íterim, há uma grande dificuldade em definir a situação política escandinava antes do século VIII. A partir daí, há registros mais detalhados, redigidos tanto por monges copistas de reinos próximos

52 **Pytheas de Marselha** (380-310 a.C.) foi um geógrafo grego que fez uma viagem conhecida pelos antigos como *περίπλους* (*Périplō*) registrada no livro *Περί του Ωκεανού* (Sobre o oceano). Atribuem-lhe a descoberta para o mundo ocidental da Bretanha, das Ilhas Shetland ou Ilhas Faroe, e da costa da Noruega.

**Jordanes** (séc. VI) foi um burocrata romano que escreveu a obra *Getica*, que narra a antiga história dos Godos. Os outros escritores que citaram a Escandinávia foram: o geógrafo romano **Pomponius Mela** (séc. I), o historiador romano **Tácito** (c. 55-110), o historiador grego **Ptolomeu** (c. 83-161) e, por fim, o historiador bizantino **Procópio** (c. 490–560) (DERRY, Thomas Kingston. *The History of Scandinavia: Norway, Sweden, Denmark, Finland and Iceland*. Minnesota: Minnesota University Press, 2000, p. 8-11).

53 *A Era viking* (c. 800-1100) foi o período de atividade viking na Europa. Apesar da artificialidade que o termo carrega, o utilizarei para especificar a época em que os escandinavos compartilhavam, grosso modo, cultura e mentalidade comuns (HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the Vikings. Historical Dictionaries of Ancient Civilizations and Historical Eras, No. 11*. Oxford: Scarecrow Press, 2003, p. 2-4).

54 RICHARDS, Julian D. *The vikings: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 9.

quanto por escandinavos séculos depois. Também a partir desse século temos as primeiras menções de reinos do norte europeu.

A primeira evidência de uma monarquia na Europa setentrional refere-se ao controle imposto pelos *svear*<sup>55</sup> sobre uma boa parcela da Suécia e do Báltico no final do século VII. Porém, esta afirmação é bastante duvidosa, pois as regiões habitáveis da Península Escandinava eram divididas por vastas florestas, o que limitava a possibilidade da concentração do poder. A presença de vários túmulos aristocráticos na Noruega contemporâneos à *Era Viking* atesta essa afirmação.<sup>56</sup>

## I. A Dinamarca

A Dinamarca oferecia condições muito mais favoráveis ao exercício do poder, pois continha uma grande população concentrada em uma pequena extensão territorial. Os primeiros sinais da existência de uma monarquia dinamarquesa no século VIII são: 1) A formação de um centro comercial em Ribe (sudeste da Dinamarca) em 704-71; 2) A cunhagem de moedas na mesma localidade em 720; 3) A construção do canal Kanhave na ilha de Samsø em 726; 4) A construção de um aclave em 737 para proteção do sul da Dinamarca, na região de Danevirke.<sup>57</sup>

A primeira referência a um rei dinamarquês surge na *Vita Sancti*

---

55 Os **suecos** também eram conhecidos como *svear* (nórdico antigo), *sviár* (nórdico antigo), *sveonas* (reconstrução do germânico *swioniz*), *suiones* (uma variante do caso anterior), *suehans* (JORDANES. *Getica*, 19-21) ou *sueones* (TACITUS. *Germania*, cap. 38-44) (QUILES, Carlos. *A Grammar of Modern Indo-European: language and culture, writing system and phonology, morphology, syntax*. Asociación Cultural DNGHU, 2007, p. 372. ISBN: 978-84-611-7639-7; MERRILLS, Andrew H. *History and Geography in late antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 151).

56 LUND, Niels. *Scandinavia, c. 700-1066* In: MCTTERICK, Rosamond (ed.). *The new Cambridge Medieval History*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 202.

57 *Ibid.*, p. 203.

*Willibrodi* de Alcuíno de York (c. 730-804).<sup>58</sup> O monge Willibrord,<sup>59</sup> nas palavras do monge da Britânia, julgou o rei Ongendus inacessível para a verdade:

Vocabatur vero vir sanctus ad regem, et multum ab eo increpatus, quare sua sacra vio lasset et iniuriam deo suo fecisset. Cui praeco veritatis con stanti animo respondit: Non cat Deus quern colis, sed diabolus, qui te pessimo errore, o rex, deceptum habet, lit iinimam tuam aeternis tradat flummis. Non est enim Deus, nisi unus qui creavit caelum et terram, mare et omnia quae in eis sunt: quem qui vera Jide colit, vitam habebit sempiternam. Cuius ego ser ous hodic tibi testificor, ut ab antiqui erroris oanitate, quam colucrunt patres tui, tandem aliquando resipiscas, et credens in unum Deum omnipotentem dominum nostrum Iesum Christum, e t vitae fonte baptizatus, abluas omnia peccata tua, et proiecta onmi iniquitate et iniustitia, deinceps noons homo vivas in omni sobrietate, iustitia et sanctitate. Hoc faciens, cum Deo et sanctis eius gloriam possidebis sempiternam. Si vero me contemnis, mam salutis tibi ostendentem, scito certissime quod aeterna sup plicia et infernales flammis tu cum diabolo, cui obtemperas, sustinebis. Ad haec rex miratus respondit: Video te minas nostras non metuisse, et verba tua esse sicut et opera. Etsi noluisset veritatis praedicatori credere, tamen ad Pippinum du cem Francorum cum honore remisit eum.

---

58 **Alcuíno de York** (c. 730-804) foi o maior líder educacional do século VIII. Após viver cinqüenta anos na abadia de York, Carlos Magno (747-814) convidou-o para lecionar na corte. O monge se tornou professor e conselheiro do monarca franco e foi muito influente na reforma política, religiosa e cultural do reino carolíngio. Alcuíno foi autor de diversos documentos e tratados, além de textos bíblicos e litúrgicos. Gozou os últimos anos de sua vida como abade de Tours (BROWN, George Hardin. Alcuin *In*: EMMERSON, Richard K. (org.). *Key figures in medieval Europe: an encyclopedia*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 18-20).

59 **Willibrord** (658-739), santo e missionário northumbriano, ficou conhecido como “apóstolo dos frísios” após seu trabalho nessa região em 690. Willibrord também é lembrado por ser o primeiro missionário cristão na Escandinávia (WILLIBRORD, ST. (658–739) *In*: HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the Vikings. Historical Dictionaries of Ancient Civilizations and Historical Eras, No. 11*. Oxford: Scarecrow Press, 2003, p. 293).

O homem santo foi então invocado e severamente censurado por ter violado o santuário do rei e oferecido insulto ao seu deus. Com uma calma constante, o pregador do Senhor replicou: “O objeto de tua adoração, oh rei, não é um deus, mas um demônio, e ele vos mantém enredado em um grau de falsidade para assim entregar sua alma ao fogo eterno. Logo, há somente um Deus, aquele que criou o paraíso e a terra, os mares e tudo que nele há, e aquele que adorá-lo em verdadeira fé terá a vida eterna. Como seu servo, eu vos convoco para nesse dia renunciái ao vazio e aos erros inveterados aprovados por teus antepassados e acreditai no único e todo-poderoso Deus, nosso Senhor Jesus Cristo. Sede batizado na fonte da vida e lavai todos os vossos pecados, de modo que, quando renunciardes a toda impiedade e injustiça, que podeis, a partir de agora, viver como um novo homem na sobriedade, justiça e santidade. Se vós fizerdes isso, ireis gozar eternamente a glória com o Senhor e Seus santos.

Mas se vós me rejeitardes com desdém, antes que determinardes o caminho da vossa vida, estejais certificado que com o demônio que vós obedecerdes, ireis sofrer um incessante castigo eterno nas chamas do inferno.” Após estas palavras, o rei ficou surpreso, e replicou: “Está claro que minhas ameaças não o moverão, e que tuas palavras são tão intransigentes quanto teus feitos.” Porém, ele não acreditou na pregação da verdade, e remeteu Willibrord com toda a honra a Pepino, rei dos Francos.<sup>60</sup>

Parece plausível que a existência de diversos reizetes impossibilitaria a construção de obras tão grandes e onerosas. Logo, os especialistas acreditam que a dinastia de Ongendus foi a responsável pelas obras na Dinamarca, pois apenas uma monarquia forte e razoavelmente estável teria condições de arcar com aquele desenvolvimento socio-econômico.

Esse contato inicial ensejou uma relação contínua entre as monarquias franca e dinamarquesa, mais freqüente após a conquista da Saxônia

---

60 FLACCUS ALBINUS ALCUINUS. *Vita Sancti Willibrodi*, cap. IX, 699d-700d. A tradução é minha.

realizada por Carlos Magno (747-814)<sup>61</sup> entre 772 e 804.<sup>62</sup> Um exemplo dessa proximidade foi a circulação de emissários e representantes entre o rei dinamarquês Sigfrid e Carlos Magno.<sup>63</sup>

Porém, a relação franco-dinamarquesa foi por diversas vezes enfraquecida pelos desejos em comum que essas monarquias nutriam, pois aspiravam ao controle da Frísia e da Saxônia. A arrecadação de impostos frísios por Godfrid, filho de Sigfrid foi entendida pelos francos como o primeiro passo para uma conquista. Para deter o avanço dinamarquês, Carlos Magno cedeu as terras dos saxões aos povos eslavos abodrites<sup>64</sup>, que até então pagavam tributos a Godfrid.<sup>65</sup>

A crise persistiu até a morte de Godfrid em 810. Assim que seu sucessor assumiu o trono, selou as pazes com a monarquia franca. A partir

---

61 **Carlos Magno** (747-814) foi rei dos francos entre 768 e 814 e imperador do oeste entre 800 a 814. Filho de Pepino, *o Breve* († 768), recebeu as bênçãos do papa Estêvão II (752-757), que legitimou a nova dinastia franca concedendo-lhe o título de “patrício dos romanos”. Com a morte de seu irmão Carlomano em 771, Carlos Magno assumiu a coroa e expandiu o reino além dos Pireneus e para o oeste europeu. Este rei também empreendeu uma reforma política, cultural e educacional no reino ao levar para sua corte diversos eruditos, entre eles Alcuíno de York e Paulo Diácono (c. 720-799). Carlos Magno morreu em 814 deixando a coroa e a unidade do reino franco para seu único filho vivo, Luís o Piedoso (814-840) (CONTRENI, John J. *Charlemagne In: EMMERSON, Richard K. (org.). Key figures in medieval Europe: an encyclopedia*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 118-122).

62 HEERS, Jacques. *História Medieval*. São Paulo: Difel, 1981, p. 42.

63 *Annales Regni Francorum*. Monumenta Historiae Germanica, DCCLXXXII, DCCXCVIII e DCCCXI.

64 **Os abodrites**, também conhecidos como *wends* ou *serebi*, eram povos eslavos que viviam nas cercanias ou dentro da própria Germânia. No século IX, os abodrites eram organizados em estruturas tribais e clânicas e, apesar da semelhança entre a sociedade abodrite e os germânicos, eles não compartilhavam a mesma língua, deidades e costumes. Graças a essas características, este povo foi amplamente empregado por Carlos Magno para a conquista da Saxônia e, em seguida, para fazer frente aos desejos expansionistas dinamarqueses do período (VLASTO, A. P. *Entry of Slavs Christendom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970, p. 142-143).

65 LUND, *op. cit.*, p. 207, nota 56.

desse episódio houve uma subordinação da monarquia dinamarquesa ao reino franco: a sucessão foi influenciada diversas vezes pelas decisões de Carlos Magno e seu sucessor, Luís, o Piedoso (778-840).<sup>66 67</sup>

Assim, houve um relativo enfraquecimento da monarquia dinamarquesa no século seguinte, fato crucial para que as zonas sob influência da Dinamarca alcançassem autonomia como, por exemplo, a Noruega.

É plausível que as monarquias franca e dinamarquesa tenham servido como exemplo para os demais povos escandinavos e, por motivos óbvios, o reino franco como uma espécie de *exempla* do dinamarquês. Isso contrastou com a organização social germano-escandinava, sustentada nos moldes clânicos, além dos aspectos religiosos e culturais que resistiram largamente, mas cederam diante do modelo monárquico-cristão do Ocidente medieval.

O prestígio da literatura francesa medieval no restante da Europa já foi sugerido,<sup>68</sup> e acredito que essa influência não pode ser separada das demais contribuições que o modelo franco possibilitou aos países escandinavos. Assim, a Dinamarca serviu como um “satélite” para a Noruega e Suécia, que posteriormente adotaram e consolidaram regimes monárquicos aos moldes da Europa continental.

---

66 **Luís, o Piedoso (778-840)**, filho de Carlos Magno, foi indicado para o trono da Aquitânia em 794. Em 813, tornou-se co-imperador franco e, no ano seguinte, com a morte de seu pai, assumiu o trono. Luís prosseguiu com a política expansionista, com a reforma eclesiástica e com o renascimento carolíngio, que atingiu o máximo apogeu durante o seu reinado (CONTRENI, John J. *Louis the Pious* In: EMMERSON, Richard K. (ed.). *Key figures in medieval Europe: an encyclopedia*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 422-423).

67 LUND, *op. cit.*, p. 208-209, nota 56.

68 CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978, p. 144.

## II. A Noruega

A primeira referência histórica à Noruega encontra-se na versão anglo-saxã da obra de Orosius (c. 375-418?)<sup>69</sup>, traduzida pelo rei Alfredo, *o Grande* (c. 849-899).<sup>70</sup> Em uma passagem, Ottar, um viajante norueguês, narrou suas aventuras pelas águas escandinavas.

Este homem do norte forneceu algumas informações sobre seu país de origem: a Noruega era habitada pelos noruegueses na costa e pelos nômades sami no interior. Porém, nenhuma noção sobre a situação política ou organizacional dos escandinavos foi mencionada.<sup>71</sup>

Graças a este desconhecimento, os eruditos se debruçam sobre as considerações das evidências escritas posteriores, como a *Heimskringla*. De acordo com Snorri, o primeiro monarca bem sucedido na unificação da Noruega sob um rei nativo foi Haraldr inn *hárfagri*, filho de Hálfdan *svarti*, um reizete de Vestfold no sudeste norueguês. De acordo com a *Haralds saga*, havia um conflito entre os reis locais, vencido por Haraldr.

---

69 **Orosius** (c. 375-418?) ou Paulus Orosius foi discípulo de Santo Agostinho (354-430) e historiador da Antiguidade Tardia. As informações que dispomos sobre a vida deste escritor limitam-se aos anos 414- 418, quando se dirigiu para a Galícia e, depois disso, não foi mais citado. Sua principal obra é a *Historiarum Adversum Paganos Libri VII*, que sugere a queda do Império Romano como uma conseqüência da adoção do cristianismo (ROHRBACHER, David. *The Historians of Late Antiquity*. Oxford: Routledge, 2002, p. 135-149).

70 **Alfredo, o Grande** (c. 849-899) foi rei das ilhas britânicas de 871 a 899. Ele recebeu a investidura do papa Leão IV (844-855) em 853, e dividiu com seus irmãos o controle da monarquia até sua ascensão ao trono. Alfredo foi um importante monarca por enfrentar a invasão dinamarquesa que teve início em 865 com a construção de fortificações e incursões nas regiões tomadas dos moradores da ilha. Ele também foi importante para a posteridade pela tradução e conservação de importantes obras da literatura clássica (NELSON, Janet L.; BATELY, Janet M. Alfred the great In: EMMERSON, Richard K. (ed.). *Key figures in medieval Europe: an encyclopedia*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 26-30).

71 ÆLFRED THE GREAT. *The Anglo-Saxon version from the historian Orosius*. By Ælfred the Great. Londres: W. Bowyer & J. Nichols, 1773, p. 13-16.

## Quando Haraldr conseguiu submeter à Noruega,

Haraldr konungr setti þann rétt alt þar er hann vann ríki undir sik, at hann eignaðist óðul öll, ok lét alla bændr gjalda sér landskyldir, bæði ríka ok úríka. Hann setti jarl í hverju fylki, þann er dæma skyldi lög ok landsrétt ok heimta sakeyri ok landskyldir, ok skyldi jarl hafa þriðjung skatta ok skylda til borðs sér ok kostnaðar. Jarl hverr skyldi hafa undir sér 4 hersa eða fleiri, ok skyldi hverr þeirra hafa 20 marka veizlu. Jarl hverr skyldi fá konungi í her 60 hermanna af sínum einum kostnaði, en hersir hverr 20 menn. En svá mikit hafði Haraldr konungr aukit álög ok landskyldir, at jarlar hans höfðu meira ríki en konungar höfðu fyrrum. En er þetta spurðist um Þrandheim, þá sóttu til Haralds konungs margir ríkismenn ok gerðust hans menn.

Assim que o rei Haraldr conquistou o reino para si, ele promulgou a lei de que todas as terras ancestrais [*óðul*] pertenciam-lhe e que todos os *baendr*, grandes e pequenos, deveriam pagar taxas pelo [usufruto da] terra. Ele indicou um *jarl* por distrito para que instituíssem as leis, a justiça, e para coletar multas e taxas pelo uso da terra. Cada *jarl* tinha sob seu controle três ou mais *hersar*, e cada um deles deveria receber vinte marcos de concessão régia. Cada *jarl* forneceria quarenta homens para o exército real. E o rei Haraldr aumentou tanto a taxaço e o imposto do solo que os seus *jarlar* passaram a ter mais poder do que os reis tiveram outrora. E ao ouvir estas coisas em Þrandheimr, muitos homens poderosos procuraram o rei Haraldr para se submeterem e tornarem-se seus súditos.<sup>72</sup>

Apesar de a *Heimskringla* sugerir que Haraldr tinha um grande poder, os especialistas descartam essa hipótese, pois ele não conseguiu estender o *status* de suserano a toda Noruega. Os reis posteriores reclamavam uma pretensa ascendência em relação à Haraldr, ponto também questionado pelos eruditos.<sup>73</sup>

Para Niels Lund, Haraldr inn *hárfagri* iniciou sua empreitada como

72 SNORRI STURLUSON. Haralds saga hins hárfagra *In: Heimskringla*. Uppsala: W. Schultz, 1870, cap. 6.

73 KRAGG, Carl. The early unification of Norway *In: HELLE, Knut (org). The Cambridge History of Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 191.

vassalo do rei dinamarquês e assumiu o controle dos reinos vizinhos assim que a coroa dinamarquesa demonstrou incapacidade para controlar a Noruega.<sup>74</sup>

A cronologia do reinado de Haraldr inn *hárfagri* é bastante incerta. A *batalha de Hafrsfjord*<sup>75</sup> foi datada em 872, confronto decisivo para os propósitos da recém-formada monarquia norueguesa. No entanto, alguns especialistas acreditam que o conflito tenha ocorrido por volta de 900. A morte do monarca também é motivo de divergência: os estudiosos a datam em 950, o que significa uma diferença de duas décadas em relação às fontes.<sup>76</sup>

### III. As ilhas do norte e a Islândia

Em 825, o geógrafo irlandês Dicuil (sécs. VIII-IX) fez a primeira referência histórica à ocupação das ilhas ao norte da atual Escócia.<sup>77</sup> De acordo com a *De mensura Orbis terrae*<sup>78</sup>, alguns anacoretas aportaram na ilha de *Thule* (talvez as Ilhas Faroé) para se dedicarem a Deus.

Porém, os eremitas tiveram apenas um século de tranquilidade nessa terra repleta de pássaros e ovelhas; logo foram forçados a se mudar,

---

74 LUND, *op. cit.*, p. 213, nota 56.

75 Para mais informações sobre a *Batalha de Hafrsfjord* (c. 890), ver o capítulo 7.

76 LUND, *op. cit.*, p. 214, nota 56.

77 **Dicuil** (c. 760) foi um erudito irlandês que integrou as cortes de Carlos Magno e Luís, o Piedoso. Ele foi o autor de alguns importantes tratados sobre a Geografia, a Gramática e a Astronomia. Os poucos detalhes que sabemos sobre sua vida foram extraídos das referências incidentais em seus trabalhos. A data de sua morte é desconhecida. BREEN, Aidan. Dicuil In: DUFFY, Seán (org.). *Medieval Ireland: An encyclopedia*. Oxford: Routledge, 2005, p. 128-129.

78 A obra *De mensura Orbis terrae* foi escrita em 825. Trata-se de uma compilação de diversas fontes do mundo antigo, além de descrições dos anacoretas irlandeses que visitaram as ilhas ao redor das ilhas britânicas. (BREEN, Aidan. Dicuil In: DUFFY, Seán (org.). *Medieval Ireland: An encyclopedia*. Oxford: Routledge, 2005, p. 128-129).

por causa dos freqüentes ataques dos corsários nórdicos (*ita nunc, causa latronum Nortmannorum, vacuae anachoretis*).<sup>79</sup>

Apesar desse relato, uma possível primazia escandinava na colonização das ilhas do norte europeu não pode ser descartada: se dermos crédito à versão anglo-saxã da *Historiae adversum paganos* (séc. V)<sup>80</sup>, o rei Ælfréd de Wessex (c. 847-899) recebeu em sua corte um homem do norte. Ohthere, um norueguês rico, relatou ao monarca suas aventuras e descreveu algumas regiões do norte europeu.<sup>81</sup>

Seja como for, a análise do pólen das Ilhas Faroé sugere que sua ocupação teve início no século VII.<sup>82</sup> Porém, os testemunhos materiais indicam que a presença massiva de imigrantes ocorreu apenas duzentos anos depois.

Os eruditos, por sua vez, sugerem que os primeiros traços da colonização são rastros dos monges irlandeses e, com a expansão viking, indícios mais evidentes dos assentamentos foram deixados pelos guerreiros escandinavos a posteriori.<sup>83</sup>

79 DICUIL. *Liber de mensura orbis terrae*. Paris: F. Didot, 1807, p. 40.

80 *A Historiae adversum paganos libri VII* (séc. V) foi escrita por Paulus Orosius (c. 375-418), discípulo de Agostinho que viveu na Península Ibérica. A obra abordou a história universal, com foco nas calamidades mundiais, até 417. A versão anglo-saxã da obra de Orósio foi redigida pelo rei Ælfréd, que incorporou uma série de narrativas ao texto original. Essa versão foi provavelmente composta entre 890 e 891. (ASSER, Johannes. *Alfred the Great Asser's Life of King Alfred and Other Contemporary Sources*. London: Penguin Classics, 1987, p. 32-40). Para uma melhor compreensão das diferenças entre as versões da obra, ver: VANDERBILT, Deborah. Translation and orality in the Old English Orosius *In: Oral Tradition*, nr. 13, vol. 2. Columbia: Center for Studies in Oral Tradition, 1998, p. 377-397.

81 ÆLFRED THE GREAT, *op. cit.*, p. 9-17, nota 71.

82 Um dos primeiros a defender a análise do pólen como testemunho da ocupação humana foi o historiador francês Georges Duby. O pólen é encontrado particularmente nas turfeiras, junto com cinzas de fornos. Essas provas servem muitas vezes para refutar as hipóteses construídas apenas com documentos escritos (DUBY, Georges. *A história continua*. Rio Tinto: Ed. Asa, 1992, p. 139).

83 STEFÁNSSON, Magnus. The Norse island communities of the Western Ocean *In: HELLE, Knut (org.). The Cambridge History of Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 209.

O *Íslendingabók* (*Livro dos Islandeses*, séc. XII) é um dos principais relatos que trata da colonização da ilha, e que confirma a primazia dos clérigos irlandeses ao desbravarem o Atlântico Norte:

Í þann tíð vas Ísland víþi vaxit á miþli fiállz oc fiöro. Þá váro hér mennn cristnir þeir er Norþmennn kalla papa. En þeir fóro síþan á braut af þvi at þeir villdo eigi vesa hér við hæiþna mennn. oc léto epter bócr irscar oc biöllor oc bagla. af þvi mátti scilia at þeir váro mennn irscer.

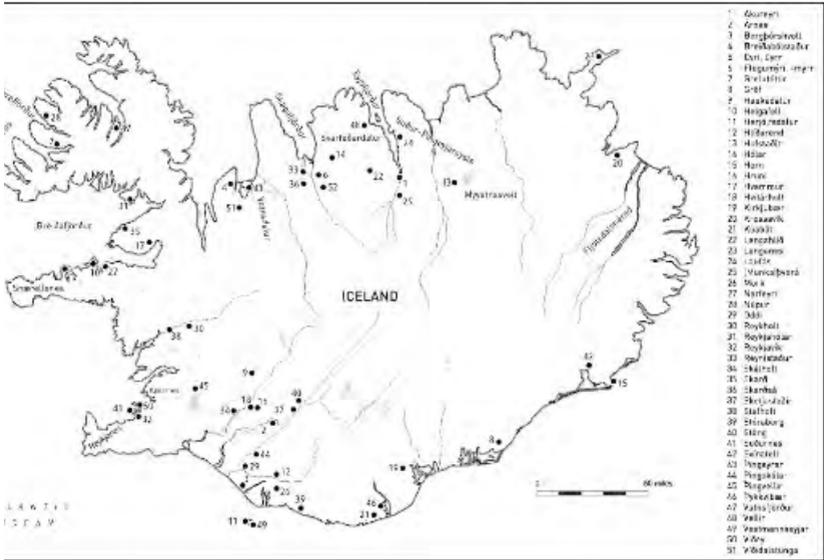
Naquele tempo, cresciam bosques das montanhas até a costa da Islândia. Os cristãos estavam lá, aqueles que os escandinavos [*Norþmennn*] chamavam de *papar*. Mas depois, eles foram embora, porque não queriam viver ao lado de um povo pagão. Eles levaram seus livros irlandeses, seus sinos e suas croças e, a partir destas, passaram a ser lembrados como os homens da Irlanda.<sup>84</sup>

Assim, os escandinavos receberam uma nova alcunha do cronista islandês: além de ladrões, eram também pagãos. Essa conexão entre as obras de Dicuil e Ari *fróði* já foi o objeto de estudo de diversos especialistas.<sup>85</sup>

---

84 ARE HINN FRÓÐE ÞORGILSSON. *Íslendingabók*. Ed. Finnur Jónsson. København: Jørgensen & Co.s Bogtrykkeri, 1930, 1. A tradução é minha.

85 SIGURÐSSON, Gísli. Helgi Guðmundsson - Um haf innan: Vestrænir menn og íslenzk menning á miðöldum. Reykjavík: Háskólaútgáfan, 1997. 413 pages. *Alvissmál: Forschungen zur mittelalterlichen Kultur Skandinaviens*, vol. 9, n.1, 1999, p. 109-111; VÉSTEINSSON, Orri. Patterns of settlement in Iceland: a study in prehistory *In: Saga-Book XXV:1*. London: Viking Society for Northern Research, 1997, p. 1-29.



**Figura 2 – Mapa da Islândia:** O mapa apresenta um mapa da Islândia que destaca os principais nomes que foram eventualmente citados durante este trabalho. **Fonte:** MCTURK, Rory (2005).

A arqueologia alude a ocupações esporádicas, limitadas e sazonais da Islândia antes da *Era Viking*, pois não provocaram impacto relevante aos assentamentos nórdicos posteriores.<sup>86</sup>

Uma migração expressiva para ilha só ocorreu no século IX, como atestam os documentos que abordaram o assunto: o *Íslendingabók* e o *Landnámabók*. A “descoberta” da Islândia foi uma questão de tempo: ao tentarem o caminho das ilhas britânicas, os vikings chegaram acidentalmente às Ilhas Faroé, arrastados pelas marés ou pelo mau tempo. Talvez em uma condição excepcional, os homens do Norte alcançaram a *Thule*.<sup>87</sup>

De maneira surpreendente, as descobertas da arqueologia dos últimos

86 VÉSTEINSSON, op. cit., p. 4-5, nota 85.

87 KARLSSON, Gunnar. *The history of Iceland*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000, p. 12-13.

anos apenas confirmaram o que os antigos disseram. A exploração do sítio arqueológico em Vestmannaeyjar, na costa sul da Islândia, sugeriu que o assentamento islandês teve início no século VI ou VII.

Porém, o material arqueológico encontrado estava abaixo da *camada vulcânica da colonização (volcanic settlement layer)*, oriunda de uma provável erupção em 900, ou pouco antes. A comparação desta última com as camadas de gelo da Groelândia precisaram o início da colonização em 871 ( $\pm 2$ ).<sup>88</sup>

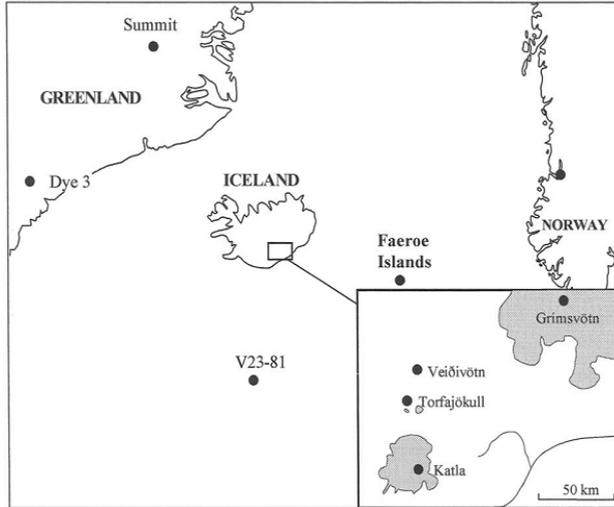
Provavelmente, o efeito da lava vulcânica sobre os indícios da colonização islandesa tenha modificado o resultado tradicional com o <sup>14</sup>C.<sup>89</sup>

Portanto, Ari *fróði*, quem estabeleceu o ano de 870 como o início da colonização escandinava, errou por pouco, feito extraordinário para um homem que escreveu quase duzentos anos após o ocorrido e que teve como principal fonte de informações a transmissão oral dos acontecimentos.

---

88 BARD, Edouard et al. Express Letter: Ash layers from Iceland in the Greenland GRIP ice core correlated with oceanic and land sediments. *Earth and Planetary Science Letters*, vol. 135, p. 149-155, 1995, p. 149-155.

89 STEFÁNSSON, *op. cit.*, p. 210, nota 83.



**Figura 3 – Sítio arqueológico na Islândia:** O mapa destacou algumas localidades ao redor da Islândia. No quadrado menor, a região onde os arqueólogos encontraram os sinais da ocupação inicial da Islândia. Notem a proximidade do sítio arqueológico com a costa da Noruega Ocidental e das Ilhas Faroas. **Fonte:** Bard et al (1995).

### III.1 A colonização da Islândia

De acordo com a literatura islandesa medieval, os primeiros colonizadores da Islândia foram nobres proprietários de terra que deixaram a Noruega para escapar da tirania do rei Haraldr inn *hárfağri* (a própria *Egils saga* atesta isso).<sup>90</sup> A escassez de terras na região de *Vestlandet* (Noruega Ocidental) foi um importante fator para a migração. Além disso, a expulsão dos vikings de Dublin (850-900) forçou alguns escandinavos assentados nas ilhas britânicas a procurar uma nova terra para emigrar.<sup>91</sup>

<sup>90</sup> EGILS SAGA, *op. cit.*, p. 2-35, nota 31.

<sup>91</sup> SIGURDSSON, Jon Viðar. *Iceland In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (Ed.). The Viking World*. London: Routledge, 2008, p. 571.

Por sua vez, as pesquisas arqueológicas indicam uma pobreza material nos séculos IX-X que sugerem que a ilha não foi colonizada diretamente por nobres noruegueses. Além disso, a dimensão das casas islandesas de “nobres” imigrados não chegam a metade da dimensão das residências nobiliárquicas norueguesas daquele tempo.<sup>92</sup>

Ademais, de acordo com o *Landnámabók* (*Livro dos assentamentos*) e as sagas, a colonização da Islândia partiu da costa ocidental e do sudoeste da Noruega, ao contrário das evidências arqueológicas. A maior parte dos especialistas prefere não especular sobre a origem desses colonizadores.<sup>93</sup>

Quanto a Egill, a *Egils saga* nos informa que o herói estocou víveres, e que havia ainda muitos outros recursos para os seus. Felizmente, o autor elencou quais recursos naturais estavam disponíveis:

- 1) Florestas nas cercanias de Borg (região escolhida por Egill para habitar);
- 2) Águas piscosas (com ênfase para a pesca de salmão), focas e ovos em abundância;
- 3) Baleias encalhadas em grande número. Ademais, os animais encontrados eram mansos e não fugiam dos seres humanos;
- 4) Madeira flutuante na costa;
- 5) Pasto aprazível nas montanhas, onde os animais eram invernados.<sup>94</sup>

Esse relato é vital para compreender o estilo de vida dos colonos. Orri Vestéisson, um dos mais renomados arqueólogos do período da colonização, nos alerta para a fidedignidade das sagas, pois seu estudo deve ser cotejado com outras referências.<sup>95</sup>

---

92 VÉSTEINSSON, Orri. *Archaeology of Economy and Society In: MCTURK, Rory (org.). A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blackwell, Publishing, 2005, p. 10-13.

93 *Ibid.*, p. 4-5, nota 85.

94 EGILS SAGA, *op. cit.*, p. 40, l. 2-24, nota 31.

95 KELLER, Christian; MCGOVERN, Thomas H.; VÉSTEINSSON, Orri.

No entanto, essa narrativa é bastante verossímil: foram encontrados recursos marinhos na região sudoeste de Háls, além de ossos de bacalhau em Granastaðir e restos de salmão e ovos de aves em Hofstaðir.<sup>96</sup>

Apesar desse cenário apazível, muitos dos primeiros assentamentos foram posteriormente abandonados, provavelmente pela escolha incorreta do local mais apropriado. Entre os sítios deixados a própria sorte, a maioria encontra-se em regiões onde o desmatamento provocou uma rápida erosão do solo.<sup>97</sup>

Nesse ínterim, Vestéinsson sugeriu que a maioria dos primeiros colonos se uniu para habitar uma determinada região, visto que, em muitos assentamentos, há indícios de várias famílias de colonos que inicialmente viveram juntas e posteriormente formaram suas próprias fazendas. Talvez essa hipótese favoreça a compreensão do regime político singular adotado pelos colonos islandeses.<sup>98</sup>

Esse período da colonização (870-930) foi vital para a fixação das tradições políticas e sociais que tornaram a Islândia um exemplo singular na Idade Média.

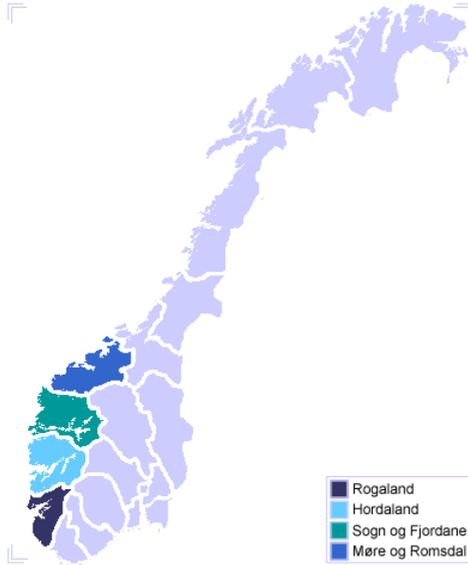
---

Enduring Impacts: social and environmental aspects of Viking Age Settlement in Iceland and Greenland *In: Archaeologia Islandica*, 2. Reykjavík: Institute of Archaeology, 2002, p. 4-6.

<sup>96</sup> *Id.*

<sup>97</sup> VÉSTEINSSON, *op. cit.*, p. 15, nota 92; KELLER; MCGOVERN; VÉSTEINSSON, *op. cit.*, p. 7, nota 95.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 12-17, nota 92.



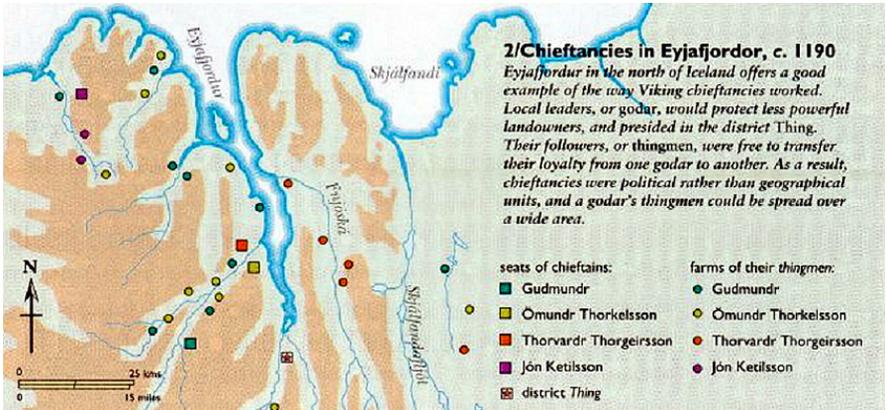
**Figura 4 – A provável origem dos colonizadores:** As comarcas assinaladas acima fazem parte do *Vestlandet* (Noruega Oriental, em norueguês). Notem que a localização dessa face da Noruega foi ideal para a imigração em direção ao Atlântico Norte, como realçado no mapa anterior. **Fonte:** Wikipedia (2009, adaptado).

### III.2 A organização política islandesa

A progressiva ocupação da ilha acelerou a necessidade de um sistema jurídico-social que intermediasse e resolvesse os conflitos, a *þingi* (assembléia local). Seus líderes eram eleitos pelos *bóndi* (fazendeiros).

Estes últimos elegiam um *goði* (líder, pl. *goðar*) para o *þingi*. Apenas os *goði* tinham direitos ao voto nas assembléias, e os *bóndi* podiam escolher outro representante com certa liberdade. Os *goðar* não se limitavam a critérios territoriais e influenciavam *bóndi* relativamente distantes uns dos outros. Entre estes havia outros *bóndi* sob a influência de outros *goðar*.<sup>99</sup>

99 HAYWOOD, John. *The Penguin Historical Atlas of the vikings*. London: Penguin Classics, 1995, p. 92.



**Figura 5 – Lideranças em Eyjafjörður (c. 1190):** Mapa de Eyjafjörður (norte da Islândia) em aproximadamente 1190, com a distribuição dos *bóndi* em relação aos *godar*. Cada *godi* foi representado com um quadrado de uma cor, e seus *bóndi* fiéis com círculos da mesma cor. A *þingi* está assinalada pelo quadrado que contém uma estrela. É notável a disposição irregular dos *bóndi*, o que pode ser justificado por lideranças com unidades mais políticas que geográficas. **Fonte:** Haywood (1995).

Em 930, os colonizadores definiram a região de Þingvellir como o *Allþingi* (assembléia geral), com *godar* de todas as regiões da Islândia. A escolha dessa região se deve às características geográficas: no século X, o solo e a vegetação de Þingvellir facilitavam o trânsito para os cavalos, já que estes ainda não dispunham de ferraduras.<sup>100</sup> No centro do *Allþingi* havia a *lögberg* (a rocha da lei), onde eram feitos os pronunciamentos.

Para facilitar a administração, a Islândia foi dividida em quatro quartéis (sul, norte, leste e oeste), cada um deles com quatro *godorð*. Por sua vez, três *godar* eram reunidos em cada *godorð*.<sup>101</sup>

100 ÞORLÁKSSON, Helgi. Historical background: Iceland 870-1400 In: MCTURK, Rory (org.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blackwell, Publishing, 2005, p. 141.

101 FRIEDMAN, David. Private Creation and Enforcement of Law: a Historical Case In: *Journal of Legal Studies*. Chicago: University of Chicago Law School, 1979, p. 399-415.

Uma vez por ano, os *goðar* de toda a Islândia se reuniam para negociar pacificamente as querelas, e o poder era distribuído igualmente entre os líderes. Em 965, os islandeses estabeleceram quatro *þings*, quatro cortes (*þjórdungsdomar*) e o *Allþingi*, que admitia 36 *goðar*, passou a contar com 39.<sup>102</sup> O propósito da divisão era manter o equilíbrio de poder bem dividido pelas diferentes partes da ilha.

O “supremo líder” (*allsþerjargóði*) foi uma designação aplicada no *Allþingi*, embora meramente honorífica. Ele recebia os participantes e os alocava em cada uma das seções designadas. O *allsþerjargóði* era um título hereditário do *goðorð* de Thorsteinn Ingólfsson, considerado o filho do primeiro colonizador islandês.<sup>103</sup>

Havia também as *várþing* (assembléias da primavera), convocadas em maio por três *goðar*. Nessas assembléias participavam os seguidores dos *goðar* e os demais chefes de família da região. As principais funções das *vorþing* era resolver as querelas regionais e discutir os preços praticados.<sup>104</sup>

Cada *goði* escolhia doze fazendeiros de sua confiança para exercerem a função de júri. Como os *goðar* não exerciam papel direto no processo judicial das *vorþing*, eles estavam livres para participar dos litígios e das manobras políticas externas a corte.<sup>105</sup>

As cortes eram instrumentos poderosos na organização social islandesa, pois poderiam desterrar indivíduos que cometessem crimes. Assim, o poder do *goði* dependia de sua influência no sistema judicial, de sua família e de seus recursos. Ele distribuía riquezas, na forma de presentes e banquetes, para assegurar o suporte de amigos e dos homens do *þing*.<sup>106</sup> Aqueles que apoiavam o *goði* eram então conhecidos como *þingmenn*.

As cortes poderiam absolver os culpados ou aplicar dois tipos de

102 KARLSSON, *op. cit.*, p. 20-27, nota 87.

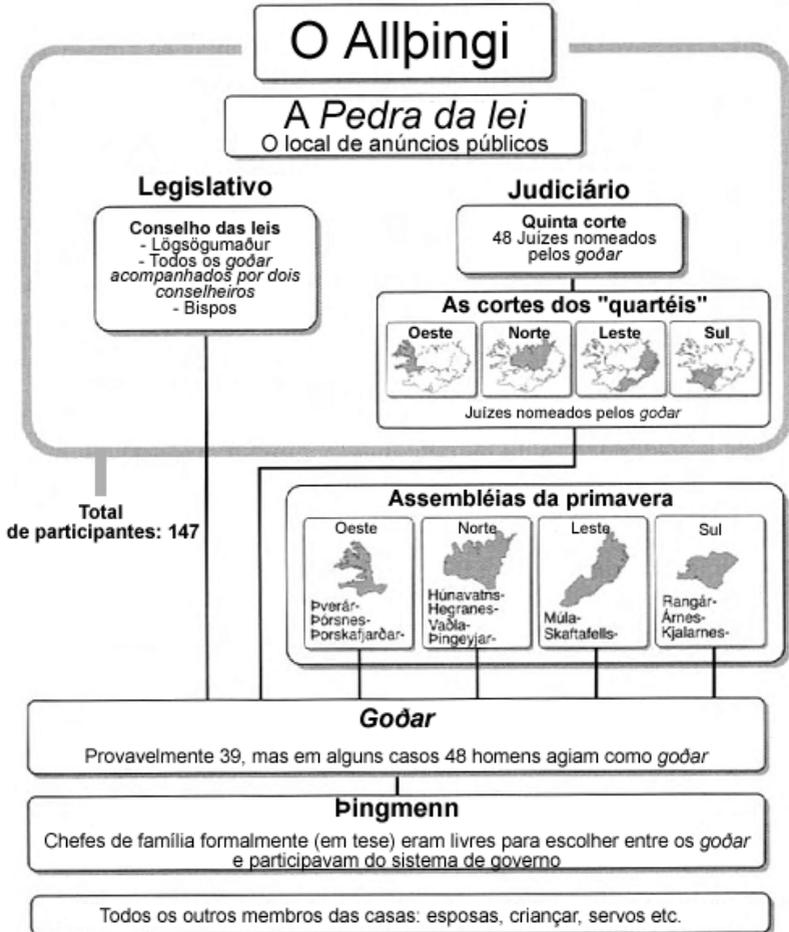
103 BYOCK, Jesse L. *Medieval Iceland: Society, Sagas, and Power*. Berkeley: University of California Press, 1990, p. 65.

104 VÉSTEINSSON, Orri. *The Christianization of Iceland: Priests, Power, and Social Change 1000-1300*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 295.

105 BYOCK, *op. cit.*, p. 59-60, nota 103.

106 STEFÁNSSON, *op. cit.*, p. 210, nota 83.

penalidades: 1) *batr* (compensação), 2) desterro, que poderia ser perene (*skóggangr*) ou com três anos de duração (*fjörbaugsgarðr*). Em alguns casos um fazendeiro pedia suporte ao seu *goði* para receber uma compensação ou eliminar o fora-da-lei.<sup>107</sup>



**Figura 6 – A organização política da Islândia:** O esquema mostra as relações entre as várias instâncias da organização islandesa. Ressalto a complexidade do sistema político adotado, que envolviam muitos homens e regiões da ilha. **Fonte:** KARLSSON (2000, adaptado).

107 KARLSSON, *op. cit.*, p. 24, nota 87.

O principal conselho da Islândia foi o *lögretta* (conselho das leis), realizada em campo aberto e organizado em assentos ordenados em três círculos concêntricos. Dele participavam todos os *goðar* do país, que se assentavam nos bancos do centro: cada *goði* ainda escolhia dois de seus homens como conselheiros e ocupavam os outros dois bancos, sentados imediatamente à frente e atrás de seu *goði*.<sup>108</sup>

A principal função do *lögreta* era criar novas leis (*nýmalí*), interpretar as leis existentes e fazer emendas e exceções das leis já existentes. Nesse aspecto, os *goðar* não exerciam apenas um poder formal, mas real. Com seus dois conselheiros, os *goðar* representavam 144 membros.<sup>109</sup>

Além dos conselheiros, cada *goði* podia reunir até trinta e seis dos seus homens de confiança do *þing* para que os acompanhassem. Embora esses homens não pudessem participar do *Allþingi*, eles estavam à disposição de seu líder para qualquer necessidade política.<sup>110</sup>

Como se pode notar, a ausência de um poder central atribuía ao *goði* um papel vital na organização política, pois os fazendeiros a eles recorriam para resolver as querelas. A falta de um aparato militar que corroborasse com o sistema era compensada pelos próprios homens da comunidade, que protegiam e amparavam seus *goðar* na execução das decisões.<sup>111</sup>

Assim, o que é reconhecido modernamente como o poder executivo era realizado em plena Idade Média por islandeses comuns.

O único cargo reconhecido e fixo na Islândia foi o *lögsögumaður*, eleito a cada três anos. Ele subia na *lögberg* durante a *Allþingi* para pronunciar um terço das leis apenas com a ajuda da memória. Entre outras atribuições, o *lögsögumaður* devia proferir as novas leis aprovadas em assembleia. Em caso de esquecimento, ele poderia consultar cinco ou seis especialistas na lei (*lögmennt*).<sup>112</sup>

---

108 BYOCK, *op. cit.*, p. 61-64, nota 103.

109 STEFÁNSSON, *op. cit.*, p. 215, nota 83.

110 BYOCK, Jesse L. *Allþingi In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. Medieval Scandinavia: An Encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, p. 10-11.

111 KARLSSON, *op. cit.*, p. 25-26, nota 87.

112 BYOCK, *op. cit.*, p. 64, nota 103.

### III.3 A cristianização da Islândia

Óláfr konungr Tryggvasonr, Ólafssonar, Haraldssonar ins hárfagra, kom kristni í Norveg ok á Ísland. Hann sendi hingat til lands prest þann, er hét Þangbrandr ok hér kenndi mönnum kristni ok skírði þá alla, er við trú tóku. En Hallr á Síðu Þorsteinssonr lét skírast snimhendis ok Hjalti Skeggjasonr ór Þjórsárdali ok Gizurr inn hvíti Teitssonr, Ketilbjarnarsonar frá Mosfelli, ok margir höfðingjar aðrir. En þeir váru þó fleiri, er í gegn mæltu ok neittu.

O rei Óláfr, filho de Tryggvi, filho de Óláfr, filho de Haraldr inn hárfagri, levou o cristianismo para a Noruega e a Islândia. Ele enviou um clérigo de nome Þangbrandr para a Islândia, que informou as pessoas quanto ao cristianismo e batizou todos que aceitassem a fé. Assim, Hallr Þorsteinsson de Síða foi batizado em seguida, assim como Hjalti Skeggjason de Þjórsdalr e Gizurr inn hvíti [o branco], filho de Teitr de Mosfell, filho de Ketilbjörn, e muitos outros líderes. Entretanto, houve vários que falaram contra ela [a fé] e a recusaram.<sup>113</sup>

Ari fróði prosseguiu sua narrativa: os líderes convertidos foram à Noruega e prometeram ao rei que converteriam a nação. Na *Allþingi* de 999 (ou 1000) o acirramento de opiniões era tão grande que cristãos e pagãos declararam que não viveriam juntos sob as mesmas leis.<sup>114</sup>

Após os cristãos barganharem com o *lögsögumaður* Þorgeirr Þorkelsson (c. 940-?) para que fosse favorável à reconciliação em seu discurso na *Allþingi*, os islandeses chegaram a um acordo: a fé cristã seria adotada na ilha, com algumas condições especiais:

Þá var þat mælt í lögum, at allir menn skyldi kristnir vera ok skírn taka, þeir er áðr váru óskírðir á landi hér. En of barnaútburð skyldu standa in fornu lög ok of

113 ARE HINN FRÓÐE ÞORGILSSON, *op. cit.*, 7, nota 84. A tradução é minha.

114 *Id.*

hrossakjötsát. Skyldu menn blóta á laun, ef vildu en varða fjörbaugsgarðr, er váttum of kæmi við. En síðar fám vetrum var sú heiðni af numin sem önnur.

Então foi declarada a lei que toda a pessoa deveria ser cristã e aceitar o batismo, inclusive quem não fora batizado nesta terra. Mas a exposição de crianças e a ingestão de carne de cavalo deveriam ser mantidas na lei antiga. As pessoas teriam que fazer sacrifícios em segredo se quisessem evitar o banimento por três anos, o que aconteceria caso elas fossem descobertas. Alguns anos depois, aquela prática pagã foi abandonada, assim como as demais.<sup>115</sup>

Apesar da relação íntima entre Ari *fróði* e a família de Haukdælir (ou Mosfellingar) e a ênfase no papel do rei Óláfr, os estudiosos não duvidam que, em termos gerais, a conversão ocorreu em conformidade com essa narrativa.<sup>116</sup>

Para Adam de Bremen, a cristianização ocorreu no tempo do arcebispado de Adalberto (1043-72). Porém, a análise dos túmulos islandeses do período demonstra o abrupto abandono do sepultamento nos moldes pagãos.<sup>117</sup>

Alguns especialistas ainda sugerem que a população islandesa era parcialmente cristianizada, mas as evidências arqueológicas afirmam o contrário.<sup>118</sup>

Ainda segundo Vésteinsson, a história da conversão da população da Europa do leste e nórdica é a história de um nascente Estado aliado à Igreja contra uma oposição organizada por parte da aristocracia à nova religião.<sup>119</sup>

---

115 ARE HINN FRÓÐE ÞORGILSSON, *op. cit.*, 7, nota 84. A tradução é minha.

116 KARLSSON, *op. cit.*, p. 36, nota 87.

117 VÉSTEINSSON, *op. cit.*, p. 45, nota 104.

118 *Ibid.*, p. 17-18, nota 104.

119 *Ibid.*, p. 19.

### III.3 A concentração do poder nas mãos do *goðar*

A forma como o cristianismo foi ensinado na Islândia é bem conhecida pelos eruditos. Os argumentos utilizados pelos clérigos eram que Þórr e Cristo eram irreconciliáveis, ou seja, não era possível acreditar em ambos. Além disso, segundo eles, Jesus foi um poderoso rei em Roma que havia conquistado todo o mundo conhecido, enquanto Þórr não conseguiu o mesmo. Qualquer outra comparação com Jesus poderia ser apenas desfavorável aos deuses nórdicos.<sup>120</sup>

Os primeiros clérigos na Islândia foram missionários, conforme o *Islendingabók*:

Þessi eru nöfn byskupa þeira, er verit hafa á Íslandi útlendir at sögu Teits: Friðrekr kom í heiðni hér, en þessir váru síðan: Bjarnharðr inn bókvísi fimm ár, Kolr fá ár, Hróðólfr nítján ár, Jóhan inn írski fá ár, Bjarnharðr nítján ár, Heinrekr tvau ár.

Enn kómu hér aðrir fimm, þeir er byskupar kváðust vera: Örnólfr ok Goðiskálkr ok þrír ermskir: Pétrús ok Ábrahám ok Stéphanús.

Esses são os nomes dos bispos estrangeiros que estiveram na Islândia, de acordo com a história de Teitr: Friðrekr veio quando aqui [a Islândia] ainda era pagã, e vieram depois Bjarnharðr inn *bókvísi* [o sábio livro] por cinco anos, Kolr, por poucos anos, Hróðólfr por dezenove anos, Jóhan inn *írski* [o irlandês] por poucos anos, Bjarnharðr por dezenove anos, Heinrekr por dois anos.

Ainda outros cinco vieram aqui, e dizem que eles eram bispos: Örnólfr e Goðiskálkr, e três *ermskeir* [armênios ou poloneses]: Pétrús, Ábrahám e Stéphanús.<sup>121</sup>

120 ÞORLÁKSSON, *op. cit.*, p. 145, nota 100.

121 ARE HINN FRÓÐE ÞORGILSSON, *op. cit.*, 8, nota 84. A tradução é minha.

Além do relato de Ari, o poema em alemão antigo *Merigarto* (*terra cercada pelas águas*, séc. XI-XII) citou um “honorável clérigo” chamado Reginpreht, originário de Utrecht. De acordo com o autor, esse padre foi para a Islândia com um carregamento de grãos, vinho e madeira.<sup>122</sup>

Apesar dessas narrativas, pouco se sabe sobre a atividade missionária na ilha antes da ordenação do primeiro bispo nascido na Islândia e de sua relação com as lideranças locais.<sup>123</sup>

A cristianização dos islandeses não proporcionou relações diretas com a sé romana. A Igreja da Islândia se desenvolveu como uma “igreja nacional” nos moldes germânicos, na qual os magnatas seculares exerciam uma grande autoridade.<sup>124</sup>

Ísleifr (1056-1080), primeiro bispo nativo, era filho de um dos *goðar* responsáveis pela adoção da fé cristã. Ele pertencia à família Haukdalir (posteriormente chamada de Haukadalur), que exercia um grande poder na região sudoeste da Islândia. Ele foi enviado pelo pai para ser educado na Saxônia, e apresentava as melhores condições para assumir a condição de clérigo dentre os seus irmãos.

Não sabemos até que ponto Ísleifr (ou sua família) era movido por ambições pessoais, pelo desejo de cristianizar a Islândia ou ser o único habilitado em toda ilha para essa condição.<sup>125</sup>

A viagem do futuro bispo foi provavelmente organizada e planejada: após passar pela corte do imperador Henrique III (1017-1056)<sup>126</sup>, Ísleifr seguiu para Roma e recebeu uma carta do papa que ordenava que o

122 GIBBS, Marion E.; JOHNSON, Sidney M. *Medieval German Literature: A Companion*. Oxford: Routledge, 2000, p. 80.

123 VÉSTEINSSON, *op. cit.*, p. 20, nota 104.

124 KARLSSON, *op. cit.*, p. 39, nota 87.

125 VÉSTEINSSON, *op. cit.*, p. 21-23, nota 104.

126 **Henrique III**, *o Negro* (1017-1056) foi um imperador do Sacro Império Romano-Germânico de origem dinástica sálica, responsável por diversas expansões em direção a Boêmia e Hungria, além da divisão da Lorena (GWATKIN, H. M., Whitney, J. P. (ed) et al. *The Cambridge Medieval History: Volume III*. Cambridge: Cambridge University Press, 1926, p. 285).

arcebispo de Bremen o consagrasse.<sup>127</sup>

Pela pouca menção aos clérigos missionários e ênfase na consagração de um bispo nativo, alguns especialistas sugerem que houve uma larga influência aristocrática para esse avanço na Igreja islandesa, enquanto os bispos estrangeiros foram desprezados.<sup>128</sup>

O filho de Ísleifr, Gizurr (1042-1118), tornou-se o bispo da Islândia com a morte de seu pai. Tão logo assumiu a diocese, ele adotou sua fazenda em Skálholt como sede da Igreja católica islandesa. Durante um bom tempo, os Haukadalur e os Oddaverjar (família vizinha e aliada) se mantiveram no comando da Igreja.<sup>129</sup>

A criação da diocese em Hólar (1106) não impediu que essas duas famílias mantivessem o controle sobre o catolicismo insular. Somente em 1201 é que os homens de Ásbríngar, linhagem dominante no norte, conseguiram eleger um bispo de sua própria família.<sup>130</sup>

A Igreja se expandiu no restante da Islândia com a construção de igrejas pelos líderes e fazendeiros ricos. Como era costume nas igrejas germânicas, o financiador do templo era obrigado a manter o prédio e providenciar um padre. Ele também administrava seus bens.<sup>131</sup>

No início, era provável que o financiador-fazendeiro exercesse a atividade clerical. Isso se refletiu na (lenta) cristianização dos islandeses: os rituais católicos demoraram cerca de cem anos até serem incorporados pelo povo, e o conhecimento teológico não foi estabelecido totalmente até o ano 1200.<sup>132</sup>

Progressivamente, padres melhor educados tomaram conta do ofício eclesiástico, formados principalmente nas dioceses e em escolas nas grandes fazendas como, por exemplo, Haukadalur e Oddi.<sup>133</sup>

127 ARE HINN FRÓÐE ÞORGILSSON, *op. cit.*, 9, nota 84.

128 VÉSTEINSSON, *op. cit.*, p. 24, nota 104.

129 ARE HINN FRÓÐE ÞORGILSSON, *op. cit.*, 10, nota 84.

130 STEFÁNSSON, *op. cit.*, p. 217, nota 83.

131 *Id.*

132 ÞORLÁKSSON, *op. cit.*, p. 145, nota 100.

133 STEFÁNSSON, *op. cit.*, p. 217, nota 83.

O dízimo foi introduzido na Islândia entre 1096 e 1097, a primeira igreja a fazê-lo em toda Escandinávia.<sup>134</sup> Do total arrecadado, metade era administrada pelo financiador-fazendeiro para a manutenção do templo e do clérigo, o que incrementava a renda do próprio proprietário rural. A outra metade era dividida e destinada à diocese e aos pobres, respectivamente. O quarto referente aos pobres era administrado pelo líder da unidade comunal (*hreppr*).<sup>135</sup>

Com o passar do tempo, o proprietário poderia doar toda a fazenda para a igreja. Essa unidade privada independente economicamente chamava-se *staðr* (no latim era também conhecida como *locus religiosus* ou *sacer*).<sup>136</sup>

Para isso, o fazendeiro era, na maior parte das vezes, mantido como administrador dos bens do templo, o que o beneficiava diretamente. Caso não houvesse nenhuma cláusula, o bispo escolhia um administrador, e o mais comum era indicar uma das lideranças locais.<sup>137</sup>

### III.4 O acúmulo de poder (sécs XI-XIII): o fim da liberdade islandesa

Após a adoção do cristianismo na Islândia, o regime político insular se concentrou pouco a pouco nas mãos de algumas famílias. Como aconteceu no restante da Europa continental, a Igreja certamente facilitou o incremento de poder e influência dos *godar*.<sup>138</sup>

Inicialmente o processo foi pacífico: o poder e o prestígio foram concentrados graças às heranças e casamentos, além das relações não-sanguíneas de amizade e aliança. A instituição do dízimo apressou a concentração de riquezas nas mãos dos grandes proprietários, o que

---

134 ARE HINN FRÓÐE ÞORGILSSON, *op. cit.*, 10, nota 83.

135 KARLSSON, *op. cit.*, p. 39-40, nota 87.

136 *Ibid.*, p. 40.

137 ÞORLÁKSSON, *op. cit.*, p. 146, nota 100.

138 STEFÁNSSON, *op. cit.*, p. 218, nota 83.

distanciou os *goðar* do restante da população.<sup>139</sup>

O acúmulo de poder nas mãos de poucos se deu pela mudança gradativa da influência dos *goðar*. Se inicialmente a autoridade era exercida por meios políticos, em meados do século XI ela se tornou territorial (*riki*). A dominação era estabelecida sobre um distrito que os três *goðorð* (que correspondia a uma *várþing*) estavam condicionados a apenas um *goði*. Posteriormente o mesmo líder poderia controlar outros *goðorð*. Nesse caso, ele se tornava um *stórgoði* (grande líder).<sup>140</sup>

Na metade do século XII houve uma era de climas mais rigorosos, que favoreceu a concentração de territórios por parte dos *goðar*. Além disso, erupções vulcânicas, epidemias em animais, exaustão do solo e, principalmente, sua erosão, pioraram a situação dos fazendeiros islandeses mais pobres.<sup>141</sup>

Até o início do século XII, os Haukdælir foram a mais poderosa família islandesa, e mantiveram o *status* de líderes da ilha até a completa submissão à Noruega (1264). Sob a alçada dessa família estava a sé de Skálholt, além da proximidade com o *Allþingi*. Eyrar, um dos principais centros comerciais da época, estava sob sua esfera de poder.<sup>142</sup>

Durante o decorrer do século XI e o início do XII, outras famílias adquiriram prestígio na Islândia: 1) os Oddaverjar, de Rangárthing até o leste de Árneshing, 2) os Ásbirningar, em Heganeshing e Skagafjörður (norte da ilha), 3) os Svínfellingar no sudoeste, 4) os Austfirðingar no leste. Com o decorrer do tempo outras lideranças surgiram no Nordeste e oeste islandês.<sup>143</sup>

Na segunda metade do século XII, os Oddaverjar tornaram-se mais proeminentes, graças à ascensão de um membro da família a sé de Hólar e a entrega da sé de Skálholt a um membro da família para proteção

---

139 LACY, Terry G. *Ring of Seasons: Iceland - Its Culture and History*. Michigan: University of Michigan Press, 2001, p. 142.

140 KARLSSON, *op. cit.*, p. 72-73, nota 87.

141 LACY, *op. cit.*, p. 140, nota 139.

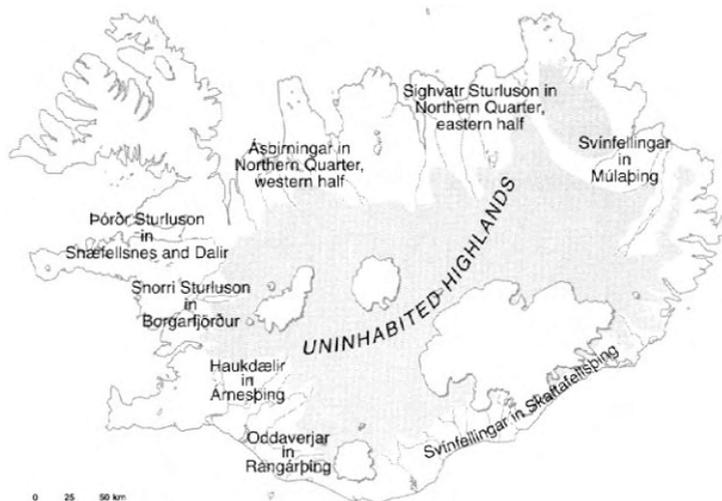
142 STEFÁNSSON, *op. cit.*, p. 218-219, nota 83.

143 KARLSSON, *op. cit.*, p. 73-75, nota 87.

(1178-1193).<sup>144</sup>

O início do século XIII marcou o crescimento de outra família: os Sturlungar. Seus principais membros eram filhos de um *goði* da região oeste da Islândia que foi muito ativo politicamente durante o século XII.

Em 1215, Sighvatr Sturluson completou a formação de um *riki* em Eyjafjörður e Thingeyjarthing, no Noroeste. Seu irmão, Snorri Sturluson, estabeleceu um *riki* em Borgarfjörður, entre os quartéis sul e leste.<sup>145</sup>



**Figura 7 – Os domínios dos principais líderes:** O mapa destaca a distribuição dos principais domínios da Islândia (c.1230). Ressalto as regiões sobre o controle dos Sturlungar (oeste e leste) em contraposição às demais famílias. Outro aspecto que merece destaque é a falta de limites específicos para as áreas que estavam sob a esfera de influência de cada família, apesar da progressão do sistema territorial em detrimento das relações políticas entre os fazendeiros e os *goðar*. **Fonte:** KARLSSON (2000).

144 STEFÁNSSON, *op. cit.*, p. 219, nota 83.

145 KARLSSON, *op. cit.*, p. 75-78, nota 87.

O desenvolvimento do *ríki* trouxe outras conseqüências além da concentração de terras sob um mesmo comando. As mais notáveis foram a adoção de conselheiros (*trínadarmenn*) pelo *stórgoði* e um apoio militar constante de seus seguidores (*fylgðarmenn*). A utilização de força militar foi também um símbolo dos conflitos que marcaram o período pré-incorporação da ilha à coroa norueguesa.<sup>146</sup>

A base de poder dos *stórgoðar* modificou-se com a evolução dos *ríki*. Os fazendeiros perderam a opção por escolher seus *goði*. Os proprietários rurais circunscritos a um *ríki* estavam sujeitos ao mesmo *stórgoði* e aos seus homens. A liderança dos *goðar* inicial, baseada na família e nos laços de amizade, foi substituída gradativamente por uma autoridade político-territorial.<sup>147</sup>

Assim, o *stórgoði* controlava as atividades judiciais do distrito e decidia todos os casos entre os seus homens do *þingi* e os fazendeiros que pertenciam ao seu campo de atuação. Logo, o poder do *þingi* local e regional declinou.<sup>148</sup>

A aptidão dos *stórgoðar* para gerenciar os recursos econômicos e poder humano de seus *ríki* foram, em última instância, o que determinou o sucesso dos grandes líderes nesse contexto de conflitos pelo poder entre as famílias de prestígio na Islândia.<sup>149</sup>

Durante o fim do século XII, o bispo de Skálholt, Thorlákr Thórhallsson (1133-1193) tentou ampliar o controle da diocese sobre as igrejas locais, ao colocar a administração das igrejas sob sua supervisão pessoal. Ele teve um considerável sucesso em Austfirðir, mas sofreu uma forte oposição dos fazendeiros de Oddi. Após sua morte, seus adversários políticos não sofreram objeções.<sup>150</sup>

A evolução de lideranças territoriais na forma de *ríki* foi, no entanto, o motivo do enfraquecimento do poder da ilha. Nenhuma família era

---

146 STEFÁNSSON, *op. cit.*, p. 219, nota 83.

147 STEFÁNSSON, *op. cit.*, p. 219, nota 83.

148 *Ibid.*, p. 220.

149 *Id.*

150 LACY, *op. cit.*, p. 143, nota 139.

poderosa o suficiente para controlar os conflitos internos e comandar toda a Islândia. Os líderes menos influentes, por exemplo, procuram a coroa norueguesa para conseguir aumentar seu prestígio.<sup>151</sup>

Alguns líderes tentaram ampliar sua força ao pedir auxílio da coroa norueguesa, que se aproveitou da situação para incluir a igreja islandesa sob seu controle. Além disso, os noruegueses tinham monopolizado o comércio com a Islândia no início do século XIII. Sob essa perspectiva, fica mais claro como a sociedade islandesa e seu governo único ruíram progressivamente até sua completa anexação à Noruega em 1264.<sup>152</sup>

---

151 KARLSSON, *op. cit.*, p. 79, nota 87.

152 STEFÁNSSON, *op. cit.*, p. 220, nota 83.

# A literatura islandesa medieval

*Apesar de situada no extremo norte* do Oceano Atlântico e ser um dos confins do mundo conhecido na Idade Média, a Islândia não eram uma terra perdida, esquecida ou misteriosa. Após a cristianização da ilha (no verão de 999 ou 1000), uma parcela significativa de islandeses foi progressivamente educada graças à iniciativa eclesiástica.<sup>153</sup>

Este fenômeno produziu notáveis eruditos, circunstância ímpar que estimulou os principais responsáveis pelos estudos dos textos clássicos. Obras como a *Ilias Latina* (séc. I)<sup>154</sup>, a *Bellum Catilinae* (séc. I), a *Bellum Jugurthinum* (séc. I)<sup>155</sup> e a *Pharsalia* (c. 61)<sup>156</sup> faziam parte das leituras e do

153 KARLSSON, *op. cit.*, p. 33-37 e 66-71, nota 87.

154 **A** *Ilias Latina* (séc. I) é uma versão hexamétrica em latim da *Ilíada* de Homero (séc. VIII a.C.) composta pelo senador romano Publius Baebius Italicus (séc. I) (CURTIUS, Ernst Robert. *European Literature and the Latin Middle Ages*. Princeton: Princeton University Press, p. 49-56).

155 **A** *Bellum Catilinae* (séc. I) e a *Bellum Jugurthinum* (séc.) foram compostas pelo historiador romano Gaius Sallustius Crispus (c. 86-34 a.C.), e abordam a conspiração de Catilina (c. 108-62 a.C.) e a guerra romana contra os nômadas (SALLUST. *Jugurthine War: The Conspiracy of Catiline*. London: Penguin Classics, 1963, p. 7-12).

156 **A** *Pharsalia* (c. 61), também conhecida como *De Bello Civili*, foi composta pelo poeta romano Marcus Annaeus Lucanus (c. 39-65). Este poema épico narrou a

exercício tradicional de cópias medievais, baseadas na *imitatio*.<sup>157</sup>

De acordo com Saxo Gramático,

Nec Tylensium industria silentio obliteranda: qui cum ob nativam soli sterilitatem luxuriae nutrimentis carentes officia continuae sobrietatis exercent omniaque vitae momenta ad excolendam alienorum operum notitiam conferre soleant, inopiam ingenio pensant.

A diligência dos homens de Thule [Islândia] não deve ser obliterada pelo silêncio; A infertilidade do solo nativo não lhes oferece luxo nutricional, [mas] eles exercem uma rotina de sobriedade e expendem todo seu tempo para reunir notícias dos feitos alheios, compensando a pobreza com a inteligência.<sup>158</sup>

A literatura islandesa medieval se destacou por algumas características peculiares. Uma delas foi a profunda dedicação e preparo de seus beletristas em traduzir os textos produzidos no continente, fossem estes do passado ou contemporâneos. O currículo dos clérigos islandeses parece ter superado largamente o de seus colegas do continente. Tamanha dedicação neste ofício produziu mentes argutas e uma expressiva comunidade de letrados em relação à população insular.<sup>159</sup>

Outro aspecto interessante da produção intelectual desta ilha foi o profundo conhecimento da estrutura literária clássica. Os versados nas letras foram hábeis em perceber as diferenças retóricas entre *historia*, *argumentum* e *fabula*. Caso obedecessem a estes critérios, os textos islandeses

---

guerra civil entre o imperador romano Gaius Iulius Cesar (100-44 a.C.) e Gnaeus Pompeius Magnus (106-48 a.C.) (LUCAN. *Pharsalia In: MERCHANT, Paul. The Epic*. Oxford: Routledge, 1971, p. 32-34).

157 TÓMASSON, Sverrir. Old Iceland Prose *In: NEIJMANN, Daisy. A history of Icelandic literature*. Nebraska: University of Nebraska Press & The American-Scandinavian Foundation, 2006, p. 67-70.

158 SAXO GRAMMATICUS. *Saxonis Gesta Danorum*, 0.1.4, p. 5,1. Disponível em <<http://www2.kb.dk/elib/lit//dan/saxo/lat/or.dsr/>> Acesso em 05 mai 08.

159 TÓMASSON, *op. cit.*, 68-69, nota 157.

pertenceriam à *historia*, produção típica do medievo definida como uma narrativa de uma lista cuidadosa de eventos em ordem cronológica.<sup>160</sup>

Porém, o aspecto mais inerente à redação destes documentos foi o idioma. Uma parte relevante da produção que nos foi legada está em nórdico antigo do leste (idioma utilizado na Islândia, Ilhas Faroé, Noruega e algumas partes da Irlanda e da face oeste das Ilhas Britânicas durante os séculos IX-XIII).<sup>161</sup> Os eruditos consideraram esse raro empenho uma influência dos monges beneditinos ingleses.<sup>162</sup>

Assim, no âmbito dos documentos medievais islandeses há um grupo de obras conhecidas como *sagas*. Este conjunto foi considerado por alguns como a mais brilhante literatura medieval produzida em todo o Ocidente.<sup>163</sup>

A palavra *saga* tem origem do nórdico antigo *segja*, que significa “dizer” ou “contar” um conto ou uma história. Logo, as sagas foram inicialmente transmitidas oralmente, em grandes festividades, audiências e assembléias.<sup>164</sup> Algumas contêm versos mesclados à prosa, o que atesta sua ancestralidade oral. Esta forma de composição foi um reflexo da *poesia escáldica* na Islândia, pois a ilha também foi reconhecida no continente pelos seus excelentes escaldos.<sup>165</sup>

Os escritores islandeses não se preocuparam em diferenciar as sagas baseadas em fatos reais das recriações de histórias alheias. Assim, há uma gama de material literário com características diversificadas, o que

160 DAVENPORT, Anthony. *Medieval Narrative: an introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 92.

161 O'DONOGHUE, Heather. *Old Norse - Iceland Literature: a short introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004, p. 5-6.

162 WÜRTH, Stefania. *Historiography and Pseudo-History In: MCTURK, Rory (ed.). A companion of Old Norse Literature and culture*. Oxford: Routledge, 2005, p. 157-158.

163 MUSSET, Lucien. *Las invasiones: el segundo assalto contra la Europa cristiana (siglos VII-XI)*. Barcelona: Editorial Labor, 1968, p. 71.

164 TÓMASSON, *op. cit.*, p. 73-74, nota 157.

165 ÓLASON, Vésteinn. *Family Sagas In: MCTURK, Rory (ed.). A companion of Old Norse Literature and culture*. Oxford: Routledge, 2005, p. 101-102.

dificulta a classificação e organização da estruturas dessas narrativas. Além disso, na composição das obras percebe-se a influência das obras clássicas, somada a uma profunda preocupação poética, prosaica e estética.<sup>166</sup>

Apesar das dificuldades elencadas, alguns especialistas dividiram as sagas em gêneros literários. São estes:

- 1) *Sagas dos reis*: histórias contemporâneas ou míticas de reis escandinavos;
- 2) *Histórias nacionais ou pseudo-histórias islandesas*: histórias que remontam aos primeiros colonizadores da ilha (870-930);
- 3) *Sagas dos islandeses ou sagas familiares*: feitos de personagens históricos islandeses que viveram, em sua maioria, no período da colonização;
- 4) *Sagas de cavalaria ou cavaleiros*: reproduções das canções de gesta do continente. Porém, estas foram adaptadas ao contexto e à realidade da Islândia;
- 5) *Sagas legendárias*: narrativas de personagens escandinavos ou germânicos de um passado distante.

Alguns especialistas incluem ainda as vidas dos santos locais como um gênero literário.<sup>167</sup>

Essa classificação ainda abrange uma série de subdivisões, principalmente pela singularidade da estrutura de cada obra em relação ao conjunto das sagas. Isso levou alguns eruditos a desconsiderar a possibilidade de uma estruturação comum nos textos, algo mais evidente nas sagas familiares.<sup>168</sup>

Contudo, as sagas familiares são muito estudadas, pois permitem entrever a transmissão dos mitos, das narrativas e dos valores com o

---

<sup>166</sup> O'DONOGHUE, op. cit., p. 22-23, nota 161; TÓMASSON, op. cit., p. 75, nota 157.

<sup>167</sup> TÓMASSON, op. cit., p. 75, nota 157.

<sup>168</sup> ÓLASON, op. cit., p. 104, nota 165.

passar do tempo. Elas ainda possibilitam divisar a realidade da Islândia no período da composição das obras, uma vez que os autores utilizavam fatos do passado para justificar ou propor ações no presente.<sup>169</sup>

#### IV.1 A autoria nas sagas islandesas

A maioria das sagas tal como conhecemos hoje foi composta em um *continuum* literário que durou pouco mais de cem anos: do século XIII, com um progressivo declínio no fim desse século, até o início da centúria seguinte.

Assim, as narrativas foram redigidas cerca de trezentos anos após os acontecimentos. Com base na distância temporal, os eruditos discutem avidamente se elas compreendem uma tradição que atravessou séculos até ser gravada definitivamente ou uma ficção com base em certos elementos históricos.

Sobre esse problema repousam as duas principais correntes teóricas da literatura islandesa, e que envolvem também a questão de autoria. Caso as sagas dos séculos XIII e XIV se baseassem apenas na tradição oral, não poderíamos nos referir aos escritores como autores, mas como uma espécie de escrivão. Essa interpretação é geralmente conhecida como *free-prose theory* (“teoria da prosa livre”).

Há ainda outra hipótese: se as sagas forem o produto de criações individuais, devem ser lembradas como produtos da fértil temporada islandesa assinalada anteriormente. Essa visão, por sua vez, se chama *book-prose theory* (“teoria da prosa de livro”).<sup>170</sup>

Os estudos sobre esse gênero literário se circunscrevem a essas duas reflexões. Aqueles que consideram as sagas como fontes de razoável confiabilidade se afiliam à primeira interpretação. Os demais, que

---

169 BOULHOSA, Patrícia Pires. Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia Medieval In: *Signum*, vol. 7, n. 1, p. 13-39, 2005.

170 HALLBERG, Peter; SCHACH, Paul. *The Icelandic Saga*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1962, p. 49.

consideram as sagas uma arte épica, agarram-se à segunda teoria.<sup>171</sup>

O choque de opiniões entre os eruditos tem sido árduo e se arrasta por mais de duzentos anos. Durante essa longa discussão, algumas posições se tornaram um importante referencial para a maioria dos estudantes sobre o tema.

O conceito de *saga imanente* desenvolvido por Carol J. Clover foi uma das principais contribuições dos últimos vinte e cinco anos. A autora sugeriu que as histórias episódicas são as precursoras das sagas escritas, enquanto as sagas longas, tal como as conhecemos hoje, são criações do século XIII. Havia então uma narrativa familiar compartilhada com várias famílias, mas sem uma forma definida, até sua fixação escrita.<sup>172</sup>

Clover tentou assim solucionar o embate entre os eruditos tradicionalistas e os invencionistas, com uma solução que intermediasse as duas possibilidades.

Essa proposta permaneceu muito tempo sem uma contraposição, até que Theodore Murdock Andersson nos ofereceu novas razões para acreditar que tanto histórias longas quanto curtas poderiam provir da tradição oral.<sup>173</sup>

Outros autores contribuíram com esses estudos. Gísli Sigurðsson estudou as sagas islandesas dos fiordes do leste e descobriu que elas não estavam conectadas no aspecto literário, mas por apresentarem um fundo de tradições orais comuns que remontava a Era das sagas (c. 930-1030).<sup>174</sup>

Por sua vez, Thommy Danielsson examinou a saga mais famosa dos fiordes do leste, a *Hrafnkels saga* (séc. XIII)<sup>175</sup>. Ele concluiu que não se

171 HALLBERG; SCHACH, *op. cit.*, p. 50, nota 170.

172 CLOVER, Carol J. Icelandic Family Sagas (*Íslendingasögur*) In: \_\_\_\_\_. *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. 2. ed. Toronto: University of Toronto Press, 2005, p. 239-316.

173 ANDERSSON, Theodore Murdock. The Long Prose Form in Medieval Iceland In: *Journal of English and Germanic Philology*, 101 (2002), 380-411.

174 SIGURÐSSON, Gísli. *Túlkun Íslendingasagna í ljósi munnlegrar hefðar*. Reykjavík: Stofnun Árna Magnússonar, 2002.

175 A *Hrafnkels saga Freysgöda* (*A saga de Hrafnkell, godi de Freyr*) foi escrita provavelmente no século XIII, embora seu mais antigo fragmento seja uma folha de um

trata de uma ficção imaginária, mas de uma reconstrução literária de uma história oral sobre uma disputa da Era das sagas.<sup>176</sup>

Sigurðsson acredita na existência de um fundo comum de tradições orais e no conceito de *saga imanente* de Clover, mas insiste que pouco dessa memória pode ser reconhecida. Para ele, as sagas poderiam ter sido transmutadas em seu registro final.<sup>177</sup>

Danielsson toma as mesmas precauções: acredita que as pequenas sagas devem se reportar a protótipos orais, mas as grandes sagas são criações literárias. Danielsson sugeriu ainda que as sagas escritas e as tradições orais se influenciavam mutuamente.<sup>178</sup>

Andersson considerou a posição de Sigurðsson e Danielsson muito pessimista, e fez uma longa objeção aos dois autores. Para tanto, o autor fez uma longa consideração que eu resumirei brevemente a seguir.

A Islândia teve uma tradição em histórias orais na Idade Média. As principais histórias eram lembradas e transmitidas em reuniões com vários participantes e ouvintes, e assim foram legadas a nós.

Havia alguns homens que eram contadores de histórias por excelência, e a platéia era muito exigente: o narrador deveria combinar uma acurácia nas histórias recentes e ambicionar a historicidade nas antigas. O gosto do público concatenava a busca pela objetividade e o entretenimento. Assim, se perdia progressivamente a historicidade, à medida que os contadores perdiam os verdadeiros contextos e desejavam entreter o

---

manuscrito do século XV. Hrafnkell era um poderoso líder (*goði*) e um grande proprietário de terras, devoto do deus Freyr. Certo dia, ele matou um jovem pastor por montar um cavalo dedicado ao deus. A história prossegue com a rixa entre Hrafnkell e o pai do garoto (KRATZ, Henry. Hrafnkells saga Freysgoða In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Scandinavia Medieval: an encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, p. 301).

176 DANIELSSON, Tómmý. *Hrafnkells saga eller fallet med den undflyende traditionen*. Stockholm: Uppsala Universitet, 2002.

177 SIGURDSSON, Gísli. *Túlkun Íslendingasagna í ljósi munnlegrar hefðar*. Reykjavík: Stofnun Árna Magnússonar, 2002, p. 39, 51, 325-327.

178 DANIELSSON, *op. cit.*, p. 304, nota 176.

público.<sup>179</sup>

De acordo com Andersson, parece plausível que tenha havido uma extensa tradição de sagas no século XIII, mas com limitações. O narrador contava com um leque de histórias, do qual não dispomos mais, e elegiam aquelas que animavam o gosto dos ouvintes.<sup>180</sup>

O autor elencou alguns exemplos nas sagas para demonstrar que o contador de histórias fidedigno era recompensado, enquanto o mentiroso era severamente punido. Para ele, a origem oral das sagas pode ser atestada pelas recordações genealógicas, forma de narrativa que não era comum entre os narradores públicos.<sup>181</sup>

Outros pontos discutidos por Andersson se referem à duração e estilização das sagas. Ao contrário de outros estudiosos, ele sugere que as sagas poderiam ser longas ou curtas, enquanto alguns elementos estilísticos acenam para o apelo dramático, como as genealogias, os nomes de lugares, as histórias da colonização e os diálogos. Segundo o autor, o diálogo é uma característica das pequenas narrativas, que provavelmente influenciaram as grandes.<sup>182</sup>

Por fim, Andersson sugere que as sagas são poliformas, graças às diferenças entre o autor (ou autores) e o escritor. A polidez dos textos dependia dos interesses e das fontes disponíveis para o escriba. Muitas vezes o autor deve ter reunido várias histórias para compilar uma versão final.<sup>183</sup>

No caso da *Egils saga*, os problemas que envolviam várias narrativas já estavam sanados por seu redator, e os materiais utilizados para compor a história estavam menos controlados por uma visão política do que em outras sagas.<sup>184</sup>

---

179 ANDERSSON, Theodore Murdock. *The growth of medieval icelandic sagas (1180-1280)*. Cornell: Cornell University Press, 2006, p. 5-7.

180 *Ibid.*, p. 8-10.

181 *Ibid.*, p. 10-11.

182 *Ibid.*, p. 12-13.

183 *Ibid.*, p. 17-19.

184 *Ibid.*, p. 19-20.

## IV.2 As relações entre a literatura islandesa e a História

A discussão sobre a utilização de fontes literárias para o ofício histórico atravessa o tempo e permanece um debate atualíssimo. De acordo com o historiador Carlo Ginzburg (1939-), o ceticismo moderno em relação à Literatura recebeu um impulso com a tradução latina das *Hipotípases pirronianas* de Sexto Empírico (c. 160-210 d.C.).<sup>185</sup>

A crítica de Sexto também se abrange à própria História, pois, para o filósofo, ela seria um acúmulo de inúmeros fatos sem importância e, desta forma, desprovida de método, não pode ser considerada uma *techné*. A História falsa e a História como-se-fosse-verdadeira falam de fatos não ocorridos: a primeira condição é impossível, e a segunda é hipotética.<sup>186</sup>

Para objetar essa perspectiva, Ginzburg sugeriu que algumas histórias, mesmo que fantasiosas, contribuem para o estudo das formas de pensamento e de mentalidade social de uma época.<sup>187</sup>

Assim, as pesquisas que utilizam a dimensão histórica do *imaginário* atraem cada vez mais eruditos, como certa vez afirmou Jacques Le Goff.<sup>188</sup> Porém, a dificuldade para limitar essa abordagem inspirou o historiador francês a nos oferecer uma definição, que expressarei de forma sucinta.

O *imaginário* é, de acordo com Le Goff, uma confluência de termos vizinhos. Um deles é a *representação*: quando imaginamos um castelo, nos

---

185 **Sexto Empírico** (c. 160-210 d.C.) foi um físico de origem grega que viveu provavelmente em Atenas, Alexandria e em Roma. Seus principais trabalhos foram os Πυρρῶνεια ὑποτύπωσεσις (*Esboços do pirronismo*) e os dois trabalhos reunidos na obra *Adversus Mathematicos* (*Contra os Matemáticos*), um deles incompleto. As narrativas de Sexto Empírico fazem parte do melhor exemplo do ceticismo grego e romano (FLORIDI, Luciano. *Sextus Empiricus: The Transmission and Recovery of Pyrrhonism*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 3-7).

186 GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 85-86.

187 *Ibid.*, p. 90-93.

188 LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, 1994, p. 11.

remetemos à nossa experiência, seja ela visual ou literária. Não se trata de uma cópia fiel, mas de uma imagem do espírito criadora, verdadeiramente poética.<sup>189</sup>

Outro conceito que interpenetra o imaginário é o *simbólico*. Porém, essa concepção só pode ser empregada quando remetida para um sistema de valores subjacente – histórico ou ideal.<sup>190</sup>

Para exemplificar melhor a idéia supracitada, cito um exemplo escandinavo: os reis noruegueses do século XI se apoiavam em uma suposta descendência direta com o rei Haraldr inn *hárfagri*. Esse recurso foi reproduzido na tradição das sagas e provavelmente empregado para legitimar a monarquia de maneira simbólica.<sup>191</sup>

Ainda há um campo que, segundo Le Goff, integra o imaginário: o *ideológico*. Trata-se de uma modelo preconcebido da realidade que tende a se impor ao real de uma forma perversora.<sup>192</sup>

As vantagens para o estudo do imaginário com base nesses conceitos são gritantes, pois qualquer vestígio do passado encerra em si valores do seu tempo. Porém, Le Goff considerou um grupo de fontes privilegiado para esse estudo: as obras literárias e artísticas.<sup>193</sup>

Assim, se as obras literárias são o grande filão para o estudo do imaginário, as sagas islandesas seriam, pela lógica, um excelente material para o estudo da Escandinávia medieval.

Essa perspectiva parece inicialmente um tanto ingênua, pois a maioria das sagas foi escrita muito tempo depois dos acontecimentos. Logo, as transformações que a sociedade islandesa sofreu nos séculos XII e XIII deformariam a narrativa original.

Porém, o contexto social islandês sofreu poucas alterações no campo do imaginário entre a Era viking e a *Era dos Sturlung* (c. 1200-1264). Jürger Glauser considerou as *Íslendingasögur* como um verdadeiro “*médium* da

---

189 LE GOFF, *op. cit.*, p. 11-12, nota 188.

190 *Ibid.*, p. 12.

191 KRAG, *op. cit.*, p. 191, nota 73.

192 LE GOFF, *op. cit.*, p. 12, nota 188.

193 *Ibid.*, p. 13.

memória cultural”.<sup>194</sup>

Outro problema da literatura é a forma como a sociedade foi descrita nos documentos. Se a literatura é uma espécie de espelho da sociedade, ela não pode sê-lo sem deformações conscientes (ou inconscientes) do autor.<sup>195</sup>

Assim, para Pérnoud, as fontes históricas por excelência são os estatutos das cidades, os cartulários, os documentos judiciários e os inquéritos: elas seriam mais fiéis que as fontes literárias.<sup>196</sup>

Apesar dessas agruras, me insiro no grupo de estudiosos que considera a ficção literária historicamente tratada como produto cultural e uma forma de reconstrução do passado.<sup>197</sup> Se empregadas como fontes históricas, as sagas permitem ao historiador identificar as compreensões históricas daquela realidade.<sup>198</sup>

Deste modo, as sagas islandesas admitem uma abordagem muito interessante, pois servem como importantes fontes para etnólogos, folcloristas e antropólogos históricos interessados no imaginário e nas estruturas mentais escandinavas medievais.<sup>199</sup>

---

194 GLAUSER, Jürg. Sagas of Icelanders and *þattir* as Literary Representation of a New Social Space *In*: ROSS, Margaret Clunies (ed.). *Old Icelandic Literature and Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 211.

195 LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média - Tempo trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.p. 122.

196 PERNOUD, Régine. *Idade Média: o que não nos ensinaram*. Rio de Janeiro: Agir, 1994.p. 114-115.

197 BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Poesia histórica e/ou realidade literária: Walther von der Vogelweide e a Alemanha nos séculos XII e XIII – uma abordagem culturalista *In*: SILVA, Andréia Frazão da & SILVA, Leila Rodrigues da. *Atas da IV Semana de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2001, p. 57-68.

198 BOULHOSA, Patrícia Pires. *Icelanders and the kings of Norway: medieval sagas and legal texts*. Leiden: Brill, 2005 p. 38.

199 LÖNROTH, Lars. The icelandic sagas *In*: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (Ed.). *The Viking World*. Oxford: Routledge, 2008, p. 309-310.

### IV.3 O jogo, o mito, a guerra e a longa duração<sup>200</sup>

O jogo é uma prática voluntária, regido por certos limites e regras obrigatórias, dotado de um valor intrínseco de finalidade, de emoções e de uma consciência que transcende a realidade. Dessa forma, ele é um fenômeno que não se limita aos seres humanos, pois também está presente entre os animais.

O jogo possui uma função significante: o que está “em jogo” sempre transcende às necessidades imediatas e pragmáticas da vida, e confere uma razão à ação. O jogo perpassa a realidade humana com a impossibilidade de se fundamentar em elementos racionais, pois, caso contrário, se limitaria à humanidade.<sup>201</sup>

Por se afastar da realidade e por se basear em elementos irracionais, muitas vezes o jogo se relaciona com o mito. Este é um relato simbólico, uma justificativa retrospectiva dos elementos fundamentais que formam a cultura de um grupo. Ele cumpre uma função peculiar, pois está em íntima ligação com a natureza da tradição e a permanência da cultura.

O mito tem a função de revigorar a tradição e oferecer-lhe mais valor e prestígio, e a vincula à mais elevada e sobrenatural realidade dos primeiros acontecimentos.<sup>202</sup>

O mito transcende o mundo material e ascende ao sagrado, e produz uma idealização do outro mundo. Assim, o relato simbólico é utilizado como um modelo para a vida real, para as instituições, e tonifica o

---

200 Este subcapítulo foi redigido com a ajuda de Jardel Modenesi Fiorio, colega e amigo da graduação. Esse referencial teórico foi publicado pela primeira vez em: BIRRO, Renan Marques; FIORIO, Jardel Modenesi. Os Cynocephalus e os Úlfheðnar: a representação do guerreiro canídeo na Historia Langobardorum (séc. VIII) e na Egils saga (c. 1230) In: RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique e COSTA, Ricardo da (coords.). La caballería y el arte de la guerra en el mundo antiguo y medieval, Mirabilia 8, dezembro 2008, (www.revistamirabilia.com).

201 HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993, p. 3-15.

202 Mito In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 674.

sentimento de pertença dos indivíduos a um determinado grupo.<sup>203</sup>

Os modelos que abrangem uma perspectiva temporal de longa duração são constituídos com base nos mitos. Como Braudel disse certa vez, “os mitos, lentos para se desenvolverem, correspondem, eles também, à estruturas de extrema longevidade”. Portanto, a perspectiva de uma pesquisa só atinge êxito quando atinge a base da História, isto é, aos vínculos primevos do parentesco, aos mitos, aos cerimoniais e às instituições.<sup>204</sup>

Estas estruturas duradouras permanecem vivas nos liames do irreflexo coletivo, pois ultrapassam as circunstâncias históricas e sociais de uma época. São originárias de heranças remotas, de crenças, dos medos, dos sentimentos e de inquietações antigas irradiadas ao longo do devir histórico.<sup>205</sup>

Nesse ínterim, o mito se assemelha a uma peça de teatro. Os indivíduos assumem a condição simultânea de atores e expectadores desta encenação, como em um jogo. No entanto, esta realidade se mantém apenas durante o espetáculo, o que não impede, por sua vez, uma ausência temporária de distinções e alterações das posições sociais.<sup>206</sup>

O conjunto das emoções individuais que constituem as estruturas da História forma uma espécie de instituição unificadora de um determinado grupo social. Este garante a segurança dos indivíduos que o compõe. As emoções são reguladas à maneira de um ritual, como um simulacro da vida cotidiana que une os indivíduos e os instiga a adotar uma emoção comum.<sup>207</sup>

Uma das formas de exteriorizar um sentimento coletivo é a guerra:

203 HUIZINGA, *op. cit.*, p. 7, nota 201.

204 BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992, p. 69 e 107.

205 BRAUDEL, Fernand. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 42.

206 LLOYD, Christopher. *As estruturas da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995, p. 98.

207 FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 231.

ela abrange questões que se encontram além do campo político. Afinal, ela sempre é uma expressão cultural, uma determinante de representações culturais e, não raro, a própria cultura em si.<sup>208</sup> John Keegan considerou a guerra

[...] quase tão antiga quanto o próprio homem e atinge os lugares mais secretos do coração humano, lugares em que o ego dissolve os propósitos racionais, onde reina o orgulho, onde a emoção é suprema, onde o instinto é rei.<sup>209</sup>

Os aspectos elencados do jogo, do mito e da guerra se encaixam muito bem nas sociedades medievais germânicas, pois, como veremos, o mito transportava seus elementos divinos e transcendentais para o cerne do campo de batalha.

---

208 KEEGAN, John. *Uma história da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 28.

209 *Ibid.*, p. 19, nota 208.

# A Egils saga: uma síntese

QUARTO  
Capítulo

*A Egils saga tem início com seus ancestrais*, o que representa para alguns uma inovação literária.<sup>210</sup> Kveldúlfr, avô de Egill, ainda morava na Noruega quando o rei Haraldr inn *bárfagri* iniciou sua campanha para unir a atual Noruega sob um só reino.

Em seguida, a história de uma família se torna também a história da colonização: o rei perseguiu aqueles que não o apoiaram em sua empreitada e exigiu impostos e obrigações de todos. Para fugir da tirania do monarca, várias famílias se deslocaram para as terras do continente e as ilhas do Atlântico Norte, inclusive a Islândia.

Um dos reis que se opunham a Haraldr pediu o apoio do poderoso Kveldúlfr, que prontamente negou o convite. Em seguida, o rei norueguês encaminhou emissários para pedir apoio do próspero fazendeiro que, mais uma vez, recusou a oferta, ao alegar que estava velho demais, mas que serviria em nome do rei se ele assim o quisesse. Seu filho mais novo, Skallagrímr, seguiu o conselho do pai.

Porém, Þórolfr, o irmão mais velho da família, ficou extremamente zangado com o pai e com o irmão pela desfeita, pois muito se ouvia a prodigalidade de Haraldr para com os seus homens. Logo se colocou

---

210 ANDERSSON, *op. cit.*, p. 102-103, nota 179.

junto ao rei e teve um importante papel na *Batalha de Hafrsfjord* (c. 890),<sup>211</sup> e foi muito bem recompensado por isso.

Dórolfr conseguiu uma graça ainda maior, ao ser indicado para recolher os impostos dos lapões. Contudo, dois membros de menor relevância da corte de Haraldr inflamaram o rei, pois difamaram o guerreiro injustamente ao propor que ele roubara o tributo real recolhido junto aos sami. Dórolfr caiu em desgraça e não demorou muito até que o rei o perseguisse e o matasse em sua própria casa.

Em respeito ao seu irmão, Skallagrímr se negou mais uma vez a servir Haraldr, o que provocou a ira do rei. Kveldúlf e seu filho partiram então em busca da vingança: mataram os homens de Haraldr que estavam em dois barcos, inclusive dois filhos do pai de criação do monarca. Em seguida, escaparam para a Islândia.

Haraldr ficou furioso com a afronta e aplicou penalidades aos homens e amigos de Kveldúlf na Noruega. Provavelmente alguns foram mortos e muitos foram desterrados. Porém, o patriarca não suportou uma viagem tão longa: Kveldúlf faleceu pouco antes de chegar à Islândia. Skallagrímr manteve a linhagem familiar e deu o nome de seu tio mais velho ao primogênito. Dórolfr era belo, atlético, sociável, valente e popular, e em muito lembrava seu tio.

O segundo filho de Skallagrímr foi chamado de Egill, o protagonista da narrativa. Diferente de seu irmão, Egill era precocemente muito grande e forte, mas também sombrio, feio e muito contencioso em seus jogos infantis. Em contrapartida, desde cedo manifestou habilidades de poeta.

O perfil colérico de Egill forçou com que seu irmão mais velho o levasse desde cedo em suas incursões vikings durante o verão. Em uma das viagens Dórolfr foi à Noruega para conseguir o favor do filho de Haraldr, Eiríkr *blóðax*, o que conseguiu ao presentear-lo com um barco.

Porém, seu irmão logo rompeu a efêmera amizade ao eliminar um administrador do rei durante um banquete. Para escapar, Egill ainda matou outros homens de Eiríkr, o que comprometeu ainda mais a situação.

---

211 Para mais informações sobre a *batalha de Hafrsfjord* (c. 890), ver o capítulo 7.

Ademais, as eventuais tentativas de reconciliação foram frustradas pela esposa do rei, Gunnhild, que o incitava contra o jovem islandês. Impossibilitados de transitar pela Noruega, os irmãos se lançaram a outras aventuras, como a *Batalha de Vínheið* (c. 937),<sup>212</sup> na Britania, onde Þórolfr caiu morto. Egill se tornou um dos favoritos do rei saxão, retornou à Noruega para desposar Asgérd, a viúva de seu irmão, por quem logo se envolveu em um conflito pela herança.

Descontente com a injustiça sofrida, Egill enviou seu caso à corte contra seu oponente Berg-Önund. Porém, seu pleito foi bloqueado pelo rei e rainha. Eiríkr votou pela morte de Egill, mas este eliminou um dos homens do rei. Assim, o islandês se tornou um fora-da-lei na Noruega.

Egill ainda matou o filho do rei, seu filho de adoção e outros doze homens. Não satisfeito, ele insultou os monarcas pela injúria com uma magia, na forma de uma estaca inserida e ocultada na cabeça de um cavalo.

O herói retornou então para a Islândia, mas não ficou por muito tempo: fustigado por uma arte mágica da rainha Gunnhild, Egill se dirigiu para a corte do rei em York (Eiríkr foi forçado a abandonar o trono da Noruega pelo seu irmão Hákon).

A sorte do *skald* foi a intervenção de seu amigo Arinbjörn, que o convenceu a fazer um poema em louvor ao rei. Caso convencesse o monarca, sairia vivo. Eiríkr ainda tentou ignorar o acordo, mas Arinbjörn novamente interpelou por Egill, e disse ao rei que lutariam a favor do amigo e contra ele. O islandês pôde então partir dessarmado, embora sem conseguir uma reconciliação formal.

Egill ainda tentou a sorte com seu pleito junto ao novo rei norueguês, Hákon *góði* (c. 920-960). Porém, não obteve sucesso, pois foi acusado pelo rei por exceder em conduta e intempestividade.

Sem alternativa, Egill convocou o irmão de Berg-Önund para um duelo. Atli inn *skammi* (“o curto”) tombou em combate após um poderoso golpe na garganta. A vitória proporcionou ao islandês o direito de retomar o que requeria judicialmente e que pertencia à sua

---

212 Para mais informações sobre a *Batalha de Vínheið*, ver o capítulo 5.

esposa.

Poucos anos depois, um tempo de grande prosperidade na Islândia, Egill retornou para a Noruega para visitar seu amigo Arinbjörn. Nesse episódio, o islandês teve um grande desgosto por ter propriedades confiscadas pelo rei Haakon. Arinbjörn contornou a situação e pagou com seus próprios bens o valor correspondente ao direito de Egill.

O skaldr ainda encontrou o rei Haakon mais uma vez, o que deixou o herói frustrado em suas petições. Em seguida, Egill retornou para a sua propriedade na Islândia e sua vida assumiu uma perspectiva doméstica.

Os últimos anos de Egill foram melancólicos: velho, cego e um estorvo para a mulher que vivia nas cercanias de sua casa.

A última grande aventura de Egill foi esconder o tesouro que recebeu do rei saxão após a Batalha de Vínheið. O velho viking seguiu noite adentro acompanhado por dois escravos, e escondeu as riquezas em um pântano ou em uma cachoeira. Para que ninguém soubesse o paradeiro do seu triunfo, ele eliminou os escravos. A vida do herói pouco se prolongou após isso.

# A Batalha de Vínheið (c. 937): armamento e organização da guerra viking na *Egils saga*

A *Egils saga* nos adverte que Olavo, o *Vermelho* († 941), reuniu uma grande hoste e se lançou contra a Nortúmbria, como vingança pela expulsão de seu pai, Guthfrith († 934), do território, em 927.<sup>213</sup> As forças leais a Æthelstan († 939) não suportaram o ataque e sucumbiram. Pouco tempo passou até que Olavo conquistasse toda a região e rapidamente expulsasse os correligionários do rei bretão.<sup>214</sup>

Antes do breve resumo desta campanha, darei alguns detalhes sobre os principais personagens citados. Sem eles a história prosseguiria com outro rumo, pois, no caso de Olavo, a simples menção de seu nome

---

213 **A batalha de Vínheið** também é conhecida como *Batalha de Brunanburh* na tradição anglo-saxônica (*Brunanburh, Battle of In: HOLMAN, Katherine. Historical Dictionary of the Vikings. Historical Dictionaries of Ancient Civilizations and Historical Eras, No. 11. Oxford: Scarecrow Press, 2003, p. 58*). As idéias iniciais desse capítulo foram apresentadas em comunicação livre no III Simpósio Nacional e II Internacional de Estudos Celtas e Germânicos, intitulado *Saber e poder entre celtas e germânicos: Formação, representação e transformação*, em São João del-Rei – MG, julho de 2008. Este evento foi promovido pelo *Brathair*, grupo de estudos celtas e germânicos ([www.brathair.com](http://www.brathair.com)).

214 *EGILS SAGA, op. cit.*, p. 72, l. 27-37, nota 31.

ou um de seus parentes suscitava um imenso terror nas mentes daquela época.

Æthelstan tornou-se rei da Mércia e de Wessex em 924, mas foi coroado somente no ano seguinte. Ele se manteve no trono até a sua morte, em 939. Inicialmente restrito a esses dois territórios, Æthelstan conquistou a Northumbria, o que provocou a ira dos reis escoceses e escandinavos que desejavam aquela região.<sup>215</sup>

Olavo (também conhecido como Óláfr Guðrøðarson) foi um rei nórdico de Dublin entre 934 e 941: ele fazia parte da dinastia de Uí Ímair, monarcas que governaram o Mar da Irlanda e a costa oeste da Britania nos séculos IX e X.<sup>216</sup>

De acordo com os *Anais de Ulster*,<sup>217</sup> os membros da Uí Ímair descendiam do viking dinamarquês Ivar Ragnasson (c. † 873), considerado filho do herói legendário Ragnarr Loðbrók.<sup>218</sup> O cronista irlandês afirmou que “Imhar, rex Nordmannorum totius Hibernie & Brittanie, uitam finiuit” (“Imhar [Ivar], rei dos homens do norte de toda Irlanda e da Britania até o fim de sua vida”).<sup>219</sup>

215 ATHELSTAN (d. 939) In: HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the Vikings. Historical Dictionaries of Ancient Civilizations and Historical Eras, No. 11*. Oxford: Scarecrow Press, 2003, p. 38.

216 Após a morte de Æthelstan, Óláfr retornou à Britania e invadiu York. Um acordo entre este e o sucessor do rei anglo-saxão, Edmund (921-946), deu a Óláfr o controle sobre a Northumbria e parte da Mercia (Olaf Guthfrithson In: *The Columbia Encyclopedia. Sixth Edition, online version*. Columbia: Columbia University Press. Disponível em <<http://www.bartleby.com/65/ol/OlafGuth.html>> Acesso em 24 fev 08).

217 Os *Anais de Ulster* são uma crônica de autoria anônima sobre a Irlanda medieval que aborda os acontecimentos irlandeses entre os séculos V-XVI (EVANS, Nicholas. *Annals and chronicles* In: DUFFY, Seán (org). *Medieval Ireland - An encyclopedia*. Oxford: Routledge, 2005, p. 20-23).

218 Para mais informações sobre Ragnarr Loðbrók ver: MCTURK, Rory. *Studies in Ragnars saga loðbrókar and Its Major Scandinavian Analogues*. Medium Aevum Monographs, New Series 15. Oxford: Society for the Study of Mediaeval Languages and Literature, 1991.

219 *THE ANNALS OF ULSTER*. CELT: Corpus of Electronic Texts: a project of University College Cork College Road, Cork, Ireland, p. 329, U873.3. A tradução é

Ivar fazia parte do grande exército escandinavo que assolou a costa da Europa setentrional na segunda metade do século IX. Ao descrever uma incursão desses guerreiros à costa franca, Adam de Bremen garantiu que “crudelissimus omnium fuit Inguar, filius Lodparchi, qui christianos ubique per supplicia necavit. Scriptum est in Gestis Francorum” (“o crudelíssimo deles foi Inguar [Ivar], filho de Loðbrók, aquele que sempre torturou os cristãos até a morte. Assim está escrito nas Gestas dos Francos”).<sup>220</sup>

Outro autor que acentuou a aversão de Ragnarr em relação aos cristãos foi Ari *fróði*. O viking, de acordo com o cronista islandês, foi o responsável pela morte de Santo Edmund (c. 841-870)<sup>221</sup>:

Ísland byggðist fyrst ór Norvegi á dögum Haralds ins hárfagra, Hálfanarsonar ins svarta, í þann tíð [...] er Ívarr Ragnarssonr loðbrókar lét drepa Eadmund inn helga Englakonung. En þat var átta hundruð ok sjau tígum vetra eftir burð Krists, at því er ritit er í sögu hans.

A Islândia foi colonizada a partir da Noruega nos dias de Haraldr inn hárfagri, filho de Hálfan svartí, naquele tempo [...] quando Ivar, filho de Ragnarr Loðbrók tinha assassinado Santo Edmund, rei dos Anglos. Fazia então 870 anos após o nascimento de Cristo, como está escrito

---

minha.

220 ADAMUS BREMENSIS. *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*, I xxxvii, § 39. Disponível em <<http://hbar.phys.msu.edu/gorm/chrons/bremen.htm>> Acesso 24 fev 08. A tradução é minha.

221 **Edmund, o Mártir** (c. 841-870) foi, além de mártir, o último rei de East Anglia. Ele ascendeu ao trono em 855, quando foi coroado por outro santo, o bispo de Elmham e mártir Humbertus († 870). Edmund sucumbiu ante ao grande exército escandinavo que caiu sobre a Britania na segunda metade do século IX. Vale ressaltar que apenas uma inserção no *Manuscrito F da Crônica Anglo-Saxônica* registrou os nomes dos mandantes do assassinato de Edmund: Inguar e Ubba (Edmund, St. (c. 841?–870) *In*: HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the Vikings. Historical Dictionaries of Ancient Civilizations and Historical Eras, No. 11*. Oxford: Scarecrow Press, 2003, p. 85-86; *ANGLO-SAXON CHRONICLE*. Traduzido por Michael James Swanton. Oxford: Routledge, 1998, p. 70).

em sua biografia.<sup>222</sup>

Os documentos são claros quanto ao filho de Uí Ímair: o invasor da Northumbria pertencia a uma família de prestígio, belicosa e muito influente.<sup>223</sup> Os membros dessa monarquia eram muito temidos (vide a presença de Ragnarr Loðbrók em documentos medievais anglo-saxônicos, irlandeses, islandeses e germânicos).

Assim, Æthelstan reuniu seu conselho para discutir aquela situação crítica. Eles concluíram que o rei deveria se dirigir para o sul e reunir tropas para um confronto final. Para refrear a ofensiva inimiga que pilhava várias regiões da Bretanha, Æthelstan enviou mensageiros ao seu adversário para oferecer uma batalha, que se realizaria no campo de Vín, em uma semana. O vencedor do conflito seria o rei de toda ilha. Olavo prontamente aceitou a proposta.<sup>224</sup>

Porém, o rei bretão utilizou um ardil para ganhar tempo: enquanto reunia tropas, negociou várias propostas de paz com o adversário. Como os mensageiros requeriam um prazo de três dias a cada proposta, Æthelstan agregou aliados suficientes frente à coligação inimiga.<sup>225</sup>

Quando perceberam a astúcia adversária, Olavo e os seus prepararam-se para a guerra. Para enfraquecer o adversário, o rei enviou duas hostes, lideradas por Adils e Hring, outrora fiéis ao rei bretão. Esse ataque serviria para que os inimigos se desagregassem e perdessem o ânimo para a peleja.<sup>226</sup>

Hring e Adils seguiram para o sul, onde as tropas de Æthelstan se reuniam. Logo foram vistos pelas sentinelas de Þórolfr. A partir desse momento, a narrativa de Snorri descreve minuciosamente os armamentos dos irmãos islandeses.

222 ARE HINN FRÓÐE ÞORGILSSON, *op. cit.*, 1, nota 84. A tradução é minha.

223 O parentesco dos integrantes de Uí Ímair foi contestado em: DOWNHAM, Clare. *Viking kings of Britain and Ireland – The Dynasty of Ívarr to A.D. 1014*. Edinburgh: Dunedin Academic Press, 2007, p. 1-9.

224 *EGILS SAGA*, *op. cit.*, p. 73-74, nota 31.

225 *Ibid.*, p. 74-75.

226 *Ibid.*, p. 76.

Þórolfr e Egill equiparam-se com escudos largos e maciços, elmos, espadas e lanças, o aparato básico da guerra viking.<sup>227</sup> Porém, o autor abordou com parcimônia os três primeiros armamentos:

Þórólfur var svo búinn, að hann hafði skjöld víðan og þykkvan, hjálm á höfði allsterkan, gyrður sverði því, er hann kallaði Lang, mikið vopn og gott; kesju hafði hann í hendi; fjöðrin var tveggja álna löng og sleginn fram broddur ferstrendur, en upp var fjöðrin breið, falurinn bæði langur og digur, skaftið var eigi hærra en taka mátti hendi til fals og furðulega digurt; járnteinn var í falnum og skaftið allt járnvafið; þau spjót voru kölluð brynþvarar.

Egill hafði hinn sama búnað sem Þórólfur, hann var gyrður sverði því, er hann kallaði Naður; það sverð hafði hann fengið á Kúlandi; var það hið besta vopn; hvorgi þeirra hafði brynju.

Portanto, Þórólf armou-se. Ele tinha um escudo amplo e forte, e um capacete fortíssimo em sua cabeça; ele cingiu-se com uma espada chamada *Langr*, uma arma larga e boa. Em uma mão ele tinha uma alabarda, da qual a forma da lâmina terminava em duas varas longas, e terminavam em um espigão de quatro arestas. A Lâmina era larga na parte superior, e a empunhadura era longa e espessa. O cabo era largo o suficiente para a mão apertar o espigão, e era muito grosso. O espigão era de ferro, ajustado ao cabo, também de ferro. Essas armas chamavam-se *brynþvarar* [perfuradoras de armadura].

Egill armava-se da mesma maneira que Þórólf. Ele esta cingido com uma espada que adquiriu em Kurland, chamada Naðr: era uma arma magnífica. Nenhum dos dois usava cota de malha.<sup>228</sup>

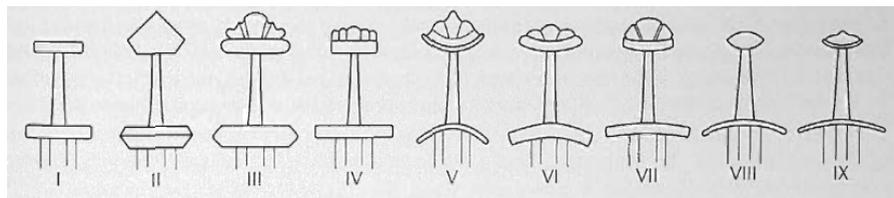
---

227 HEATH, Ian; MCBRIDE, Angus. *Osprey Series Elite 003: The Vikings*. London: Reed International Books, 1985, p. 50.

228 *EGILS SAGA*, *op. cit.*, p. 76-77, nota 31.

Tentarei, a partir dessa narrativa, esmiuçar as características do armamento viking. Para tanto recorri à bibliografia especializada, aos relatos arqueológicos e a outras fontes do período.

As espadas podem ser do tipo I ao V, conforme a catalogação proposta por Oakeshott. Porém, apenas um exemplar dos tipos I e II foi encontrado na Inglaterra. Além disso, elas deixaram de ser usadas no fim do século IX.<sup>229</sup>



**Figura 8 – Os tipos de espadas:** Os principais modelos de espadas vikings, de acordo com a classificação de Oakeshott, adaptada da versão de Jan Petersen. Reparem na clara diferença do tipo V em relação às demais, como a guarda baixa e a guarda alta inclinadas, além dos botões estilizados com três lóbulos. Duas características são notórias nas espadas vikings: o uso combinado da guarda alta e do botão, e o desenvolvimento extremo do último. **Fonte:** PEIRCE (2002).

As pesquisas arqueológicas comprovam que, entre os anos 850-950, as espadas dos tipos III, IV e V foram as mais utilizadas no mundo viking, com exemplares encontrados nos Bálcãs, Noruega, Irlanda e Inglaterra. Pela data da Batalha de Vínheið, acredito que o modelo utilizado por Þórofr e Egill correspondia ao tipo V, pois mais exemplares desse padrão foram encontrados na Britânia em relação aos demais.<sup>230</sup>

Essas armas apresentam de três a cinco lóbulos, com guardas retas ou levemente curvadas. Pelo nome dado a espada (*Lang*, longa) e pelo substantivo na própria saga se trata de uma *sværd*, espada larga (70 a

229 OAKESHOTT, Eward. *The archaeology of weapons*. Cambridge: Lutterworth Press, 1960, p. 134-136.

230 OAKESHOTT, Eward. Introduction to the Viking Sword *In*: PEIRCE, Ian. *Swords of the Viking Age*. London: Boydell Press, 2002, p. 4.

80 cm de comprimento). Esse modelo de arma possuía lâmina dupla, pesava até dois quilos e servia principalmente para cortar.<sup>231</sup>

O hábito de nomear as armas fazia parte de um reconhecimento: como a vida do guerreiro dependia delas, era importante oferecer ao armamento uma identidade. Essa prática criava uma ligação entre o combatente e o equipamento de guerra, que confiava profundamente em suas habilidades e em sua invencibilidade em batalha.<sup>232</sup>

Se a observação de Ibn Fladan (séc. X)<sup>233</sup> merece crédito, “every one of them carries an axe, a sword and a dagger and is never without all of that which we have mentioned” (“cada um deles carrega um machado, uma espada e uma adaga, e nunca estão sem todos os quais nós tenhamos mencionado”).<sup>234</sup> Assim, a dependência do guerreiro escandinavo em relação as suas armas era enorme. Porém, a conexão com os equipamentos de guerra não se devia apenas por uma questão profana, mas sagrada.

Os escandinavos acreditavam que espadas, escudos, capacetes e anéis podiam ser abençoados pelas divindades pagãs. Por isso, algumas armas despontam nas sagas como presentes divinos. O caso mais conhecido é o da espada Gram (ou Balmung), na *Volsunga saga* (séc. XIII):

231 CLARKE, H. B. Vikings *In*: KEEN, Maurice (org.). *Medieval warfare: a history*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 42; OAKESHOTT, *op. cit.*, p. 152, nota 151.

232 SPRAGUE, Martina. *Norse warfare: unconventional battle strategies of the ancient vikings*. New York: Hippocrene Books, 2007, p. 140.

233 **Ahmad ibn Fadlān ibn al-Abbās ibn Rašid ibn Hammād** (em árabe أحمد بن محمد بن عبد الله بن فضلان) escreveu sobre suas viagens enquanto membro da embaixada do califado de Bagdá nas terras dos Búlgaros do Volga durante o século X. A obra que Ibn Fadlan produziu se chama *ma šabdat fi baladit-turk wa al-ḥazar wa ar-rus wa aš-šaqlibat wa al-bašgird wa ġirham* (*Relato sobre a terra dos turcos, dos khaçares, dos rus, dos saqaliba e dos bashkirs*). FUCZKO, Wladyslaw. Viking rus - Northern World 12. Leiden: Brill, 2004, 137-138.

234 MONTGOMERY, James E. IBN FAḌLĀN AND THE RŪSIYYAH. *In: Journal of Arabic and islamic studies*, III (2003). Edinburg: Edinburg University Press, 2000, p. 1-25. A tradução é minha.

Nú er þess við getir, at þá er menn sátu við eldana um kveldit, at maðr einn gekk in í hölina. Sá maðr er mönnum ókunnr at sýn. Sjá maðr hefir þess háttar búning, at hann hefir hekle flekkóta yfir sér. Sá maðr var berætrr ok hafði knýtt línbrókum at beini. Sá maðr hafði sverð í hendi ok gengr at barnstokkinum, ok hött síðan á höfði. Hann var hárr mjök ok eldiligr ok einsýnn.

Han bregðr sverðinu ok stingr því í stokkin, svá at sverðit sökkr at hjöltum upp. Öllum mönnum fellusk kveður við þenna mann. Þá tekr hann til orða ok mælti: ‘Sá er þessu sverði bregðr ór stokkinum, þá skal sá þat þiggja at mér at gjöf, ok skal hann þat sjálfr sanna at aldri bar hann betra sverð sér í hendi en þetta er.’

Agora a história informa que enquanto os homens estavam sentados em volta do fogo ao anoitecer, um homem chegou ao castelo. Era um homem de aparência desconhecida, e vestido dessa maneira: ele tinha uma capa mosqueada, estava descanço e tinha suas costuras de linho ao redor da perna.

O homem segurava uma espada em sua mão e se dirigiu até Barnstock, e tinha um chapéu abaixado sobre sua cabeça. Ele era muito cinza, venerável e tinha apenas um olho. Ele sacou a espada e a precipitou no tronco, de tal maneira que a espada afundou até o punho. Ninguém foi capaz de proferir uma palavra de boas vindas ao homem. Então ele começou a falar, e estas foram suas palavras: “O homem que retirar a espada do tronco irá recebê-la como um presente meu, e ele descobrirá por si próprio que nunca mais levará à mão uma espada melhor que esta.”<sup>235</sup>

A memorável figura que ofertou o presente não era ninguém menos que o próprio deus Odinn: sua aparência foi frequentemente descrita nesses termos ou similares.<sup>236</sup>

235 *VOLSUNGA SAGA*. Edição bilíngüe de R. G. Finch, com introdução, notas e apêndice. London: Thomas Nelson and sons, 1965, p. 4-5.

236 *Id.* Recebi uma esmerada crítica do Prof. Dr. Johnni Langer (Universidade Federal

Todavia, a sorte que acompanhava essas armas poderia mudar de acordo com o desejo da divindade. Sigmundr, o herói que se tornou invencível graças ao presente odínico, perdeu o benefício do presente com uma intervenção direta do próprio deus:

Hann hafðu eutt auga ok geir í hendi. Þessi maðr kom á mót Sigmundi konungi ok brá upp geirinum fyrir hann. Ok er Sigmundr Konungr hjó fast, kom sverðit í geirinn ok brast í sundr í tvá hluti. Síðan sneri mannfallinu, ok váru Sigmundi konungi horfin heill, ok fell mjök liðit fyrir honum. Konungrinn hlífði sér ekki ok eggjar mjök liðit. Nú er sem mælt, at engi má við margnum.

E agora, quando a batalha tinha iniciado há algum tempo, um homem que tinha uma capa negra e um chapéu abaixado sobre sua face entrou no combate. Ele tinha apenas um olho e em sua mão ele segurava uma lança. O homem avançou em direção ao rei Sigmundr, erguendo sua lança para barrar o seu caminho. E quando o rei Sigmundr golpeou ferozmente, sua espada bateu contra a lança e arreventou-se em duas. Após isto, o balanço dos acontecimentos foi alterado: a boa sorte do rei Sigmundr mudou e suas perdas foram pesadas. O rei não pensou em si próprio, e insistiu calorosamente com seus homens. O ditado que diz “os números contam” agora tornou-se adequado.<sup>237</sup>

---

do Maranhão), por ter levantado a possibilidade de que um dos personagens da plaqueta de Törslunda fosse o deus Óðinn (BIRRO; FIORIO, *op. cit.*, p. 61, nota 200), que porta uma espada. Nas palavras do Prof. Langer, “[...] a figura porta uma espada - algo inusitado em se tratando das imagens de Odin, tanto para o período pré-viking quanto viking (a espada não é um dos objetos/atributos do deus caolho)”. Como podem notar, essa associação não é implausível, visto que a *Volsunga saga* admite o uso da espada pelo deus, mesmo que não seja um objeto/atributo próprio. Para consultar o restante da crítica, ver: LANGER, Johni. – Guerra ao modo Viking. Resenha de SPRAGUE, Martina. Norse warfare: unconventional battle strategies of the ancient vikings. New York: Hippocrene Books, 2007. Ilustrado, 369p. ISBN-13: 978-0-7818-1176-7 *In: Brathair*, 8 (2), 2008: 85-93. (<http://www.brathair.com>).

237 *VOLSUNGA SAGA*, *op. cit.*, p. 20, nota 235.

A conduta de Oðinn não representa uma exceção: o deus foi diversas vezes acusado de traição e falta de palavra nos poemas primitivos e na prosa. No poema *Eiríksmál* (*A balada de Eiríkr*, c. 950), o herói Sigmundur pergunta a Oðinn por que o rei Eiríkr *blóðox* foi vencido se era valente. Eis a resposta do deus:

“Hví namt hann sigri þá,  
es þér þótti snjallr vesa?”

**Óvíst ‘s at vita,  
sér ulfr hinn hösvi  
[greypr] á sjöt goða.**

“Why, then, didst rob him of victory,  
since valiant thou thought’st him?”

**“No one knoweth -  
looks the grey wolf  
[grimly] toward the gods’ dwellings.”<sup>238</sup>**

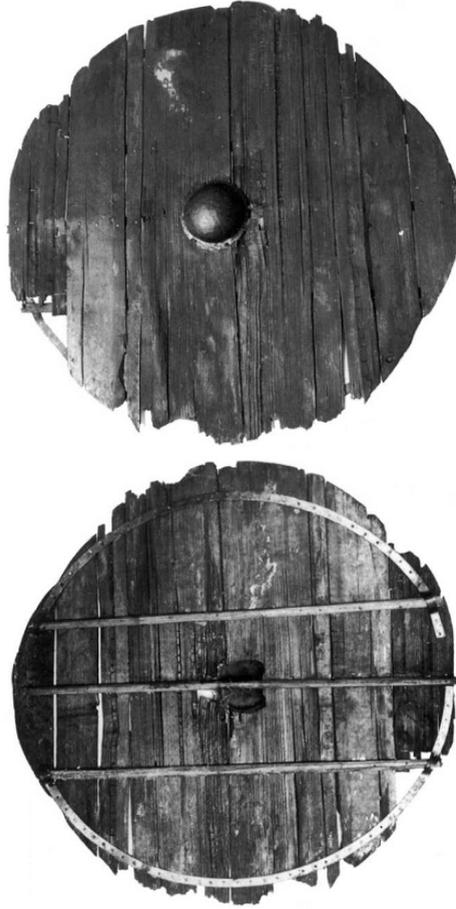
Em um mundo onde as divindades não honravam sua palavra, aos guerreiros restava apenas confiar na sorte e que seus deuses não os abandonassem na peleja. Assim, os bravos escandinavos agarravam-se às suas espadas com a crença que elas fossem de alguma forma amparadas por Oðinn.

Para reivindicar essa proteção, os guerreiros utilizavam bainhas com a suástica (símbolo odínico), ou mandavam forjar os punhos de suas espadas com o mesmo sinal, como algumas espadas encontradas na Inglaterra anglo-saxônica e na Dinamarca demonstram.<sup>239</sup>

---

238 *In*: JÓNSSON, Finnur. *Carmina Scaldica*. Udvalg af norske og islandske skjaldekvad ved Finnur Jónsson G.E.C. Gads Forlag. København, 1929, v. 7, l. 1-5. O grifo é meu. Disponível em <<http://www.heimskringla.no/original/skaldekvad/haraldskvaedi.php>> Acesso em 30 mar 08.

239 DAVIDSON, Hilda Roderick Ellis. *Escandinávia*. Lisboa: Verbo, 1987, p. 55-59.



**Figura 9 – O escudo viking:** Escudo viking encontrado no navio de Gokstad (c. 900). O aro de ferro na horizontal foram acréscimos modernos. Originalmente os escudos de Gokstad (num total de 64) estavam pintados de preto e amarelo. **Fonte:** Heath; McBride (1985).

Os escudos escandinavos, por sua vez, eram geralmente redondos, com um metro de diâmetro. Sua armação, de ferro, era preenchida por pranchas de madeira de tília ou freixo: provavelmente os escandinavos não utilizaram o carvalho nos escudos devido ao peso dessa madeira, embora ela fosse comum em navios. Sobre a madeira havia uma capa

de couro fixado à superfície com rebites de metal. Eram pintadas de amarelo, preto, branco, verde e azul.<sup>240</sup>

A adoção de escudos redondos foi uma escolha provavelmente motivada pela maneabilidade: escudos ovais dificultavam a defesa, principalmente contra as flechas. Esse aparato protetor era muito frágil contra machados e espadas pesadas, o que reforça ainda mais seu caráter de amparo contra projéteis aéreos. Os escudos podiam ainda ser usados ainda como ferramenta para desarmar os adversários.<sup>241</sup>

Quanto aos capacetes, havia dois “modelos”: 1) o metálico, que apresentava um formato ligeiramente cônico, com uma leve aba ao redor da proteção e que dispunha de um protetor nasal na maioria dos casos, 2) de couro, também com uma proteção nasal e com duas faixas de metal cruzadas no topo. Os escandinavos pintavam ainda uma “máscara de guerra” na frente como um artifício para identificar o comandante e os companheiros.<sup>242</sup>



**Figura 10 – O capacete metálico:** Reprodução do capacete encontrado em Gjermudbu, na Suécia, provavelmente do século IX. Reparem no protetor nasal, que se fundiu a um aro semicircular que acentuava o papel dos olhos do guerreiro. **Fonte:** Embleton; Harrison (1993).

240 HEATH & MCBRIDE, *op. cit.*, p. 53, nota 227; CLARKE, *op. cit.*, p. 44, nota 231.

241 SPRAGUE, *op. cit.*, p. 154-156, nota 232.

242 OAKESHOTT, *op. cit.*, p. 152-153, nota 229; SPRAGUE, *op. cit.*, p. 157-158, nota 232.

A lança de Þórolfr foi o melhor armamento descrito na *saga*. Sua extremidade foi forjada a ferro com quatro folhas, e possuía dois côvados de comprimento. O cilindro encerrava grande diâmetro, e o cabo era feito sob medida para manuseio, embora geralmente largo.<sup>243</sup>

A principal variante nas lanças eram as decorações, de tipo regular, com diferenças no material (metal branco e dourado de ponta a ponta do tubo) e com pequenas argolas inseridas em cada lado.<sup>244</sup> A ponta metálica atingia de 25 a 50 cm de comprimento, complementada por uma aste de madeira. Tratava-se de um armamento poderoso: as lanças que exigiam as duas mãos rompiam escudos, cotas de malha e as defesas adversárias.<sup>245</sup>

Outro aspecto interessante quanto ao equipamento de guerra é a ausência de uma proteção corporal: “hvorgi þeirra hafði brynju” (“nenhum dos dois tinha cota de malha”).<sup>246</sup> A ausência de proteções para Egill e Þórolfr estava intimamente relacionada com a condição de *berserker*,<sup>247</sup> o que indica que esses heróis possivelmente portavam essa habilidade especial.

A opção pela proteção também dependia da mobilidade que se desejava. Ataques rápidos deveriam dispensar as proteções pesadas e dificultavam a agilidade do combate. O *status* também era importante para determinar a proteção: a cota de malha era um sinal de riqueza, pois exigia muito metal para sua confecção.<sup>248</sup>

Mais comuns eram as proteções de couro: baratas, leves e com um razoável grau de eficiência. O guerreiro vestia uma camisa antes de incorporar a proteção e, às vezes, a complementava com placas ósseas.<sup>249</sup>

243 EGILS SAGA, *op. cit.*, p. 76, nota 31.

244 OAKESHOTT, *op. cit.*, p. 156-157, nota 229.

245 SPRAGUE, *op. cit.*, p. 152-153, nota 232.

246 EGILS SAGA, *op. cit.*, p. 77, l. 3, nota 31.

247 SPEIDEL, Michael P. *Ancient Germanic Warriors: warriors styles from Trajan's Column to Icelandic sagas*. Oxford: Routledge, 2004, p. xx. Para maiores esclarecimentos sobre os *berserkir*, ver o capítulo 6.

248 SPRAGUE, *op. cit.*, p. 159-160, nota 232.

249 CLARKE, *op. cit.*, p. 46, nota 231.

Competentes contra golpes cortantes, tanto a proteção de couro quanto a cota de malha fracassavam contra armas de gume, como flechas e lanças.<sup>250</sup>

Depois de descrever todo o armamento, Snorri narrou a batalha. Hring e Adils perceberam que havia frustrado o ataque-surpresa, e dividiram suas tropas, movimento imitado pelos adversários.

As hostes se ordenaram em quatro colunas, duas de cada lado. Provavelmente utilizaram a falange simples, com cinco ou mais colunas de homens alinhados a curta distância. Os melhores guerreiros se posicionavam na primeira fileira.<sup>251</sup>

A fraqueza dos vikings em campo aberto é amplamente discutida pela bibliografia.<sup>252</sup> Apesar disso, as forças de Olavo pressionaram os inimigos, e uma das colunas de Æthelstan cedeu. Muitos homens fugiram, e a batalha parecia perdida.<sup>253</sup>

No entanto, Þórolfr assumiu o comando da tropa e ordenou aos seus que se mantivessem bem próximos uns dos outros, com as espadas guardadas atrás dos escudos. Além disso, intimou seus homens a aproveitarem a densa floresta à direita para limitar o campo de ataque inimigo à esquerda.

Essa tática dos escudos que compactava as hostes era muito comum, e aparece em diversas fontes.<sup>254</sup> A mudança da estratégia deu novo fôlego ao exército de Æthelstan, que iniciou a contra-ofensiva.

---

250 SPRAGUE, *op. cit.*, p. 161, nota 232.

251 HEATH & MCBRIDE, *op. cit.*, p. 31, nota 227.

252 CLARKE, *op. cit.*, p. 45, nota 231.

253 *EGILS SAGA*, *op. cit.*, p. 77, nota 31.

254 HEATH & MCBRIDE, *op. cit.*, p. 32, nota 227.



**Figura 11 – A parede de escudos:** Uma reprodução da *skjaldborg* (“parede de escudos”), a técnica singular viking que reforçava a defesa graças à união dos escudos. Esse método era extremamente eficiente contra armas leves, mas muito ineficaz contra uma incursão de guerreiros com grandes machados, por exemplo. **Fonte:** Embleton; Harrison (1993).

Þórolfr estava tão enfurecido que abandonou o escudo e empunhou a lança com ambas as mãos. Os adversários retrocederam ante a furiosa investida do guerreiro, que, mesmo assim, matou muitos inimigos.

Quando se aproximou de Hring, não havia como detê-lo; Þórolfr fendeu o peito do *jarl* com sua lança, que atravessou a cota de malha e saiu pelo ombro. Por fim, Þórolfr fixou a alabarda no solo e deixou seu adversário pendurado, inerte. Os seguidores do islandês logo sacaram suas espadas e caíram contra as tropas inimigas, que começaram a fugir.<sup>255</sup>

O código de guerra expresso na atitude de Þórolfr e de seu irmão enquanto confrontavam a morte merece destaque: apesar das adversidades, eles se mantiveram firmes na liderança do exército de

<sup>255</sup> *EGILS SAGA*, *op. cit.*, p. 77, nota 31.

Æthelstan, pois selaram um acordo de fidelidade com o rei.

Porém, outra grande batalha ainda estava por vir na manhã seguinte. Æthelstan soube como premiar os heróis do conflito anterior: organizou seu exército em três colunas, duas ofensivas e uma defensiva para proteger a retaguarda. As colunas ofensivas foram comandadas pelo rei e Þórołfr, e a defensiva por Egill.<sup>256</sup>

No campo de batalha, Olavo imitou o rei bretão, e organizou suas hostes em duas colunas ofensivas. Com o erguer dos estandartes, teve início a batalha de Vínheið.<sup>257</sup>

Assim,

Síðan gangast á fylkingar, og varð þar brátt orusta mikil; Þórołfur sótti fram hart og lét bera merki sitt fram með skóginum og ætlaði þar svo fram að ganga, að hann kæmi í opna skjöldu konungsfylkingunni; höfðu þeir skjölduna fyrir sér, en skógurinn var til hægra vegs; létu þeir hann þar hlífa. Þórołfur gekk svo fram, að fáir voru menn hans fyrir honum, en þá er hann varði minnst, þá hlaupa þar úr skóginum Aðils jarl og sveit sú, er honum fylgdi; brugðu þegar mörgum kesjum senn á Þórołfi, og féll hann þar við skóginn, en Þorfinnur, er merkið bar, hopaði aftur, þar er liðið stóð þykkra, en Aðils sótti þá að þeim, og var þar þá orusta mikil. Æptu Skotar þá siguróp, er þeir höfðu felld höfðingjann.

Com os exércitos fechados, a batalha crescia feroz. Þórołfr pressionou ansiosamente para frente, o que levou seu estandarte a ser carregado para frente do lado de madeira [floresta]. Ele pensou em ir o mais adiante possível para cair sobre a coluna do rei escocês atrás dos seus escudos. Seus próprios homens seguravam seus escudos diante deles, pois eles acreditavam que a floresta que estava a sua direita os protegeria daquele lado. Þórołfr avançou tanto que poucos de seus homens estavam atrás dele. Mas justamente quando ele estava sem sua guarda, saltou fora da floresta o jarl Aðils e seus seguidores. Eles caíram sobre

---

256 HARRISON, Mark; EMBLETON, Gerry. *Osprey Warrior Series 3: Viking Hervis* 793-1066 AD. London: Reed International Books, 1993, p. 21-23.

257 *EGILS SAGA*, *op. cit.*, p. 78, nota 31.

Þórólfr de uma vez com várias alabardas, e pela floresta ele caiu ali. Mas Þorfinn, que carregava o estandarte, moveu-se de volta para onde a fileira dos homens era grossa. Aðils os atacou então, e havia uma contenda feroz entre eles. Os escoceses gritaram o grito da vitória, pois haviam matado o líder inimigo.<sup>258</sup>

Þórólfr e sua coluna repetiram a estratégia da batalha anterior: empunharam o escudo à frente e seguiram à esquerda do bosque, que os protegia. Porém, o opulento islandês avançou tanto que havia poucos aliados próximos a ele.

Quando menos esperava, Þórólfr foi pego por uma escaramuça inimiga dentro do bosque: diversas alabardas caíram sobre ele. Logo, os inimigos lançaram o grito de vitória, pois eliminaram o comando da coluna.

Ao perceber que o estandarte de Þórólfr retrocedia, Egill correu em sua direção e tomou conhecimento da situação. Ordenou que seus homens seguissem naquela linha e avançassem. Então,

var hann fremstur í brjóstinu; hann hafði sverðið Naður í hendi. Hann sótti þá fram og hjó til beggja handa og felldi marga menn; Þorfinnur bar merkið þegar eftir honum, en annað lið fylgdi merkinu; var þar hin snarpasta orusta. Egill gekk fram, til þess er hann mætti Aðilsi jarli; áttust þeir fá högg við, áður Aðils jarl féll og margt manna um hann, en eftir fall hans, þá flýði lið það, er honum hafði fylgt, en Egill og hans lið fylgdu þeim og drápu allt það, er þeir náðu, því að ekki þurfti þá gríða að biðja. En jarlar þeir hinir skosku stóðu þá ekki lengi, þegar er þeir sáu, að aðrir flýðu þeirra félagar; tóku þegar á rás undan.

Ele os fez investirem mordazmente, sendo ele o primeiro na vanguarda. Ele tinha em sua mão a espada Naðr. Ele atacou e golpeou com ambas as mãos, e feriu muitos homens. Þorfinn o seguiu com o estandarte próximo a

---

258 *EGILS SAGA, op. cit.*, p. 79, l. 5-14, nota 31.

ele, e o resto do exército seguiu-os. O conflito tornou-se atroz. Egill avançou até que se deparou com o *jarl* Adils: eles trocaram poucos golpes antes que o *jarl* Adils morresse, além de muitos homens com ele; a hoste que o seguia fugiu, e Egill e sua hoste os perseguiram e mataram todos que puderam, pois não cabia pedir trégua.<sup>259</sup>

Ele foi o primeiro da vanguarda – os mais valentes seguiam à frente da batalha –, empunhou sua espada com ambas as mãos e eliminou muitos inimigos. Não demorou muito para que alcançasse o comandante da coluna e o abatesse. O exército inimigo fugiu. Egill e seus homens perseguiram os fugitivos, pois não cabia trégua.

A coluna de Egill logo feriu pelo flanco esquerdo as hostes lideradas pelo rei Olavo, que desfez a formação. O Rei Æthelstan percebeu a fraqueza do adversário e incitou seus homens contra os inimigos. Pouco tempo depois, o rei Olavo caiu morto, junto com a maior parte dos seus.<sup>260</sup>

\*\*\*

Há nessa passagem final da batalha uma clara referência à organização dos vikings em guerra, muito influenciada pelas estratégias e táticas dos seus oponentes. A falta de uniformidade era sua principal força, pois as vantagens proporcionadas pelo terreno e a flexibilidade em situações adversas colocavam os vikings em vantagem contra exércitos regulares.

Além disso, o ânimo belicoso da linha de frente escandinava atemorizava os adversários. Esses bravos combatentes eram reconhecidos como *berserkir*, guerreiros possuídos pelo frenesi divino, pois uivavam e mordiam seus escudos com furor. Ao se lançarem para o seio do exército inimigo, feriam seus adversários com golpes cruéis e letais.

Quanto ao terror dos escandinavos, vale uma ressalva: propor que a ferocidade incomum dos vikings era uma estratégia racional é abusar das

---

259 *EGILS SAGA*, *op. cit.*, p. 79, nota 31.

260 *Ibid.*, p. 79, l. 27-34.

fontes. Os saques aos monastérios não era uma afronta ao cristianismo, mas uma busca pelas riquezas. Em alguns casos, os cativos e as relíquias eram devolvidos após negociações. O objetivo dos escandinavos era claro e simples: riquezas e escravos.<sup>261</sup>

Porém, o choque entre culturas tão diversas produziu uma reação cristã intensa que atravessou os séculos e interfere nos estudos dos escandinavos até hoje. O *Antifonário de Carlos, o Calvo*<sup>262</sup> – a mais antiga oração de proteção contra os vikings – demonstra bem a impressão que os cristãos tiveram dos homens do norte:

Summa pia gratia nostra conservando corpora et custodita, de gente fera Normannica nos libera, quæ nostra vastat, Deus, regna. Senum jugulat et juvenum ac virginium puerorum quoque catervam. Repelle, precamur, cuncta a nobis mala. Convertite rogamus, Domine supplices nos ad te rex gloriæ es qui vera pax, salus pia, spes et firma. Dona nobis pacem atque concordiam. Lagire nota spem integram, fidem simul veram, karitatem continuam concede nobis et perfectam. Sanctorum precibus nos adjuvemur ad hæc impetranda, de quorum passione g[r]atulamur modo gloriosa. Sit laus, pax et gloria Trinitati quam maxima cuncta per sæcula. Amen.

[Senhor], a suma piedade e a mais alta graça por conservar e proteger nossos corpos livres. Da selvagem gente normânica [i.e., dos homens do Norte] que devasta nosso reino, nos liberte, Deus. Os velhos são estrangulados, assim como os jovens, as virgens e as crianças, e também as multidões. Repila, imploramos,

---

261 CHRISTIANSEN, Eric. *The Norsemen in the Viking Age*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006, p. 179-182.

262 **O Antifonário de Carlos, o Calvo** (c. 870) foi redigido na Abadia de Saint-Corneille de Compiègne. Um antifonário é uma coleção de músicas de coral compostas pela notação musical e pela “letra” cantada, semelhante a um salmo (*Antiphony In: Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company, 1913. Disponível em <[http://en.wikisource.org/wiki/Catholic\\_Encyclopedia\\_\(1913\)/Antiphony](http://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_(1913)/Antiphony)>. Acesso em 14 mar 09.

de nós todo o mal. Rogamos, Senhor, o rei da glória, que tende piedade de nós: nos traga a verdadeira paz, boa saúde, esperança e força. Dê-nos paz e concórdia. Derrame sobre nós a esperança integral, assim como a verdadeira fé; conceda-nos a perfeita e contínua caridade. Santifique nossas preces, que nos encorajamos em impetrar, [e] que nos regozijemos em gloriosa medida. Louvada seja a paz e a glória. Para a Trindade, que [está] em mais alta conta para o povo. Amém.<sup>263</sup>

Assim, o contato entre povos culturalmente tão diferentes nas práticas de batalha e quanto às crenças assustava os cristãos, o que favoreceu sobremaneira a eficácia da forma de guerrear escandinava. A imagem de guerreiros tão impiedosos e simultaneamente desordenados confundia e amedrontava seus inimigos: essa era a *arte da guerra viking*.

---

263 Antiphonaire de Charles le chauve *In*: DELISLE, Léopold. *Litterature latine & histoire du moyen age*, 1890, 17f; ROSENTHAL, Else; WILSON, David M. (ed.). *From Viking to Crusader: The Scandinavians and Europe 800-1200*. New York: Rizzoli: 1992, p. 80.

# A imagem dos guerreiros odínicos na literatura germânica e escandinava

Na Antiguidade e na Alta Idade Média, a função guerreira dos germanos tinha o duplo significado de soberano e guerreiro, representado e ligado a Oðinn (também lembrado como Wotan).<sup>264</sup>

Oðinn era o deus soberano, divindade com mais devotos entre os guerreiros. Ele estimulava a fúria durante a batalha. O culto odínico fazia parte da euforia do combate, e sua influência na Escandinávia pueril foi inegável.<sup>265</sup>

Na Escandinávia pagã, os *berserks* eram os guerreiros campeões, inspirados por Oðinn. De acordo com a *Ynglinga saga*, os homens de Oðinn

[...] fóru brynjulausir ok váru galnir sem hundar eða vargar, bitu í skjöldu sína, váru sterkir sem birnir eða gríðungar; þeir drápu mannfólkit, en hvártki eldr né járn orti á þá. Þat er kallaðr berserksgangr.

[...] Dirigiam-se para a batalha sem cotas de malha e agiam como cães selvagens ou lobos; Eles mordiam seus escudos e eram fortes como ursos ou touros. Eles

---

264 DUMÉZIL, G. *El destino del guerrero*. México: Siglo XXI, 1971, p. 03-06.

265 DAVIDSON, Hilda Ellis. *The lost beliefs of Northern Europe*. Oxford: Routledge, 1993, p. 76-77; 98-100.

matavam pessoas, e nem fogo ou ferro poderia feri-los. Isto chamava-se *berserksgangr* [fúria berserker].<sup>266</sup>

Assim, aqueles que manifestassem estas características estavam acometidos pela fúria *berserker*, a *berserksgangr*.<sup>267</sup>

A etimologia da palavra *berserker* é complexa e vários eruditos tentaram elucidar sua origem. Alguns acreditam que significava “sem camisa”, clara referência ao costume desses guerreiros de não se protegerem. Outros sugerem que a palavra é a concatenação dos radicais -ber (do germânico *bär*, urso) e -serk (do escocês *sark*, camisa).<sup>268</sup>

Seja como for, os *berserks* eram uma constante na literatura escandinava. Eles faziam parte da tradição indo-européia dos cultos de guerreiros em frenesi, usualmente conhecidos pelos estudiosos germânicos como *Männerbünde* (sociedades secretas masculinas).<sup>269</sup> Tratava-se de uma paranóia relacionada à licantropia e que, em certas condições, fazia com que o guerreiro sofresse um ataque epiléptico. Alguns especialistas acreditam que a fúria *berserker* era uma condição hereditária.<sup>270</sup>

A primeira referência a transformações de homens em lobos na Escandinávia e na Germânia surgiu com São Bonifácio (séc. VII-VIII)<sup>271</sup>, que registrou esta crença em sua missão entre os germânicos:

266 SNORRI STURLUSON. *Ynglinga saga*, VI In: SNORRA STURLUSONAR, *op. cit.*, nota 72.

267 HEAT; MCBRIDE, *op. cit.*, p. 47, nota 227.

268 Berserk In: CLEASBY, Richard; VIGFUSSON, Gudbrand. *An Icelandic-English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1874, p. 61.

269 Berserk In: LINDOW, John. *Norse Mythology: A Guide to the Gods, Heroes, Rituals, and Beliefs*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 75-76.

270 HEAT; MCBRIDE, *op. cit.*, p. 47, nota 227.

271 **São Bonifácio** (c. 652-754), o apóstolo dos germânicos, foi um missionário no império franco do século VIII. Ele é o santo padroeiro da Alemanha. (WILLIBALD. *The Life of Saint Boniface* In: NOBLE, Thomas F. X.; HEAD, Thomas, HOARE, F. R. *Soldiers of Christ: Saints and Saints' Lives from Late Antiquity and the Early Middle Ages*. London: Continuum International Publishing Group, 1995, p. 107-140).

Quid sunt ergo opera diaboli? Haec sunt superbia, idolotatria, invidia, homicidium, detractio, mendacium, perjurium, odium, fornicatio, adulterium, omnis pollutio, furta, falsum testimonium, rapina, gula, ebrietas, turpiloquia, contentiones, ira, veneficia, incantationes et sortilegos exquirere, **strigas et fictos lupos credere**, abortum facere, Dominis inobedientes esse, phylacteria habere.

Quais são, portanto, as obras do diabo? Estas são: a soberba, a idolatria, a inveja, o homicídio, a detração, a mentira, o perjúrio, o ódio, a fornicação, o adultério, toda poluição, o furto, o falso testemunho, a rapina, a gula, a embriaguez, a torpeza, as desavenças, a ira, a magia, executar encantos e sortilégios, **crer em bruxas e em fictícios lobisomens**, cometer aborto, desobedecer ao Senhor, ter filactérias.<sup>272</sup>

A transformação acontecia quando o guerreiro vestia ou portava alguma pele de lobo ou urso. Normalmente, essa metamorfose acontecia durante o anoitecer, e o guerreiro transformado adotava todas as práticas do animal, inclusive a ingestão de carne proveniente da caça.<sup>273</sup>

Segundo alguns eruditos<sup>274</sup>, a crença da transformação de homens em lobo tem fortes ligações com o xamanismo.<sup>275</sup> Entre os finlandeses,

272 BONIFACIUS. Sermo XV, *De abrenuntiatione in baptisate*. Patrologia Latina, LXXXIX, p. 870-872. O grifo é meu. Agradeço ao gentilíssimo Prof. Dr. Jorge Augusto da Silva Santos (Departamento de Filosofia – Ufes) pelo auxílio na tradução.

273 Lycanthropy *In*: HASTINGS, James. *Encyclopedia of Religion and Ethics Part 15*: V. 15. Whitefish: Kessinger Publishing, 2003, p. 208.

274 O exemplo mais notório é DAVIDSON, *op. cit.*, p. 142-143, nota 265.

275 **Avvakum** (1620-1682), padre exilado na Sibéria pela Igreja ortodoxa russa, foi o primeiro a mencionar o xamanismo em sua forma moderna (*šaman*). Alguns povos da Ásia central têm um líder religioso que intermedia as relações entre os deuses, homens e mortos com meditações e cerimônias mágicas. O equipamento descrito para as cerimônias é bem variado: protetores de cabeça, jaquetas, colares com objetos pendurados, pele de furões e de outros animais (lobos inclusive), máscaras, efigies e figurinos, além de tambores. O xamã atinge um frenesi quando

povo que acreditava na intercessão dos espíritos, havia uma antiga crença que abordava a transformação de um homem em lobo. Para que isso ocorresse, ele deveria colocar a placenta de um lobo sobre sua cabeça.

Além disso, uma história popular finlandesa que narra a amizade entre um finlandês e um fazendeiro também faz alusão a transformação do primeiro em lobo quando ele vestia sua pele do animal.<sup>276</sup>

Não há dúvida que Oðinn apresentava certas características xamânicas como, por exemplo, a função de guia do espírito para o mundo dos mortos, a consulta aos deuses e mortos, ou ainda a função de trazer de volta a alma ameaçada pela morte.<sup>277</sup> Essa influência pode ter ocorrido pelo contato dos povos germânicos com os xamãs húngaros, pois eles consideravam o espírito do cavalo (animal odínico) como um guia.<sup>278</sup>

Entre os espíritos protetores da natureza, os lobos eram considerados os mais pródigos para os xamãs. Alguns deles acreditavam que podiam se transformar em lobos, além invocar os mortos como lobisomens.<sup>279</sup>

Um dos povos germânicos que passaram pela atual Hungria e mantiveram uma ligação com canídeos foram os lombardos, guerreiros de Oðinn escolhidos durante a batalha – “Sicque Winilis Godan victoriam concessisse” (“Assim, Wotan concedeu a vitória aos vinilos”).<sup>280</sup> A relação

---

é incorporado por um espírito e, após a cerimônia, o hospedeiro do espírito cai em exaustão. O xamanismo não é nem nunca foi uma religião estruturada ou apresentou práticas definidas (PRICE, Neil. An archaeology of altered states: shamanism and material culture studies *In*: PRICE, Neil (org.). *The archaeology of shamanism*. Oxford: Routledge, 2004, p. 3).

276 KVIDELAND, Reimund; SEHMSDORF, Henning (ed.). *Scandinavian folk belief and legend*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988, p. 78.

277 DAVIDSON, *op. cit.*, p. 77, nota 169.

278 STUTLEY, Margaret. *Shamanism: an introduction*. Oxford: Routledge, 2003, p. 21-22. Para outras semelhanças entre os mitos odínicos e o xamanismo em várias culturas, ver: JØN, Asbjørn. Shamanism and the image of the teutonic deity, Óðinn *In: Folklore, Electronic Journal of folklore*. Estônia: Institute of Estonian Language, vol. 10, abr 1999. Disponível em <<http://www.folklore.ee/folklore/vol10/teuton.htm>> Acesso em 28 fev 09.

279 *Ibid.*, p. 85.

280 PAULUS DIACONUS. *Historia Langobardorum*, I, VIII. Disponível em <<http://>

com o cão foi assim expressa na *Historia Langobardorum*:

Porro Langobardi cum magnas hostium copias cernerent neque cum eis ob paucitatem exercitus congregi auferent, dumque quid agere deberent decernerent, tandem necessitas consilium repperit. Simulant, se in castris suis habere cynocephalos, id est canini capitis homines. Divulgant apud hostes, hos pertinaciter bella gerere, humanum sanguinem bibere et, si hostem adsequi non possint, proprium potare cruorem.

Ahora bien, los longobardos, al ver las grandes tropas de sus enemigos y no atreverse a chocar con ellos por lo reducido del propio ejército, se pusieron a decidir qué debían hacer y finalmente la necesidad les encontró un plan. Fingieron tener en su campamento unos cinocéfalos, es decir, hombres con cabeza de perro, e hicieron correr entre los enemigos la noticia de que éstos guerreaban con tenacidad, tomaban sangre humana y, si no podían alcanzar al enemigo, se bebían la suya propia.<sup>281</sup>

Os germânicos eram povos caçadores, e o cão era uma ferramenta para a caça. Essa atividade era sagrada, pois o cão tinha um importante papel associado às deidades: protetor e guia para o mundo dos mortos, e guardião (com um caráter destrutivo, pois atacava quem surgisse em seu percurso).<sup>282</sup>

Os lombardos são apresentados como um povo germânico feroz e pouco numeroso. Isso demonstra o caráter tribal e o início de sua expansão, quando assentados nas regiões próximas ao Elba, na

---

[www.hs-augsburg.de/~Harsch/Chronologia/Lspost08/PaulusDiaconus/pau\\_lan1.html](http://www.hs-augsburg.de/~Harsch/Chronologia/Lspost08/PaulusDiaconus/pau_lan1.html)>. Acesso em 18 mai 08.

281 *Ibid.*, I, XI.

282 DAVIDSON, Hilda Ellis. *Roles of the Northern Goddess*. Oxford: Routledge, 2001, p. 48-50.

Mauringa<sup>283</sup> (atual Mecklemburg)<sup>284</sup>, por volta dos séculos I a.C.-I d. C. Tácito, contemporâneo ao momento, descreveu:

contra Langobardos paucitas nobilitat: plurimis ac valentissimis nationibus cincti non per obsequium, sed proeliis et periclitando tuti sunt.

Os longobardos se orgulham de seu pequeno número. Cercado de numerosas e belicosíssimas nações, encontram segurança não pelo obséquo das demais ou por submissão própria, mas por meio de combates em que arrostam perigos.<sup>285</sup>

Os guerreiros-cão lombardos eram sinônimos de força e jovialidade, e representavam o futuro da tribo.<sup>286</sup> Nos lombardos, essa característica destacou-se em seu mito de origem, durante o período de migração da Escandinávia para as terras ao sul do Mar Báltico, promovida por dois jovens irmãos chefes militares.<sup>287</sup>

A imagem dos guerreiros-cão se manteve na tradição oral dos lombardos até o registro na *Historia Langobardorum*. É difícil precisar a dimensão que o cão, o sangue e os guerreiros com cabeça de cão tinham nos ritos lombardos. Porém, como destacado anteriormente, estes elementos faziam parte do culto odínico.

As representações de guerreiros com cabeças de cão (ou lobo) também estão presentes em alguns indícios arqueológicos do século VI e VII. Uma matriz para fundição encontrada em Öland mostra um guerreiro com uma máscara canídea, armado e com braços e pernas humanos. Próximo a ele, há uma figura caolha que provavelmente é uma representação do

---

283 MUSSET, *op. cit.*, p. 82, nota 163.

284 Região ao nordeste da Alemanha, na divisa com a Polônia.

285 TÁCITO. *Germania*, XL. Disponível em <[www.ricardocosta.com](http://www.ricardocosta.com)> Acesso em 06 mai 08.

286 DUMÉZIL, *op. cit.*, p. 07, nota 264; SPEIDEL, *op. cit.*, p. 19, nota 247.

287 PAULUS DIACONUS, *op. cit.*, I, III, nota 280.

deus Oðinn.<sup>288</sup>

A *Volsunga saga* também registrou essa crença na licantropia, pois o herói Sigmund e seu filho Sinfjotli vestiam peles de lobo, falavam a língua dos lobos e uivavam no momento do ataque:

Þeir höfðu orððit fyrir ósköpum Því at úlfahamir hengu í húsinu yfir Þeim. It tíund hvert dægr máttu Þeir komask ór hömunum. Þeir váru konungasynir. Þeir Sigmundur fóru í hamina ok máttu eigi ór komask, ok fylgði sú náttúra sem áðr var, létu ok vargsröddy. Þeir skilðu báðir röddina. Nú leggjask Þeir ok á merkr, ok ferr sina leið hvárr Þeira.

Um destino cruel caiu sobre eles, pois carregavam peles de lobo sobre eles na cabana. Eles podiam cobrir-se com as peles uma vez a cada dez dias. Eles eram príncipes. Sigmundur [e Sinfjotli] dirigiam-se às peles, e não podiam retirá-las mais – um estranho poder havia ali, assim como antes, e eles então uivavam como lobos, ambos entendendo o que era dito.<sup>289</sup>

Certamente lobos e ursos foram os animais mais relacionados com o *berserkr*.<sup>290</sup>

---

288 BLANEY, Benjamin. Berserkr *In*: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Medieval Scandinavia: an encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, p. 37-38.

289 *VOLSUNGA SAGA*, *op. cit.*, p. 10, nota 235.

290 CHARTRAND, R et al. *The vikings: voyagers of discover and plunder*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 102.



**Figura 12 - Oðinn em posição de dança?:** A possível deidade (à esquerda) está em posição frontal e apresenta um capacete com duas serpentes gêmeas (uma alusão à transformação de Oðinn em serpente no *Skáldskaparmál*), ou dragões, ou até mesmo corvos nas extremidades de chifres. Ela ainda porta uma espada suspensa na altura do tórax e duas lanças. O guerreiro-lobo, por sua vez, está voltado para o deus. Ele carrega uma grande e grossa lança aristocrática na mão esquerda, enquanto a direita está erguida; veste um saiote com uma cauda acentuada e mantém a boca entreaberta. Esta imagem rememora os rituais de dança ofertados a Oðinn. Talvez neles os indivíduos alcançassem o *berserksgangr*. Esse indício arqueológico é motivo de debate entre vários eruditos, pois alguns não acreditam que a figura à esquerda seja de fato o deus Oðinn. **Fonte:** Torslunda, Öland. Statens Historiska Museen, Stockholm, inv. nr. 4325.

A leitura das extremidades do capacete como serpentes foi avidamente criticada pelo Prof. Langer em certa ocasião. É possível que as figuras nas extremidades dos chifres sejam realmente corvos, como sugerido pelos objetos semelhantes em Starayja Ladoga e em capacetes anglo-saxões e pré-vikings. Todavia, a crítica comporta uma ressalva: Oðinn se transformou em serpente no *Skáldskaparmál*, além desse animal estar vinculado ao estado de transe xamânico e ao mundo dos mortos,

como o próprio Prof. Langer constatou em um artigo que publicou um ano antes da crítica. Ademais, amuletos em formato de serpente foram encontrados na Noruega, em Birka e em Hedeby durante a *Era viking*. Portanto, essa questão merece maiores aprofundamentos críticos. Respeito profundamente as interpretações de Régis Boyer, Rudolf Simek, Richard Hall e James Graham-Campbell, motivo pelo qual eu inseri as interpretações propostas destes eruditos à imagem nessa versão. Mas, com a mesma consideração, segui a interpretação de Benjamin Blaney, pois sua obra sobre os *berserkeir* é uma das principais referências sobre esses guerreiros odínicos até hoje<sup>291</sup>.

O poema *Haraldskvæði* (*A balada de Haraldr*, séc. IX)<sup>292</sup>, no entanto, é a mais antiga referência explícita aos guerreiros odínicos nas formas *berserkeir* e *úlfheðnar*. Os principais guerreiros do rei Haraldr *inn hárfagri* mencionados são “grenjuðu berserkeir, guðr vas á sinnum, emjuðu ulfheðnar ok ísörn dúðu” (“Os *berserkeir* urraram assim que a batalha

---

291 LANGER, *op. cit.*, nota 236; “numa mesma narrativa, o deus supremo transforma-se numa serpente e depois em uma águia (Skáldskaparmál 1) [...] e a tradução para sváfnir [uma das serpentes que roem Yggdrasil] é ‘o adormecido’, que tanto pode estar relacionado ao estado de transe do xamanismo quanto ao fato desta serpente estar localizada no mundo dos mortos.” LANGER, Johnni. O mito do Dragão na Escandinávia - Parte dois: as Eddas e o sistema ragnarokiano *In: Brathair* 7 (1), 2007, p. 66; GRÄSLUND, Anne-Sofie. Wolves, serpents, and birds - Their symbolic meaning in Old Norse belief *In: ANDRÉN, Anders et alli. Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions. An international conference in Lund, Sweden, June 3-7, 2004. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 124-129; BLANEY, Benjamin. The berserker: his origin and development in Old Norse literature. Diss. Colorado: University of Colorado, 1972.*

292 *A Haraldskvæði* (ou *Hrafnsmól*) foi composta pelo escaldo Thórbjörn Hornklofi (séc. IX-X). Pouco se sabe sobre ele: apenas que era nobre bem recebido na corte dos reis. Os especialistas lhe atribuem a autoria de outro poema: a *Glymdrápa* (séc. IX), canto que descreve várias batalhas do rei Haraldr antes de conquistar toda a Noruega. Os eruditos também acreditam que as estrofes 7 a 11 da *Haraldskvæði* fazem parte de outro poema que se perdeu e, posteriormente, foi integrado a esta obra (*OLD NORSE POEMS*. Traduzido por Lee M. Hollander. New York: Columbia University Press, 1936, p. 56-60). Para mais informações, ver o capítulo 7.

começou, os *úlfbeðnar* gritaram alto e sacudiram suas armas”<sup>293</sup>).

A *Egils saga*, por sua vez, apresenta passagens que aludem ao êxtase odínico. O camarada de Kveldúlfur, Berðlu-Kári, era um *berserker*. Além disso, cada noite Kveldúlfur manifestava uma estranha ferocidade:

Úlfur hét maður, sonur Bjálfa og Hallberu, dóttur Úlfs hins óarga. Hún var systir Hallbjarnar hálftrölls í Hrafnistu, föður Ketils hængs. Úlfur var maður svo mikill og sterkur, að eigi voru hans jafningjar, en er hann var á unga aldri, lá hann í vikingu og herjaði. Með honum var í félagsskap sá maður er kallaður var Berðlu-Kári, gfuigr maður ok inn mesti afreksmaður at afli ok áræði; hann var berserkr. [...]

En dag hvern er at kveldi leið þá gerðisk hann styggr svá at fáir menn máttu orðum við hann koma; var hann kveldsvæfr <ok myrginvakr>. Þat var mál manna at hann væri mjök hamrammr; hann var kallaður Kveld-Úlfur.

Havia um homem chamado Úlfur, filho de Bjalf e de Hallbera, filha de Úlfur, *o não-covarde*. Ela era irmã de Hallbjorn *meio-troll* de Hrafnista, e seu pai era Ketill Haeng. Úlfur era um homem tão alto e forte que ninguém poderia enfrentá-lo, e em sua juventude ele cruzou os mares como vikingr. Quando jovem, ele viajou como vikingr a procura de butim, e seu parceiro nessas aventuras era um homem de boa família chamado Berðlu-Kári, homem forte e cheio de coragem. Ele era um berserk [...]

Mas todo dia, assim que caía a noite, ele tornava-se tão intempestivo que ninguém podia falar com ele, e ele não demorava muito para deitar-se. Diziam que ele estava em transe, e as pessoas chamavam-no de *Kveld-Úlfur* [Lobo noturno].<sup>294</sup>

293 ÞÓRBJÖRN HORNKLOFI. Haraldskvæði *In*: JÓNSSON, Finnur. *Carmina Scaldica*. Udvalg af norske og islandske skjaldekvad ved Finnur Jónsson G.E.C. Gads Forlag. København, 1929, v. 8, l. 5-8. A tradução é minha. Disponível em: <<http://www.heimskringla.no/original/skaldekvad/haraldskvaedi.php>> Acesso em 25 fev 08.

294 EGILS SAGA, *op. cit.*, p. 1, l. 5-7;17-20, nota 31.

Além disso, a onomástica não nos engana: Úlfr inn *óargi* (“o não-covarde”, pela lógica, “o feroz”), Bjálfi (“pele de animal”) e Hallbjörn hálftröll (“semi-troll”) colocam esses personagens com características um tanto singulares.

Grímr, por sua vez, é um dos cognomes de Oðinn, e *skalli* (“cabeça calva” ou “careca”) é uma associação clara aos *berserkir*, pois de acordo com algumas sagas, eles eram carecas com ossos largos em sua testa.<sup>295</sup>

Kveldúlfr ainda nos favoreceu com mais uma passagem desse gênero. Ele e os seus manifestaram o frenesi em batalha ao vingar a morte de Þóroldr e eliminar alguns guerreiros de Haraldr:

Kveld-Úlfr hafði í hendi bryntröll. En er hann kom á skipit, þá bað hann menn sína ganga it ytra með borðum ok höggva tjöldin ór klofum, en hann óð aftur til lyftingarinnar, ok svá er sagt, at þá hamaðist hann, ok fleiri váru þeir förunautar hans, er þá hömuðust. Þeir drápu menn þá alla, er fyrir þeim urðu. Slíkt sama gerði Skalla-Grímr, þar er hann gekk um skipit. Léttu þeir feðgar eigi, fyrr en hroðit var skipit. En er Kveld-Úlfr kom aftur at lyftingunni, reiddi hann upp bryntröllit ok höggr til Hallvarðs í gegnum hjálminn ok höfuðit, ok sökk allt at skafti. Hnykkði hann þá svá hart at sér, at hann brá Hallvarði á loft ok slöngði honum útbyrðis.

Kveld-Úlfr tinha em sua mão um machado de batalha; mas quando ele subiu a bordo, fez seus homens colocarem-se sob o passadiço da popa e cortassem as amarras, enquanto ele próprio lançou-se contra a popa. E disseram que ele estava em transe, assim como vários de seus companheiros. Eles mataram todos que entraram em seu caminho, e o mesmo fez Skalla-Grímr; pai e filho não pararam até limpar todo o barco. Quando Kveld-Úlfr chegou até ao toldo, ele brandiu alto o machado e golpeou Hallvarð, atravessando-lhe o elmo e a cabeça, e a afundou até o cabo; então ele tirou [o machado] com

---

295 FINLAY, Alison. Pouring Óðinn’s Mead: An Antiquarian Theme? *In*: BARNES, Geraldine; ROSS, Margaret Clunies. *Old Norse Myths, Literature and Society. Proceedings of the Eleventh International Saga Conference*. Sydney, 2000, p. 89.

tanta força que levantou Hallvarð no ar e lançou-o pela borda.<sup>296</sup>

O episódio dos guerreiros cinocéfalos realçado anteriormente na *Historia Langobardorum* ainda permite outra aproximação com a literatura germânico-escandinava mais abrangente graças a outro elemento: o sangue. Nesta passagem da épica lombarda, Paulo Diácono realçou o temor dos inimigos durante o conflito: os guerreiros-cão beberiam o sangue dos seus adversários.

Ademais, a prática de tomar o sangue dos inimigos fazia parte de uma tradição antiga: o vencedor recebia assim as qualidades da vítima. Em algumas culturas, a ingestão de carne e o sangue dos homens mortos inspiravam a coragem, a sabedoria e outras qualidades que se destacassem naqueles homens.<sup>297</sup>

Esta prática foi registrada em outros textos germânicos daquele tempo como, por exemplo, na *Canção dos Nibelungos*.

do sprach von tronege hagene | ir edel ritter gvt  
swen twinge dvrstes not | der trinche hie daz plvt  
daz ist in solher hie | bezer danne win  
ez en mach an disen ziten | et nv niht bezer gesin

do gie der recken einer | da er einen toten vant  
er kniete im zv den wunden | den helm er ab gebant  
do begond er trinchen | daz vliezende plvt  
swi vngevon ers waere | ez dvhte in grozliche gvt  
nv lon iv got her hagene | sprach der mvede man  
daz ich von iwer lere | so wol getrvnchen han  
mir ist noch vil selten | geshenchet bezer win  
lebe ich deheine wile | ich sol iv immer waege sin

do di ander daz gehorten | daz ez in dvhte gvt  
do wart ir michel mere | di trvnchen ovch daz plvt  
davon gewan vil crhepfte | ir etesliches lip

---

<sup>296</sup>EGILS SAGA, p. 36, l. 22-31, nota 31.

<sup>297</sup>FRAZER, James George. *The golden bough: A study in a magic and religion*. London: Penguin Classics, 1996, p. 598-599.

des engalt an lieben frivnden | sit vil manech waetlich  
wip.

Um dos guerreiros foi até um morto, ajoelhou-se, tirou seu elmo e bebeu o sangue que corria de seus ferimentos; ainda que não estivesse habituado, achou muito bom. “Que Deus vos recompense, senhor Hagen”, disse o homem extenuado, “por terdes-me mostrado tão excelente beberagem. Jamais me foi servido melhor vinho! Se eu viver ainda por algum tempo, serei agradecido a vós”. Ao ouvir que lhe agradava, muitos beberam sangue, e com isso seus corpos fortaleceram-se.<sup>298</sup>

Saxo Gramático (séc. XII)<sup>299</sup> também relatou um episódio em que Oðinn aconselhou o herói Hadingus a ingerir o sangue de uma fera para tornar-se mais forte:

Hinc te tendentem profugum ratus hostis impetet, ut teneat vinclis  
faucisque ferinae obiectet depascendum laniatibus: at tu custodes variis  
rerum narratibus imple, cumque opor dapibus functos exceperit altus,  
iniectos nexus et vincula dira relide.

Inde pedem referens, ubi se mora parvula fundet, viribus in rabidum  
totis assurge leonem, que captivorum iactare cadavera suevit, inque  
truces armos validis conare lacertis et cordis fibras ferro rimare patenti.

Protinus admissa vapidum cape fauce cruorem corporeamque dapem  
mordacibus attere malis. Tunc novavis membri aderit, tunc robora  
nervis succedent inopina tuis solidique vigoria congeries penitus  
nervosos illinet artus.

---

298 *DAS NIBELUNGENLIED*. XXXVI, 2114-2117. Tradução disponível em: ANÔNIMO. *A canção dos Nibelungos*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 324.

299 **Saxo Grammaticus** (também conhecido como Saxo *cognomine Longus*, c. 1150-1220) foi um culto clérigo dinamarquês sob os serviços de Absalon (c. 1128-1201), arcebispo de Lund. Saxo foi o primeiro a redigir uma história completa da Dinamarca (DUMÉZIL, Georges. *Do Mito ao Romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 1-18).

Ipse struam votis aditum famulosque supore conficiam et lenta stertentes nocte tenebo.

Quando partires daqui, crendo que foges, o inimigo te atacará para acorrentar-te e lançar-te às feras, presa a despedaçar e a devorar. Mas tu, de teus guardas encherás os ouvidos de histórias variadas e, quando um sono profundo os dominar, após a refeição, livra-te das cordas e das duras correntes que te puseram.

Afasta-te, após ter deixado passar um momento, e precipita-te com toda tua força sobre o leão furioso que está acostumado a brincar com os cadáveres dos cativos. Usa teus músculos vigorosos contra seus flancos terríveis e, com teu gládio nu, rasga as fibras de seu coração.

Faz logo descer por tua garganta o sangue fumegante e tritura essa carne, qual iguaria, sob a mordida de tuas mandíbulas. Então, uma força nova habitará teus membros, então uma firmeza inesperada penetrará em teus músculos, e um afluxo de potente vigor inundará teus braços nervosos.

Eu próprio abrirei o caminho para o teu intento, prostrarei os servidores em profundo sono e os mantereirei roncando a noite inteira.<sup>300</sup>

Estas passagens realçam que o hábito de sorver o sangue recuperava e, não poucas vezes, ampliava o poder do indivíduo, fosse à força ou ao conferir-lhe novas e maravilhosas habilidades.<sup>301</sup>

\*\*\*

A bravura dos guerreiros em batalha foi acentuada com a mescla de homens com cães e lobos. Este ímpeto atravessou gerações em um processo de longa duração. De maneira progressiva, formaram-se novas construções mitológicas, enquanto outras perderam seu vigor.

---

300 SAXO GRAMMATICUS, *op. cit.*, I, vi., 8, nota 158. Tradução disponível em: DUMÉZIL, *op. cit.*, p. 55, nota 298.

301 DUMÉZIL, *op. cit.*, p. 55-56, nota 298.

Inicialmente, no coração da sociedade germânica, os guerreiros canídeos eram combatentes míticos de Oðinn.<sup>302</sup> Esta condição é evidente no caso lombardo, uma vez que os asseclas odínicos com cabeça de cão foram os fundadores da tribo lombarda e, conseqüentemente, formavam a sua elite guerreira.

A expansão em direção ao sul e a influência e adesão de outros povos atenuou o mito dos *cynocephalus*, que permaneceu na coletividade e foi transmitida oralmente.

No extremo norte europeu, o mito dos lobos existiu por mais tempo graças à sobrevivência do paganismo. Assim, a literatura escandinava registrou as melhores informações dos *úlfbēðnar*.<sup>303</sup>

A imagem dos combatentes acometidos pelo *berserksgangr* sofreu transformações à medida que o cristianismo penetrou na Escandinávia, pois os *berserkir* passaram a despontar na literatura, ora como heróis, ora como vilões – um exemplo é a luta entre Egill e Ljótr (*Egils saga*, 66); o oponente do herói era um *berserke* perverso e viciado em batalhas que desposou forçosamente a filha de um camarada de Egill.

Essa transformação da imagem dos *berserkir* levou alguns eruditos a descartar a possibilidade que eles tenham de fato existido: para muitos se trata de uma criação literária do século XIII. O debate é atual e continua a despertar o interesse de vários especialistas.<sup>304</sup>

Elenquei algumas das principais sagas e as ordenei cronologicamente para demonstrar a evolução da imagem dos *berserkir* na literatura islandesa medieval:

---

302 SPEIDEL, *op. cit.*, p. 32, nota 247.

303 *Ibid.*, p. 27.

304 LIBERMAN, Anatoly. Berserkir: a double legend *In: Brathair* 4 (2), 2004: 97-111(<http://www.brathair.com>).

Saga	Composição	Características / Personagens / Atitudes
<i>Egils saga</i>	1220-1230	1. Guerreiros reais de elite; 2. Herói; 3. Vilão.
<i>Vatnsdala saga</i>	1270-1280	1. <i>Berserkir</i> perseguidos e mortos para realçar a superioridade cristã.
<i>Njáls saga</i>	1275-1285	1. <i>Berserkir</i> perseguidos e mortos para realçar a superioridade cristã.
<i>Grettis saga</i>	1310-20/1400	1. Guerreiros reais de elite; 2. <i>Berserkir</i> como foras da lei.

**Tabela 1: A imagem dos *berserkir* em algumas sagas islandesas<sup>305</sup>**

Assim, o cristianismo foi um dos responsáveis pela transformação da imagem do *berserkir*. Obviamente não ignoro uma possível reprodução ou conservação de uma tradição oral escandinava dos tempos vikings, onde os guerreiros possuíam certa temeridade entre os camponeses e mais prestígio entre os aristocratas.<sup>306</sup> Porém, há uma enorme dificuldade para identificar as rivalidades e os conflitos dos tempos pagãos, enquanto a presença do cristianismo nas sagas é facilmente notada.

Além disso, em 1000 o *berserksgangr* foi proibido pelos islandeses, considerado uma prática de culto pagã.<sup>307</sup> A distância temporal da fixação dessa lei em relação aos relatos dessas sagas demonstra que houve uma progressiva mudança de *status* desses guerreiros odínicos, pois seria incabível crer que sua fama sofresse uma transformação tão fugaz.

Nesse ínterim, a discussão ignora uma característica intrínseca das sagas que é muito mais simples e cabível: o seu objetivo.

Produzida para entreter os ouvintes, a *Egils saga* teve um público mais abrangente, pois tanto os islandeses quanto os noruegueses faziam parte da narrativa e deviam se interessar pelo assunto, vide o próprio contexto histórico da composição. Por analogia, a saga também deveria agradar os

305 A data dos documentos foi obtida em: ÓLASON, Vésteinn. “Family Sagas”. In: MCTURK, Rory (org). *A companion of Old Norse Literature and culture*. London: Routledge, 2005, p. 114-115.

306 LANGER, *op. cit.*, p. 85-93, nota 235.

307 SPEIDEL, *op. cit.*, p. 66, nota 247.

campesinos e os aristocratas.

Alguns especialistas acreditam que as sagas islandesas são composições redigidas por escritores dos séculos XIII e XIV: eles reuniram várias tradições orais sobre um mesmo personagem ou região e provavelmente inseriram algumas informações a próprio punho para transformar pequenas narrativas em uma grande história.<sup>308</sup>

Logo, as ambigüidades são uma condição inerente da diversidade produtiva da tradição oral. Acredito que o objetivo do autor da *Egils saga* utilizou essas anfibologias não como um empecilho, mas como uma ferramenta para tornar a narrativa interessante para ouvintes que compartilhavam diferentes versões de um mesmo contexto.<sup>309</sup>

Portanto, como apresentado nesse capítulo, a evocação do guerreiro canídeo fez parte de uma herança cultural antiqüíssima das guerras germano-escandinavas. Os homens que manifestavam as habilidades licantrópicas se afastavam temporariamente da realidade, principalmente nos rituais ou nas exibições de fúria espontânea.

Apesar das diferenças em cada caso aqui demonstrado (que realçam as emoções individuais ou de pequenos grupos), esta categoria de combatente reforçava as estruturas das sociedades e foi uma constante no imaginário do período.

A cristianização destes povos quase extirpou elementos enraizados em suas culturas desde tempos imemoriais. No entanto, a imagem dos lobos nunca desapareceu por completo do imaginário europeu. As lendas e contos que incluem lobos permaneceram vivos e coexistem com o cristianismo até a atualidade.

---

308 ANDERSSON, *op. cit.*, p. 3-20, nota 179.

309 Para maiores esclarecimentos sobre essa questão, ver o capítulo 7.



# A Batalha de Hafrsfjord (c. 890) na *Egils saga*

A Noruega foi o palco de várias batalhas na segunda metade do século IX. O cenário político era propício para tal condição: a Dinamarca estava enfraquecida demais para exercer a autoridade sobre a região e, como aconteceu com frequência na Idade Média, os líderes locais e reizes se dedicaram a guerras sem fim, com a intenção de ampliar sua área de influência e, ao mesmo tempo, negavam uma autoridade central.<sup>310</sup>

Nesse ínterim, um dos pretendentes se destacou: Haraldr Hálfdanarson. Segundo a *Heimskringla*, ele herdou o trono aos dez anos, logo após a morte de seu pai, Hálfan *svarti*, um pequeno rei de Vestfold (sudeste da Noruega). Alto, forte, belo e sábio: essas eram as características do jovem Haraldr.<sup>311</sup>

Após vencer os soberanos vizinhos e subjugar as províncias centrais norueguesas, Haraldr tentou esposar Giða, filha do rei de Horthaland. Ela se negou: não queria se casar com um rei que dispunha de poucas posses, mas com um que tomasse para si toda a Noruega. Em razão dessa afronta, Haraldr fez uma promessa: não cortaria seu cabelo até que conquistasse toda a Noruega.<sup>312</sup>

310 LUND, *op. cit.*, p. 212, nota 56; BRADBURY, Jim. *The Routledge companion to Medieval Warfare*. London: Routledge, 2004, p. 129.

311 *Haralds saga hins hárfagra*, *op. cit.*, I, nota 72.

312 *Ibid.*, III-IV.

Como prometido, ele prosseguiu com as conquistas, e tudo levava a crer que ele atingiria seus objetivos. Porém, o futuro rei da Noruega encontrou um grande empecilho: uma coligação de inimigos de Horthaland, Rogaland, Agthir e Thelamork ameaçava seus planos.<sup>313</sup>

Nesse ponto a *Egils saga* confirma a *Heimskringla*, mas o relato é um pouco mais curto: além de não citar a região de Thelamork, não menciona o nome de todos os mentores da sublevação.<sup>314</sup> Assim,

Haraldr konungr helt norðan liði sínu. Hann hafði sjálf skip mikit ok skipat hirð sinni. **Þar var í stafni Þórólfr Kveld-Úlfsson ok Bárðr hvíti ok synir Berðlu-Kára, Ölvir hnúfa ok Eyvindr lambi, en berserkir konungs tólf váru í söxum.**

Fundr þeira var suðr á Rogalandi í Hafrsfirði. **Var þar in mesta orrosta, er Haraldr konungr hafði átta, ok mikit mannfall í hvárratveggju liði. Lagði konungr framarliga skip sitt, ok var þar ströngust orrostan.** En svá lauk, at Haraldr konungr fekk sigt, en þar fell Þórir haklangr, konungr af Ögðum, en Kjötvi inn auðgi flýði ok allt lið hans, þat er upp stóð, nema þat, er til handa gekk eftir orrostuna.

Dá er kannat var lið Haralds konungs, var margt fallit, ok margir váru mjök sárir. **Þórólfr var sárr mjök, en Bárðr meir, ok engi var ósárr á konungsskipinu fyrir framan siglu nema þeir, er eigi bitu járn, en þat váru berserkir.**

Haraldr manteve-se em seu caminho vindo do Norte com uma grande força, e tinha seus guardas consigo a bordo. **No castelo da proa do navio do rei estavam Thorolfr Kveld-Úlfsson, Bardr o branco, Kári, filho de Berðlu, Ölvir hnúfa e Eyvindr lambi, e na proa estavam doze berserkir régios.**

As frotas encontraram-se ao Sul de Rogaland, em Hafrsfjord. **Lá eles lutaram a maior batalha que o rei Haraldr teve, com muita mortandade em ambas as hostes.** O rei colocou seu próprio navio na vanguarda, onde a batalha estava mais contumaz, mas no fim o rei Haraldr obteve a vitória. Thorir do queixo longo, rei de Agdir, caiu ali,

313 *Haralds saga hins bárfagra*, *op. cit.*, XVIII, nota 72.

314 *EGILS SAGA*, *op. cit.*, p. 10, l. 18-21, nota 31.

mas Kǫtvi o rico fugiu com os homens que ficaram de pé, e salvou alguns dos derrotados após a batalha.

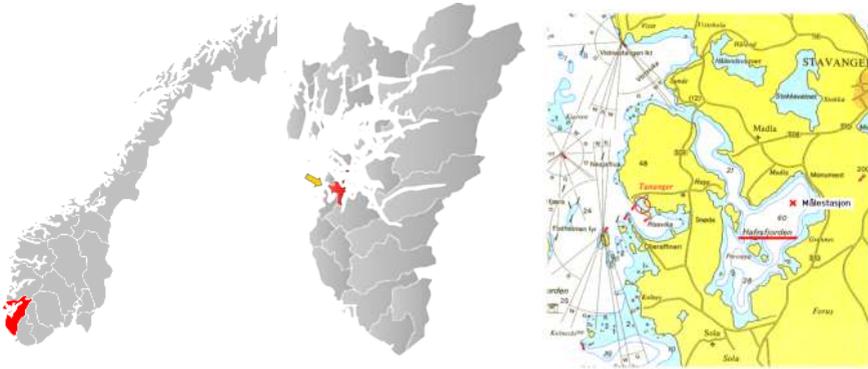
Quando fizeram a chamada do exército de Haraldr, muitos ali haviam caído, e vários estavam muito feridos. **Þórolfr estava seriamente feriado, e Bárðr ainda mais; Nenhum homem que se colocou na frente do mastro do navio real estava intacto, exceto aqueles que o ferro não podia ferir, ou seja, os *berserks*.**<sup>315</sup>

Nessa passagem, o autor enfatizou: 1) a bravura de Þórolfr e os filhos de Berdlu-Kári (pois estavam junto com os doze *berserks* do rei na proa do navio real); 2) a importância da batalha de Hafrsfjord, 3) o espírito belígero de Haraldr (que se colocou no ponto mais turbulento da batalha); 4) a vitória do rei, e 5) as perdas de ambos os lados (com destaque novamente para os *berserks*).

Um dos elementos mais surpreendentes desse extrato foi o elogio ofertado ao rei. Ao enfatizar a coragem de Haraldr, o autor nos privilegiou com um dos únicos momentos em que o monarca foi louvado em toda a saga.

---

315 *EGILS SAGA*, *op. cit.*, p. 10, l. 23-35, nota 31. O grifo é meu.



**Figura 13 – O local aproximado da Batalha de Hafrsfjord:** Os especialistas não encontraram o sítio arqueológico marinho da Batalha de Hafrsfjord, embora alguns fragmentos de madeira descobertos no fundo do mar possam ser provenientes desse confronto. Nos mapas em destaque estão a província norueguesa de Hogaland (mapa à esquerda), a região de Stavanger, com destaque para a entrada de Hafrsfjord (mapa central), e a região de Hafrsfjord grifada em vermelho (mapa à esquerda). Reparem que a região escolhida dificultava sobremaneira uma eventual fuga. Na vista da baía foi construído um monumento no início do século XX para relembrar o feito de Haraldr inn *bárfagr*: três espadas enormes de bronze foram afixadas ao solo da baía de Stavanger como um marco da unificação norueguesa em pleno século IX. **Fonte:** Wikipedia (2009, adaptado).

Uma das principais características das *skaldasögur* (sagas de escaldos) são os elogios oferecidos aos reis. A *Egils saga* é a única do gênero que apresenta uma hostilidade explícita com a monarquia norueguesa, o que muitos relacionam com o período de composição e a relação do provável autor com o rei da Noruega.<sup>316</sup>

O encômio se torna mais relevante ainda com a análise meticolosa da seqüência narrativa: o rei desloca o navio para a região fulcral da batalha

<sup>316</sup> NORDAL, Guðrún. The saga of Icelanders *In*: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (org.). *The Viking World*. Oxford: Routledge, 2008, p. 317; FAULKES, Anthony. Snorri Sturluson: his life and work *In*: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (org.). *The Viking World*. Oxford: Routledge, 2008, p. 313-314.

e, em seguida, o autor da saga indica que o rei venceu a batalha.<sup>317</sup> Esses passos não devem ser ignorados, pois indicam que a ação real foi decisiva para o desfecho do confronto.

Após a vitória do rei, foram feitas a contagem dos homens. Þórólfr e Bárðr estavam muito feridos, assim como os demais homens do barco de Haraldr, exceto os *berserkir*. Houve uma grande mortandade de ambos os lados.<sup>318</sup>

Porém, a saga não relatou nenhum ferimento do rei, apesar de ele ter direcionado o barco para o coração da batalha. Enquanto os guerreiros comuns jaziam no chão, a imagem real permaneceu incólume, além, obviamente, daqueles que não podiam ser feridos.

A narrativa é reveladora, pois coloca o rei em uma condição superior à de seus homens, apesar do antagonismo que o autor claramente demonstra no início da saga em relação à figura do monarca.<sup>319</sup>

Esse paradoxo suscita a seguinte pergunta: seria uma sugestão tácita do autor que o rei era um *berserker*? Primeiramente supus que não: A *Egils saga* e a *Heimskringla* não aludem diretamente ao fato que Haraldr poderia ser um *berserker*, ou até mesmo que manifestasse alguma característica desses guerreiros. Assim, a conferência do poema *Haraldskvæði* foi minha primeira opção metodológica para solucionar esse problema:

Heyrði í Hafrsfirði, hvé hizig bardisk  
konungr hinn kynstóri við Kjötva hinn auðlagða;  
knerrir kómu austan kapps of lystir  
með gínöndum höfðum ok gröfnum tinglum.

Hlaðnir óru hölða ok hvítra skjalda,  
vígra vestrænna ok valskra sverða;  
grenjuðu berserkir, guðr vas á sinnum,  
emjuðu Ulfheðnar ok ísörn dúðu.

Hearken how the high-born one in the Hafrs-firth

<sup>317</sup> *EGILS SAGA*, *op. cit.*, p. 10, p. 10, l. 28-30, nota 31.

<sup>318</sup> *Ibid.*, p. 10, l. 33-35.

<sup>319</sup> *Ibid.*, p. 3-4.

fought there,  
 the keen-eyed king's son, against Kiotvi the wealthy:  
 came the fleet from the eastward, eager for fighting,  
 with gaping figureheads and graven ship-prows.

They were laden with franklins and lindenshields  
 gleaming,  
 with Westland spearshafts and with Welsh broadswords.  
 The berserkers bellowed as the battle opened,  
 the wolf-coats shrieked loud and shook their weapons.<sup>320</sup>

A composição de Thórbjörn exaltou Haraldr como um bem nascido, além de acentuar a figura de seus mais proeminentes guerreiros, tão ansiosos pela batalha que urraram com o despontar do combate. Porém, como a obra sugere, o rei não foi acometido pelo *berserksgangr*.

No entanto, pude constatar alusões indiretas ao *berserker*, ao verificar o léxico da *Heimskringla* em outra batalha de Haraldr:

Ok at lyktum varð Haraldr konungr svá **óðr** ok **reiðr**, at hann gékk fram á rausn á skipi sínu, ok barðist þá svá snarpliga, at allir frambyggjar á skipi Arnviðar hrukku aprtr til siglu, en sumir féllu.

Assim, o rei Haraldr ficou tão **frenético** e **furioso** [**óðr** ok **reiðr**] que ele dirigiu-se para frente do seu navio e lutou tão valentemente que todos os homens da proa do navio do rei Arnviðr retornaram ao mastro, e alguns caíram.<sup>321</sup>

Snorri Sturluson utilizou os adjetivos *óðr* e *reiðr* para descrever o rei. A primeira palavra é o radical do nome de Oðinn, e seus possíveis significados são “frenético” e “furioso”.<sup>322</sup> *Reiðr*, por sua vez, exprime “encolerizado”.<sup>323</sup>

320 ÞÓRBJÖRN HORNKLOFI, *op. cit.*, v. 7-8, nota 292. O grifo é meu.

321 *Haralds saga hins hárfagra*, *op. cit.*, XI, nota 72. O grifo é meu.

322 Óðr In: CLEASBY, Richard; VIGFUSSON, Gudbrand. *An Icelandic-English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1874, p. 470, nota 174.

323 *Reiðr* In: *Ibid.*, p. 470.

De acordo com Lois Bragg, apesar do rei não ser considerado um *berserker*, a única exigência para atingir esse estado era simplesmente a habilidade de se tornar incontrolavelmente selvagem em batalha.<sup>324</sup> Porém, todas essas indicações só enaltecem ainda mais Haraldr, enquanto outros aspectos ainda permanecem ocultos.

Para solucionar essa aparente contradição do autor, elenquei uma solução possível, graças a alguns aspectos essenciais das *Íslendingasögur*:

1) A ênfase no papel da sorte e do destino para o desenvolvimento dos personagens;<sup>325</sup>

2) A noção de *ordem* e *caos*, um ponto comum na tradição literária islandesa;<sup>326</sup>

3) A importância dos atributos guerreiros manifestos nos personagens: a bravura, a obstinação, a destreza e a honra;<sup>327</sup>

---

324 BRAGG, Lois. *Oedipus borealis: the aberrant body in Old Icelandic Myth and saga*. New York: Fairleigh Dickinson University Press, 2004, p. 143.

325 LÖNRÖTH, *op. cit.*, p. 309, nota 199.

326 DAVIDSON, *op. cit.*, p. 65, nota 265. Apesar de essa noção ser própria dos textos mitológicos escandinavos, certas sagas manifestam esses elementos e alguns eruditos se debruçaram sobre o tema: Bredsdorff sugeriu uma relação entre caos e amor nas sagas (envolvimento com concubinas, envolvimento conflituosos dentro da família e amores traídos), enquanto os estudiosos soviéticos Steblin-Kamenskij e Gurevich se dedicaram as estruturas de percepção na Escandinávia primitiva, com base em uma análise lingüística. Para eles, há uma qualitativa heterogeneidade de tempo e espaço nos textos, onde tradições antiquíssimas são transpostas na redação das sagas sem uma correspondência das questões discutidas na sociedade islandesa do século XIII. Para um resumo da discussão, ver: CLOVER, Carol J. *Icelandic Family sagas (Íslendingasögur)* In: CLOVER, Carol et al. *Old Norse-Icelandic Literature: A Critical Guide*. Toronto: University of Toronto Press, 2005, p. 259-263. Para mais informações, ver: BREDSORFF, Thomas. *Chaos & Love: The Philosophy of the Icelandic Family Sagas*. Traduzido do dinamarquês por John Tucker. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2001; STEBLIN-KAMENSKII, Mikhail Ivanovich. *The saga mind*. Traduzido do russo por Kenneth H. Ober. Odense: Odense Universitetsforlag, 1973.

327 SPRAGUE, *op. cit.*, p. 139, nota 232.

- 4) O papel do autor e sua relação com a composição da *Egils saga*.<sup>328</sup>
- 5) A importância das ambigüidades da narrativa.<sup>329</sup>

A sorte de Haraldr foi confirmada logo no início da obra: Kveldúlfr afirmou certa vez que a ventura do futuro rei da Noruega o protegia e era grande, enquanto seu adversário de batalha dispunha apenas de um punhado dela.<sup>330</sup>

Assim, a *saga* sugere, na medida em que a narrativa prossegue, que Haraldr estava destinado a exercer a atividade régia.

Contudo, a *Batalha de Hafrsfjord* ameaça a série de vitórias do rei. Aqui temos um momento de caos utilizado na narrativa, provavelmente um recurso do autor para ampliar a dramaticidade do momento. O rei foi obrigado a convocar um grande *leiðangr*<sup>331</sup> para enfrentar o perigo da revolta nobiliárquica.<sup>332</sup>

Ainda quanto à dramaticidade, há de se considerar outro testemunho: a *Grettis saga*. Quando essa narrativa aborda a guerra,

Fundur þeirra Haralds konungs varð á Rogalandi, í firði þeim er heitir í Hafursfirði. Höfðu þeir hvorirtveggju mikið lið. Þessi orusta hefir einhver verið mest í Noregi. **Koma hér og flestar sögur við, því að frá þeim er flest sagt er þá segir helst frá.** Kom þar og lið um allt landið og margt úr öðrum löndum og fjöldi víkinga.

Önundur lagði skip sitt á annað borð skipi Þóris haklangs. Var það mjög í miðjum hernum. Haraldur konungur lagði að skipi Þóris haklangs því **að Þórir var hinn mesti berserkur og fullhugi.** Var þar hin harðasta

328 FAULKES, Anthony. Snorri Sturluson: his life and work *In*: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (org). *The Viking World*. Oxford: Routledge, 2008, 313-314.

329 ANDERSSON, *op. cit.*, p. 102-118, nota 179.

330 EGILS SAGA, *op. cit.*, p. 3, l. 30-34, nota 31.

331 **O leiðangr** era a convocação real de determinados distritos costeiros para prover equipamentos e homens para um navio de guerra (*Leiðangr In*: HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the Vikings*. Historical Dictionaries of Ancient Civilizations and Historical Eras, Nr. 11. Oxford: Scarecrow Press, 2003, p. 173).

332 EGILS SAGA, *op. cit.*, p. 10, l. 8-9, nota 31.

orusta af hvorumtveggjum. **Þá hét konungur á berserki sína til framgöngu. Þeir voru kallaðir úlfhéðnar en á þá bitu engi járn.** En er þeir geystust fram þá hélst ekki við. Þórir barðist alldjarflega og féll á skipi sínu með mikilli hreysti.

Eles encontraram o rei Haraldr em um fjord em Rogaland chamado Hafrsfjord. As forças de cada lado eram muito largas, e a batalha foi uma das maiores travadas na Noruega. **Há muitas narrativas sobre ela, pois alguém sempre ouviu muito sobre os personagens que a saga aborda.** Tropas vieram de todo reino, assim como de outros, além de uma infinidade de vikings.

Önund trouxe seu barco para o lado da nave de Þórir *do queixo longo*, no verdadeiro coração da batalha. O rei Haraldr dirigiu-se ao navio de Þórir, **sabendo que ele era um terrível *berserker* e muito bravo.** A luta foi desesperada em ambos os lados. **Então o rei ordenou seus *berserker* que avançassem. Nenhum ferro poderia feri-los, e quando eles investiam ninguém poderia se opor.** Thorir defendeu a si próprio com bravura e caiu em seu navio lutando valentemente.<sup>333</sup>

Primeiro, o autor da saga nos informou que há várias histórias (*sögur*) sobre a *Batalha de Hafrsfjord*. Em seguida, ele destacou a participação de um personagem até então de menor importância: o *berserker* Þórir haklangr. O rei ordenou que os seus *berserker* dessem cabo do inimigo, que lutou até o fim em seu barco de maneira valente.

A ênfase dada pelo autor à quantidade de relatos do conflito é uma prova de que havia narrativas discordantes, senão quanto ao desfecho da história – uma informação objetiva –, ao menos quanto aos seus detalhes.

A presença de um *berserker* adversário nesse testemunho é um deles, pois a batalha só atingiu seu desfecho quando Þórir foi eliminado. Não seria justo me furtar de um detalhe fundamental: o adversário foi muito elogiado apesar de ser um inimigo: “Þórir barðist alldjarflega og féll á skipi sínu með mikilli hreysti” (“Þórir defendeu a si próprio bravamente e caiu em seu navio lutando valorosamente”). Esse recurso estilístico –

333 *GRETTIS SAGA*, II. Disponível em <[http://www.sagadb.org/grettis\\_saga](http://www.sagadb.org/grettis_saga)> Acesso em 15 mar 09. O grifo é meu.

enaltecer o inimigo – amplia a glória do vencedor.<sup>334</sup>

É possível que o autor da *Grettis saga* tentasse ampliar ainda mais a dramaticidade da história ao inserir um novo personagem que complicasse a relação de superioridade que o rei tinha em relação às outras narrativas, pois na *Egils saga* e na *Heimskringla* não houve a menção de nenhum *berserker* na hoste inimiga.

Assim, há duas possibilidades plausíveis: 1) a adoção de uma tradição diferenciada sobre o mesmo evento, 2) como sugeriu Andersson para a *Egils saga*, uma versão controlada e independente de um autor sobre uma tradição.<sup>335</sup>

Um ponto comum em todas as histórias é o ardor da disputa, o que nos sugere um equilíbrio ao menos quantitativo de ambos os lados. Isso reforça ainda mais a sorte e o papel do destino do futuro monarca de toda a Noruega.

A coragem do rei também é merecedora de destaque. Durante a batalha, Haraldr apresentou as características de um líder corajoso e arrojado. Ao aprumar o navio para o ponto fulcral da batalha, o destino do conflito foi encerrado. Uma atitude diferente poderia ter modificado os resultados da peleja. A *Egils saga* premia os corajosos e sacrifica os covardes: algumas passagens aludem diretamente a esse hábito.<sup>336</sup>

Há ainda o papel do autor: a relação desse letrado com a monarquia norueguesa é contraditória.<sup>337</sup> Na *Heimskringla*, Snorri Sturluson não apresentou Haraldr como um déspota, mas como um rei que beneficiou os proprietários que se aliaram a ele. Aqueles que optaram pelo monarca

---

334 Para o conceito de euforização, ver: CARDOSO, C. F. S. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas: Papyrus, 1997, p. 174. Para um estudo de caso, ver: COSTA, Ricardo da. *A guerra na Idade Média: um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Paratodos, 1998, p. 259-265.

335 ANDERSSON, *op. cit.*, p. 118, nota 179.

336 EGILS SAGA, *op. cit.*, p. 78-79, nota 31.

337 Para um resumo da vida de Snorri Sturluson, ver: FAULKES, *op. cit.*, p. 311-314, nota 327. Para uma obra mais acurada sobre o autor, ver: NORDAL, Sigurður. *Snorri Sturluson*. Reykjavík, 1920.

se tornaram muito mais prósperos e poderosos do que eram antes.<sup>338</sup>

A ambigüidade na aventura de Egill foi uma hábil estratégia do autor do documento para concatenar o interesse de ouvintes tão diversificados, como bem mencionou Andersson em um trabalho recente. Enquanto os islandeses notavam o orgulho ancestral e a resistência heróica, os noruegueses percebiam reinvidicações soberbas e ridículas, e uma auto-ilusão patriótica dos islandeses.<sup>339</sup>

Além disso, o rei Haraldr não era uma ameaça manifesta para os personagens principais da narrativa até a passagem da *Batalha de Hafrsfjord*. Assim, Snorri descreveu uma imagem amistosa do monarca naquele momento da *Egils saga*.

\*\*\*

Relações conflituosas entre a nascente monarquia e os proprietários de terra, vinganças e rixas familiares, aventuras e violência: eis os ingredientes da *Egils saga*. Apesar dos recursos literários empregados e da ficção, esse documento medieval, como muitas outras fontes islandesas similares, é uma excelente forma de se observar e compreender o passado.

Alguns elementos são ricos em informações válidas para o estudo daquele período: mesmo o autor da saga se rendeu aos valores recorrentes de seu tempo ao descrever a batalha de Hafrsfjord, apesar da antipatia que nutria pela monarquia norueguesa.

Como fonte histórica, a *Egils saga* é o relato que nos orienta no labirinto da realidade e nos leva aos *rastrros*. Sua leitura nos presentearia com ricas informações sobre os usos e costumes da Islândia medieval e as intenções de quem a produziu.

O verdadeiro, o falso e o fictício coexistem nesse documento, e a divisão das sagas entre história e ficção propostas por alguns eruditos

---

338 BOULHOSA, *op. cit.*, p. 13-39, nota 169.

339 ANDERSSON, *op. cit.*, p. 116-117, nota 179.

são contra a natureza desses textos medievais.

Ao considerar o início da narrativa e a ausência de animosidades entre islandeses e noruegueses, o autor conseguiu, de maneira hábil, manter a concentração de ouvintes com pontos de vista diferentes.

Porém, não devemos ignorar os elementos que fugiram do controle do autor, como o singelo elogio ao rei Haraldr na *Batalha de Hafrsfjord*, seja pelo gênio do autor ou por pertencer a uma tradição oral. Portanto, essa saga é um documento singular por apresentar uma visão diferente das *Íslendingasögur* e da *Heimskringla*, exemplo latente dos encantos e das dificuldades do ofício do historiador.

# Considerações finais

*Os escandinavos da Era viking* precisavam da guerra; ela era a própria manifestação da cultura desse povo. Durante este trabalho nada ficou mais claro para mim, pois, com o estudo detalhado das fontes, percebi que muitos aspectos sociais e culturais eram determinados ou justificados pela beligerância.

Um exemplo aqui demonstrado foi o dos armamentos e proteções. Apesar da pretensa e inicial objetividade de análise por parte dos arqueólogos – época, estilo, função, emprego em batalha – os equipamentos de guerra encerram questões muito mais profundas e que escapam àquelas constatações, como, por exemplo, o amplo leque de crenças e envolvimento com as deidades por parte daquela determinada cultura.

Até a ausência das ferramentas de batalha garantiam aos guerreiros, ao menos em memória, vantagens oferecidas pelos deuses. O combatente poderia ser agraciado por Oðinn com uma espada que lhe garantiria a vitória sem precisar de seu escudo, por exemplo, ou então ser escolhido para manifestar o *berserksgangr*, habilidade que eliminava a necessidade da cota de malha ou de outra proteção semelhante.

Porém, os deuses poderiam remover os favores concedidos conforme seus caprichos. Restava ao guerreiro testar sua sorte no

campo de batalha. Este, por sua vez, se transformava em um teatro, um jogo, que ultrapassava a realidade material e tangível. Durante o exercício da guerra, os soldados se desligavam do visível, pois forças sobrenaturais se manifestavam e determinavam o resultado da peleja.

Esta ruptura com o real, entretanto, não era total. A forma de guerrear dos escandinavos era aparentemente confusa para os agredidos, mas ocultava uma eficácia sem igual. O que soou para os seus inimigos como uma debilidade no método de guerra era, na verdade, uma noção bélica muito semelhante à atual: missões de espionagem, conhecimento do inimigo, objetivos definidos (tesouros, escravos) e uma evacuação rápida e eficiente. Com essa visão, aqueles homens do norte partiam para o choque das armas.

Alguns desses guerreiros estavam em íntima ligação com Oðinn: os *berserkir*. A origem antiquíssima desse combatente divino foi aqui exposta largamente, assim como seus atributos e características elementares.

Porém, destaquei a longa duração e a transformação desse guerreiro através do tempo, desde os Longobardos até a *Era das sagas*, quando os elementos culturais que sustentavam a ligação do *berserker* com os deuses sofreram uma profunda resignificação.

A escolha dos *berserkir* como um dos temas me lançou, inclusive, em um íngreme debate: a possível participação do cristianismo na modificação da forma com que o guerreiro-lobo era percebido pela sociedade viking. Esse debate tem múltiplos problemas, como a influência cristã na redação das sagas, a permanência cultural dos tempos pagãos, a objetividade desses documentos em relação ao passado, e a função das sagas em seu tempo.

Muitos elementos ancestrais permaneceram nas letras dos eruditos islandeses do século XIII. Porém, seria muita ousadia de minha parte, e até mesmo um retrocesso compreensivo, acreditar que as narrativas não sofreram progressivas mudanças à medida que foram recontadas. Ignoraria, inclusive, as evidências mais díspares que surgem nas fontes islandesas.

Assim, a compreensão dessa sociedade exige um esforço descomunal

por parte do estudioso, exercício comum a toda pesquisa que pretenda minimamente ser histórica.

A primeira e mais essencial etapa do ofício do historiador é o conhecimento aprofundado das fontes. Em seguida, a crítica, tanto interna quanto externa, a análise das motivações do autor, para, então, filtrar aqueles elementos que escaparam do esmero daqueles homens que redigiram as memórias do passado.

Essa etapa é uma das mais ingratas para o estudo das sagas islandesas. Como “eliminar” as impurezas de um *corpus* documental se esses “erros” são os elementos que os constituem? Sabe-se amplamente que não apenas a confiabilidade do relato garantiria a existência de uma história, mas também a sua agradabilidade aos ouvidos da platéia, composta por homens que possivelmente ouviam no decorrer de sua vida várias versões sobre o mesmo acontecimento.

Portanto, para sanar essa deficiência, uma solução precisou ser adotada. As contribuições de Theodore Murdock Andersson foram consoladoras para a redação deste trabalho. Confesso que elas elucidaram uma questão paradoxal para nós, homens do século XXI, mas que foi habilmente contornada pela genialidade dos historiadores islandeses: a ambigüidade narrativa.

Assistidos por um público exigente, os contadores de história precisavam contentar grupos não-homogêneos, com interesses diversos e que apresentavam *backgrounds* culturais diferentes. Como esse conjunto de indivíduos compunha o “arquivo” das histórias, os contadores deviam freqüentemente encontrar relatos discordantes, e assim modificar as histórias “originais”, e até mesmo inverter o papel de seus “heróis” e “vilões”.

Ao invés de remover esses elementos contraditórios, aqueles contadores os aproveitavam: formulavam histórias que agradavam ouvintes das mais diversas origens, e que se envolviam de maneira diferenciada com o mesmo relato. Assim, suas histórias foram redigidas posteriormente, e legadas à posteridade tal qual as conhecemos.

No entanto, essa não é a única possibilidade, pois nem sempre o

contador e o redator da história eram o mesmo indivíduo. É possível que tanto a confiabilidade e agradabilidade fossem comuns para ambos os ofícios, e que os copistas seguissem esses preceitos ao colocar a pena sobre o *vellum*.

O cristianismo adaptou alguns temas pagãos abordados nas sagas. Nelas, os eruditos cristãos daquele tempo certamente estigmatizaram os *berserkir*, mas esse julgamento ignominioso não é uma exclusividade de algumas sagas, pois também está presente em vários relatos da literatura e em fontes não-literárias, como, por exemplo, as leis islandesas. A arqueologia, por sua vez, também sugere um abrupto abandono do paganismo em benefício da fé cristã. Logo, a influência da nova crença para aviltar o guerreiro odínico está em consonância com outras manifestações daquela cultura, vide o leque de evidências disponível.

Antes de prosseguir com minhas considerações finais, devo fazer um breve comentário: encarar a redação histórica islandesa medieval com as mesmas preocupações do exercício da história moderna é um grave erro, inclusive quanto às ambigüidades do primeiro caso. O esforço dos historiadores contemporâneos em formular uma narrativa coerente do passado não era a principal preocupação daqueles homens.

Assim, retorno à análise dos guerreiros nórdicos. Estudá-los não é apenas vislumbrar diretamente o seu próprio tempo, pois nosso vislumbre passa pelo filtro dos escritores islandeses do século XIII. Esse filtro é permeado por inúmeras dificuldades na formulação das histórias, mas alguns valores permaneceram. Por exemplo, a exigência de um líder arrojado em batalha (como o rei Haraldr na *Batalha de Hafrsfjörð*) no poema *Haraldskvæði* ecoou em narrativas separadas tanto pelo tempo, quanto por interesses e conhecimentos diferentes.

As discussões sobre os guerreiros nórdicos carregam uma série de questões igualmente interessantes e que interferem na interpretação do passado que os cerca. Ignorá-las seria mutilar sua realidade, e criar um estudo voltado para algum fim, algo que não foi a minha intenção.

O guerreiro escandinavo deixou vários registros históricos que ainda hoje nos encantam por suas narrativas heróicas. Seus feitos foram

adaptados através do tempo, mas, debaixo dessa camada de ficção, repousam elementos credíveis. Bravos, coléricos, arrojados, inteligentes, gananciosos, crédulos, pragmáticos: estes são, com certeza, adjetivos razoáveis para descrever os homens do norte.



## Referências Bibliográficas

### Fontes

- ÁGRIP AF NÓREGSKONUNGASQUM: A Twelfth-Century Synoptic History of the Kings of Norway.* Editado e traduzido por M. J. Driscoll. Text Series X. 2.ed. London: Viking Society for Northern Research, 2008.
- A HISTORY OF NORWAY AND THE PASSION AND MIRACLES OF THE BLESSED ÓLÁFR.* Traduzido e comentado por D. e I. Devra Kunin. Editado por Carl Phelpstead. Text Series XIII. London: Viking Society for Northern Research, 2001.
- ADAMUS BREMENSIS. *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum.* Disponível em <<http://hbar.phys.msu.su/gorm/chrons/bremen.htm>> Acesso 24 fev 08.
- ÆLFRED THE GREAT.* The Anglo-Saxon version from the historian Orosius. By Ælfred the Great. Londres: W. Bowyer & J. Nichols, 1773.
- ANNALES REGNI FRANCORUM.* Monumenta Historiae Germanica, DCCLXXXII, DCCXCVIII e DCCCXI.
- ANGLO-SAXON CHRONICLE.* Traduzido por Michael James Swanton. Oxford: Routledge, 1998.
- ANÔNIMO. *A canção dos Nibelungos.* São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 324.
- Antiphonaire de Charles le chauve* In: DELISLE, Léopold. *Litterature latine & histoire du moyen age*, 1890, 17f.
- ARE HINN FRÓÐE ÞORGILSSON.* Íslendingabók. Ed. Finnur Jónsson. København: Jørgensen & Co.s Bogtrykkeri, 1930.
- ASSER, Johannes. *Alfred the Great Asser's Life of King Alfred and Other Contemporary Sources.* London: Penguin Classics, 1987.
- BONIFACIUS. *Sermo XV, De abrenuntiatione in baptisate.* *Patrologia Latina*, LXXXIX, p. 870-872.

- DICUIL. *Liber de mensura orbis terrae*. Paris: F. Didot, 1807, p. 40.
- EGILS SAGA. Editado por Bjarni Einarsson, com notas e glossário. London: Viking Society for Northern Research, 2003.
- FLACCUS ALBINUS ALCUINUS. *Vita Sancti Willibrodi*, cap. IX, 699d-700d.
- GRETTIS SAGA. Disponível em <[http://www.sagadb.org/grettis\\_saga](http://www.sagadb.org/grettis_saga)> Acesso em 15 mar 09.
- KVIDELAND, Reimund; SEHMSDORF, Henning (ed.). *Scandinavian folk belief and legend*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.
- IBN FADLĀN. Ibn fadlān and the rūsiyyah In: *Journal of Arabic and islamic studies*, III (2003), traduzido por James E. Montgomery. Edinburg: Edinburg University Press, 2000, p. 1-25.
- OLD NORSE POEMS. Traduzido por Lee M. Hollander. New York: Columbia University Press, 1936.
- PAULUS DIACONUS. *Historia Langobardorum*. Disponível em <[http://www.hs-augsburg.de/~Harsch/Chronologia/Lspost08/PaulusDiaconus/pau\\_lan1.html](http://www.hs-augsburg.de/~Harsch/Chronologia/Lspost08/PaulusDiaconus/pau_lan1.html)>. Acesso em 18 mai 08.
- SALLUST. *Jugurthine War*: The Conspiracy of Catiline. London: Penguin Classics, 1963.
- SAXO GRAMMATICUS. *Saxonis Gesta Danorum*. Disponível em [www.thelatinlibrary.com](http://www.thelatinlibrary.com) Acesso em 18 mai 08.
- SNORRI STURLUSON. Haralds saga hins hárfagra In: *Heimskringla*. Uppsala: W. Schultz, 1870.
- STORM, G. (ed.). *Monumenta Historica Norvegiae*: Latinske kildeskriver til Norges historie i middelalderen. Kristiania: Brøgger, 1880.
- THE ANNALS OF ULSTER. CELT: Corpus of Electronic Texts: a project of University College Cork College Road, Cork, Ireland.
- THEODORICUS MONACHUS. *Historia de Antiquitate Regum Norwagiensium - An Account of the Ancient History of the Norwegian Kings*. Traduzido e comentado por D. e I. McDougall. Introdução por P. Foote. Text Series XI. London: Viking Society for Northern Research, 2006.

- ÞÓRBJÖRN HORNKLOFI. Haraldskvæði *In*: JÓNSSON, Finnur. *Carmina Scaldica*. Udvalg af norske og islandske skjaldekvad ved Finnur Jónsson G.E.C. Gads Forlag. København, 1929, v. 8, l. 5-8. Disponível em: <<http://www.heimskringla.no/original/skaldekvad/haraldskvaedi.php>> Acesso em 25 fev 08.
- VOLSUNGA SAGA*. Edição bilíngüe de R. G. Finch, com introdução, notas e apêndice. London: Thomas Nelson and sons, 1965.

## Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ANDERSSON, Theodore Murdock. *The growth of medieval icelandic sagas (1180-1280)*. Cornell: Cornell University Press, 2006.
- ANDERSSON, Theodore Murdock. The Long Prose Form in Medieval Iceland *In: Journal of English and Germanic Philology*, 101 (2002), 380-411.
- BARD, Edouard et al. Express Letter: Ash layers from Iceland in the Greenland GRIP ice core correlated with oceanic and land sediments. *Earth and Planetary Science Letters*, vol. 135, p. 149-155, 1995, p. 149-155.
- BATTAGLIA, Marco. “Brunanburh nella Saga di Egil Skallagrímsson? Quando la letteratura registra la storia”. *In: Linguistica e Filologia*, 23. Bergamo: Università degli Studi di Bergamo, 2006, p. 161-162.
- BIRRO, Renan Marques; FIORIO, Jardel Modenesi. Os Cynocephalus e os Úlfheðnar: a representação do guerreiro canídeo na Historia Langobardorum (séc. VIII) e na Egils saga (c. 1230) *In*: RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique e COSTA, Ricardo da (coords.). *La caballería y el arte de la guerra en el mundo antiguo y medieval*, Mirabilia 8, dezembro 2008, ([www.revistamirabilia.com](http://www.revistamirabilia.com)).
- BOULHOSA, Patrícia Pires. *Icelanders and the kings of Norway: medieval sagas and legal texts*. Leiden: Brill, 2005.
- BOULHOSA, Patrícia Pires. Sagas islandesas como fonte da história da

- Escandinávia Medieval *In: Signum*, vol. 7, n. 1, p. 13-39, 2005.
- BRADBURY, Jim. *The Routledge companion to Medieval Warfare*. London: Routledge, 2004.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Poesia histórica e/ou realidade literária: Walther von der Vogelweide e a Alemanha nos séculos XII e XIII – uma abordagem culturalista *In: SILVA, Andréia Frazão da & SILVA, Leila Rodrigues da. Atas da IV Semana de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2001, p. 57-68.
- BRAGG, Lois. *Oedipus borealis: the aberrant body in Old Icelandic Myth and saga*. New York: Fairleigh Dickinson University Press, 2004.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- BRAUDEL, Fernand. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BREDSORFF, Thomas. *Chaos & Love: The Philosophy of the Icelandic Family Sagas*. Traduzido do dinamarquês por John Tucker. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2001.
- BYOCK, Jesse L. *Medieval Iceland: Society, Sagas, and Power*. Berkeley: University of California Press, 1990.
- CARDOSO, C. F. S. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas: Papirus, 1997
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978.
- CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. New York: Robert Appleton Company, 1913. Disponível em <[http://en.wikisource.org/wiki/Catholic\\_Encyclopedia\\_\(1913\)/Antiphonary](http://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_(1913)/Antiphonary)>. Acesso em 14 mar 09.
- CHARTRAND, R et al. *The vikings: voyagers of discover and plunder*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- CHRISTIANSEN, Eric. *The norsemen in the Viking Age*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- CLARKE, H. B. Vikings *In: KEEN, Maurice (org.). Medieval warfare: a history*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 36-58.
- CLEASBY, Richard; VIGFUSSON, Gudbrand. *An Icelandic-English*

- Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1874.
- CLOVER, Carol J. Icelandic Family Sagas (Íslendingasögur) *In*: \_\_\_\_\_ . *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. 2. ed. Toronto: University of Toronto Press, 2005, p. 239-316.
- CORMACK, Margaret. Egils saga, Heimskringla, and the Daughter of Eiríkr blóðøx *In*: *Alvísmál: Forschungen zur mittelalterlichen Kultur Skandinaviens*, vol. 10, n.1, p. 61-68, 2001.
- COSTA, Ricardo da. *A guerra na Idade Média: um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Paratodos, 1998.
- CURTIUS, Ernst Robert. *European Literature and the Latin Middle Ages*. Princeton: Princeton University Press.
- DANIELSSON, Tommy. *Hrafnkells saga eller fallet med den undflyende traditionen*. Stockholm: Uppsala Universitet, 2002.
- DAVENPORT, Anthony. *Medieval Narrative: an introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- DAVIDSON, Hilda Ellis. *Roles of the Northern Goddess*. Oxford: Routledge, 2001.
- DAVIDSON, Hilda Ellis. *The lost beliefs of Northern Europe*. Oxford: Routledge, 1993.
- DAVIDSON, Hilda Roderick Ellis. *Escandinávia*. Lisboa: Verbo, 1987.
- DERRY, Thomas Kingston. *The History of Scandinavia: Norway, Sweden, Denmark, Finland and Iceland*. Minnesota: Minnesota Press, 2000.
- DOWNHAM, Clare. *Viking kings of Britain and Ireland – The Dynasty of Ívarr to A.D. 1014*. Edinburgh: Dunedin Academic Press, 2007.
- DUBY, Georges. *A história continua*. Rio Tinto: Ed. Asa, 1992.
- DUFFY, Seán (org.). *Medieval Ireland - An encyclopedia*. Oxford: Routledge, 2005.
- DUMÉZIL, Georges. *Do Mito ao Romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DUMÉZIL, Georges. *El destino del guerrero*. México: Siglo XXI, 1971.
- EMMERSON, Richard K. (org.). *Key figures in medieval Europe: an encyclopedia*. Oxford: Blackwell, 2006.
- FAULKES, Anthony. Snorri Sturluson: his life and work *In*: BRINK,

- Stefan (Ed.). *The Viking World*. Oxford: Routledge, 2008, p. 311-314.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- FINLAY, Alison. Pouring Óðinn's Mead: An Antiquarian Theme?  
*In*: BARNES, Geraldine; ROSS, Margaret Clunies. *Old Norse Myths, Literature and Society*. Proceedings of the Eleventh International Saga Conference. Sydney, 2000, p. 85-99.
- FLORIDI, Luciano. *Sextus Empiricus: The Transmission and Recovery of Pyrrhonism*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- FRAZER, James George. *The golden bough: A study in a magic and religion*. London: Penguin Classics, 1996.
- FRIEDMAN, David. *Private Creation and Enforcement of Law: a Historical Case In: Journal of Legal Studies*. Chicago: University of Chicago Law School, 1979, p. 399-415.
- FUCZKO, Wladyslaw. *Viking rus - Northern World 12*. Leiden: Brill, 2004.
- GIBBS, Marion E.; JOHNSON, Sidney M. *Medieval German Literature: A Companion*. Oxford: Routledge, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GLAUSER, Jürg. Sagas of Icelanders and þættir as Literary Representation of a New Social Space *In*: ROSS, Margaret Clunies (ed.). *Old Icelandic Literature and Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 203-220.
- GRÄSLUND, Anne-Sofie. Wolves, serpents, and birds - Their symbolic meaning in Old Norse belief *In*: ANDRÉN, Anders et alli. *Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. An international conference in Lund, Sweden, June 3-7, 2004. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 124-129.
- GWATKIN, H. M., Whitney, J. P. (ed) et al. *The Cambridge Medieval History: Volume III*. Cambridge: Cambridge University Press, 1926.
- HALLBERG, Peter; SCHACH, Paul. *The Icelandic Saga*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1962.
- HARRISON, Mark; EMBLETON, Gerry. *Osprey Warrior Series 3: Viking Hersis 793-1066 AD*. London: Reed International Books, 1993.

- HASTINGS, James. *Encyclopedia of Religion and Ethics Part 15: V. 15*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2003.
- HAYWOOD, John. *The Penguin Historical Atlas of the vikings*. London: Penguin Classics, 1995.
- HEATH, Ian; MCBRIDE, Angus. *Osprey Series Elite 003: The Vikings..* London: Reed International Books, 1985.
- HEERS, Jacques. *História Medieval*. São Paulo: Difel, 1981.
- HELLE, Knut. Introduction *In: HELLE, Knut (org.) The Cambridge History of Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 1-13.
- HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the Vikings. Historical Dictionaries of Ancient Civilizations and Historical Eras, No. 11*. Oxford: Scarecrow Press, 2003.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- IÖLSTER, Nelly Egger de. *La figura del héroe en la Saga de Egil*. In: *Temas medievales*, 7, Buenos Aires, 2006, p. 57-74.
- JØN, Asbjørn. Shamanism and the image of the teutonic deity, Óðinn *In: Folklore*, Electronic Journal of folklore. Estonia: Institute of Estonian Language, vol. 10, abr 1999. Disponível em <<http://www.folklore.ee/folklore/vol10/teuton.htm>> Acesso em 28 fev 09.
- JÓNSSON, Finnur. *Carmina Scaldica*. Udvalg af norske og islandske skjaldekvad ved Finnur Jónsson G.E.C. Gads Forlag. København, 1929. Disponível em <<http://www.heimskringla.no/original/skaldekvad/haraldskvaedi.php>> Acesso em 30 mar 08.
- KARLSSON, Gunnar. *The history of Iceland*. Minneapolis: University of Minnessota Press, 2000.
- KEEGAN, John. *Uma história da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KELLER, Christian; MCGOVERN, Thomas H.; VÉSTEINSSON, Orri. Enduring Impacts: social and environmental aspects of Viking Age Settlement in Iceland and Greenland *In: Archaeologia Islandica*, 2. Reykjavík: Institute of Archaeology, 2002, p. 4-6.

- KENDRICK, T. D. *A history of the vikings*. USA: Courier Dover Publications, 2004, p. 126-127).
- KISH, George. *A Source Book in Geography*. Harvard: Harvard University Press, 1978.
- KRAGG, Carl. The early unification of Norway *In*: HELLE, Knut (org.). *The Cambridge History of Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 184-201.
- LACY, Terry G. *Ring of Seasons: Iceland - Its Culture and History*. Michigan: University of Michigan Press, 2001.
- LANGE, G. *Die Anfänge der isländisch-norwegischen Geschichtsschreibung*. Studia Islandica/Íslensk fræði 47, 1989.
- LANGER, Johnni. – Guerra ao modo Viking. Resenha de SPRAGUE, Martina. Norse warfare: unconventional battle strategies of the ancient vikings. New York: Hippocrene Books, 2007. Ilustrado, 369p. ISBN-13: 978-0-7818-1176-7 *In*: *Brathair*, 8 (2), 2008: 85-93. (<http://www.brathair.com>).
- LANGER, Johnni. O mito do Dragão na Escandinávia - Parte dois: as Eddas e o sistema ragnarokiano *In*: *Brathair* 7 (1), 2007, p. 66.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média - Tempo trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- LEHMANN, P. *Skandinaviens Anteil an der lateinischen Literatur und Wissenschaft des Mittelalters*. Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, Philos.-hist. Abteilung: Jahrg, 1937.
- LIBERMAN, Anatoly. *Berserkir: a double legend* *In*: *Brathair* 4 (2), 2004: 97-111(<http://www.brathair.com>).
- LINDOW, John. *Norse Mythology: A Guide to the Gods, Heroes, Rituals, and Beliefs*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- LLOYD, Christopher. *As estruturas da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.
- LÖNROTH, Lars. The icelandic sagas *In*: BRINK, Stefan(Ed.). *The Viking World*. Oxford: Routledge, 2008, p. 304-310.
- LUND, Niels. Scandinavia, c. 700-1066 *In*: MCTTERICK, Rosamond

- (ed.). *The new Cambridge Medieval History*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 202-227.
- MCTURK, Rory (org.). *Studies in Ragnars saga loðbrókar and Its Major Scandinavian Analogues*. Medium Aevum Monographs, New Series 15. Oxford: Society for the Study of Mediaeval Languages and Literature, 1991.
- MERCHANT, Paul. *The Epic*. Oxford: Routledge, 1971.
- MERRILLS, Andrew H. *History and Geography in late antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- MURPHY, Trevor Morgan. *Pliny the Elder's Natural History: The Empire in the Encyclopedia*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 2-6).
- MUSSET, Lucien. *Las invasiones: el segundo asalto contra la Europa cristiana (siglos VII-XI)*. Barcelona: Editorial Labor, 1968.
- NORDAL, Guðrún. The saga of Icelanders *In: BRINK, Stefan (Ed.). The Viking World*. Oxford: Routledge, 2008, p. 315-318.
- O'DONOGHUE, Heather. *Old Norse - Iceland Literature: a short introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- OAKESHOTI, Eward. Introduction to the Viking Sword *In: PEIRCE, Ian. Swords of the Viking Age*. London: Boydell Press, 2002, p. 1-14.
- OAKESHOTI, Eward. *The archaeology of weapons*. Cambridge: Lutterworth Press, 1960.
- ÓLASON, Vésteinn. Family Sagas *In: MCTURK, Rory (org.). A companion of Old Norse Literature and culture*. Oxford: Routledge, 2005, p. 101-1118.
- PERNOUD, Régine. *Idade Média: o que não nos ensinaram*. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- PRICE, Neil. An archaeology of altered states: shamanism and material culture studies *In: PRICE, Neil (org.). The archaeology of shamanism*. Oxford: Routledge, 2004, p. 3-16.
- PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993.
- QUILES, Carlos. *A Grammar of Modern Indo-European: language and culture, writing system and phonology, morphology, syntax*.

- Asociación Cultural DNGHU, 2007, p. 372. ISBN: 978-84-611-7639-7.
- ROHRBACHER, David. *The Historians of Late Antiquity*. Oxford: Routledge, 2002.
- ROSENTHAL, Else; WILSON, David M. (ed.). *From Viking to Crusader: The Scandinavians and Europe 800-1200*. New York: Rizzoli: 1992.
- ROSS, D. O. *Aeneid: A readers guide*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.
- SAWYER, P. H. *Kings and Vikings: Scandinavia and Europe AD 700-1100*. Oxford: Routledge, 2003.
- SAXO GRAMMATICUS. *Saxonis Gesta Danorum*.
- SIGURÐSSON, Gísli. Helgi Guðmundsson - Um haf innan: Vestrænir menn og íslensk menning á miðöldum. Reykjavík: Háskólaútgáfan, 1997. 413 pages In: *Alvissmál: Forschungen zur mittelalterlichen Kultur Skandinaviens*, vol. 9, n.1, 1999, p. 109-111.
- SIGURÐSSON, Gísli. *Túlkun Íslendingasagna í ljósi munnlegrar hefðar*. Reykjavík: Stofnun Árna Magnússonar, 2002.
- SIGURÐSSON, Jon Viðar. Iceland In: BRINK, Stefan; BRINK, Stefan (Ed.). *The Viking World*. London: Routledge, 2008, p. 571-578.
- SPEIDEL, Michael P. *Ancient Germanic Warriors: warriors styles from Trajan`s Column to Icelandic sagas*. Oxford: Routledge, 2004.
- SPRAGUE, Martina. *Norse warfare: unconventional battle strategies of the ancient vikings*. New York: Hippocrene Books, 2007.
- STEFÁNSSON, Magnus. The Norse island communities of the Western Ocean In: HELLE, Knut (org.). *The Cambridge History of Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 202-220
- STUTLEY, Margaret. *Shamanism: an introduction*. Oxford: Routledge, 2003.
- THE COLUMBIA ENCYCLOPEDIA. Sixth Edition, online version. Columbia: Columbia University Press. Disponível em <<http://www.bartleby.com/65/ol/OlafGuth.html>> Acesso em 24 fev 08).
- ÞORLÁKSSON, Helgi. Historical background: Iceland 870-1400 In: MCTURK, Rory (org.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blackwell, Publishing, 2005, p. 136-154.

- TÓMASSON, Sverrir. Old Iceland Prose *In*: NEIJMANN, Daisy. *A history of Icelandic literature*. Nebraska: University of Nebraska Press & The American-Scandinavian Foundation, 2006, p. 67-173.
- VANDERBILT, Deborah. Translation and orality in the Old English Orosius *In*: *Oral Tradition*, nr. 13, vol. 2. Columbia: Center for Studies in Oral Tradition, 1998, p. 377-397.
- VÉSTEINSSON, Orri. Archaeology of Economy and Society *In*: MCTURK, Rory (org.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blackwell, Publishing, 2005, p. 7-26.
- VÉSTEINSSON, Orri. Patterns of settlement in Iceland: a study in prehistory *In*: *Saga-Book XXV:1*. London: Viking Society for Northern Research, 1997, p. 1-29.
- VÉSTEINSSON, Orri. *The Christianization of Iceland: Priests, Power, and Social Change 1000-1300*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- VLASTO, A. P. *Entry of Slavs Christendom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.
- WHALEY, Diana. *Heimskringla – An introduction*. Text series 8. London: Viking Society for Northern Research, 1991.
- WILLIBALD. The Life of Saint Boniface *In*: NOBLE, Thomas F. X.; HEAD, Thomas, HOARE, F. R. *Soldiers of Christ: Saints and Saints' Lives from Late Antiquity and the Early Middle Ages*. London: Continuum International Publishing Group, 1995.
- WÜRTH, Stefania. Historiography and Pseudo-History *In*: MCTURK, Rory (ed.). *A companion of Old Norse Literature and culture*. Oxford: Routledge, 2005, p. 155-173.
- ZOËGA'S: A Concise Dictionary of Old Icelandic. Toronto: Toronto University Press, 2004.

